



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE – UFRN
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS EM REDE NACIONAL -
PROFLETRAS
CENTRO DE ENSINO SUPERIOR DO SERIDÓ - CERES
DEPARTAMENTO DE LETRAS DO CERES - DLC**

JOSÉ VILMAR FIRMINO

**OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO ARTIGO DE OPINIÃO:
UMA INTERVENÇÃO ATRAVÉS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

**CURRAIS NOVOS/RN
2020**

JOSÉ VILMAR FIRMINO

**OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO ARTIGO DE OPINIÃO:
UMA INTERVENÇÃO ATRAVÉS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de Linguagens e Letramentos (Linha de Pesquisa em Teorias da Linguagem e Ensino – área de concentração em Linguística Aplicada).

Orientadora: Profa. Dra. Maria Assunção Silva Medeiros

**CURRAIS NOVOS/RN
2020**

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN
Sistema de Bibliotecas - SISBI
Catalogação de Publicação na Fonte. UFRN - Biblioteca Setorial do Centro de Ensino Superior do Seridó
CERES Currais Novos

Firmino, José Vilmar.

Operadores argumentativos no artigo de opinião: uma intervenção através da sequência didática / José Vilmar Firmino. - 2020.

164 f.: il. color.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ensino Superior do Seridó, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Letras. Currais Novos, RN, 2020.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Assunção Silva Medeiros.

1. Ensino - Dissertação. 2. Operadores argumentativos - Dissertação. 3. Artigo de opinião - Dissertação. 4. Sequência didática - Dissertação. I. Medeiros, Maria Assunção Silva. II. Título.

RN/UF/BS - CERES Currais Novos

CDU 811.134.3

JOSÉ VILMAR FIRMINO

**OPERADORES ARGUMENTATIVOS NO ARTIGO DE OPINIÃO:
UMA INTERVENÇÃO ATRAVÉS DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Letras, na área de Linguagens e Letramentos (Linha de Pesquisa em Teorias da Linguagem e Ensino – área de concentração em Linguística Aplicada).

Orientadora: Profa. Dra. Maria Assunção Silva Medeiros

Aprovada em ____/____/____

Prof. Dra. Maria Assunção Silva Medeiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Presidente – Orientadora

Prof. Dr. Mário Lourenço de Medeiros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Membro Interno

Prof. Dr. Ananias Agostinho Silva
Universidade Federal Rural do Semi-Árido - UFRSA
Membro Externo

Dedico este trabalho a todos que sempre acreditaram nos meus ideais e contribuíram espontaneamente para que esses pudessem fluir de maneira tão natural.

AGRADECIMENTOS

Ao supremo Deus, que me proporciona a chance de viver e de vencer a cada novo dia.

Aos meus pais, Gonçalo e Terezinha, pela graça de tê-los sempre ao meu lado, impulsionando meu desejo de retribuição ao que me foi dado por eles.

À minha esposa Vanessa, pelo apoio e pela compreensão nos vários momentos de ausência para a realização deste sonho.

Aos meus filhos, Marcelo, Laura e Murilo, por superarem a minha ausência sem qualquer reclamação.

Aos meus irmãos, Valmir, Waléria e Waldson, pelo suporte moral depositado na confiança do meu objetivo.

A todos os familiares, pela certeza de que um sonho individual pode ser compartilhado e sentido pela coletividade.

Aos amigos verdadeiros, pela paciência em ouvir meus devaneios e ainda me incentivar a buscá-los.

A todos os doutores e doutoras professores do CERES – Currais Novos - RN, que contribuíram diretamente para a minha formação docente e realização deste trabalho.

Ao PROFLETRAS-UFRN, por proporcionar a rica oportunidade de aprendizagem sobre as práticas de ensino contemporâneas.

À CAPES, por assegurar a condução do programa, com qualidade acadêmica e financiamento dos seus partícipes, através das bolsas de estudo.

Aos irmãos e irmãs de sala de aula, pelos belos momentos vividos que nos fizeram mais fortes para superar todas as dificuldades.

Aos meus queridos alunos, que aceitaram participar das ações pedagógicas de intervenção, sem reclamar da rotina de atividades propostas para este trabalho de pesquisa-ação.

Às coordenadoras e professoras Dra. Marise Galvão e Dra. Josilete Medeiros, que nos acolheu maternalmente desde o primeiro momento.

À professora-orientadora Dra. Maria Assunção Silva Medeiros, que acreditou em nossa proposta e nos conduziu com maestria por este caminho do conhecimento.

“Se o uso da linguagem se dá na forma de textos e se os textos são constituídos por sujeitos em interação, seus quereres e saberes, então, argumentar é humano”.

Ingedore V. Koch (2017, p. 23).

RESUMO

A produção textual escrita requer a constante mobilização prática, com uso de estratégias e procedimentos didáticos que favoreçam à apropriação dessa importante prática social. Desse modo, nosso objeto de pesquisa refere-se ao uso de operadores argumentativos nos textos produzidos pelos alunos através do gênero textual *artigo de opinião*. Assim, o objetivo geral foi mostrar aos alunos a importância semântica dos operadores argumentativos nas produções textuais requeridas em sala de aula, em uma turma do 9º ano de uma escola pública do município de Barcelona-RN. Quanto aos objetivos específicos, o primeiro foi aplicar a Sequência Didática, sugerida em Dolz, Noverraz e Schineuwly (2004), como proposta de intervenção pedagógica com a finalidade de melhorar a produção escrita. O segundo foi perceber o processo evolutivo dos alunos quanto à construção textual argumentativa no gênero *artigo de opinião*, em suas produções escritas. Quanto à metodologia, nossa pesquisa constitui-se em uma pesquisa-ação, balizada em Thiollent (2011), com abordagem qualitativa/quantitativa, de base interpretativista, numa turma com 27 (vinte e sete) alunos, cuja aplicação gerou um *corpus* com 34 (trinta e quatro) produções escritas para as análises. Isso porque utilizamos como laboratório nossa própria sala de aula onde o professor/pesquisador e os alunos foram os participantes da intervenção pedagógica. Nessa perspectiva, dialogamos com os aportes teóricos da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa. Buscamos suporte em Adam (2008), com relação à Linguística Textual; Ducrot (1977, 1980), a respeito da argumentação na língua; nos estudos de Kock (2011) e Koch e Elias (2017), com relação aos operadores argumentativos; Marcuschi (2002, 2005), sobre gêneros textuais; Perelman e Olbrechts-Tyteca (2005), com os estudos sobre a retórica argumentativa; Bakhtin (2003), sobre a noção de gênero discursivo; e Antunes (2009), com a semântica textual, principalmente na relação de sentido estabelecida pelos elementos da coesão textual. Os resultados das análises nas produções escritas dos alunos apontaram, ao final dessa pesquisa-ação, que o uso dos operadores argumentativos nos artigos de opinião, passaram a atender de forma mais adequada aos propósitos comunicativos. Portanto, empregados de maneira mais articulada, evidenciaram uma evolução, embora limitada, no emprego efetivo desses elementos linguísticos, manifestada na tessitura textual das produções analisadas no *corpus* desse trabalho, contribuindo para uma argumentação mais concisa e, portanto, mais consistente na defesa dos pontos de vista.

Palavras-chave: Ensino. Operadores argumentativos. Artigo de Opinião. Sequência Didática.

ABSTRACT

Written text production requires constant practical mobilization, using didactic strategies and procedures that favor the appropriation of this important social practice. Thus, our research object refers to the use of argumentative operators in texts produced by students through the textual genre of opinion. Thus, the general objective was to show students the semantic importance of argumentative operators in the textual production required in the classroom, in a 9th grade class at a public school in the municipality of Barcelona-RN. As for the specific objectives, the first was to apply the Didactic Sequence, suggested in Dolz, Noverraz and Schineuwly (2004), as a pedagogical intervention proposal with the purpose of improving written production. The second was to perceive the students' evolutionary process regarding the argumentative textual construction in the opinion article genre, in their written productions. As for the methodology, our research constitutes an action research, based on Thiollent (2011), with a qualitative / quantitative approach, with an interpretive basis, in a class with 27 (twenty-seven) students, whose application generated a *corpus* with 34 (thirty-four) productions written for analysis. This is because we use our own classroom as a laboratory where the teacher / researcher and the students were participants in the pedagogical intervention. In this perspective, we dialogue with the theoretical contributions of Textual Linguistics and Argumentative Semantics. We seek support from Adam (2008), in relation to Textual Linguistics; Ducrot (1977, 1980), about argumentation in the language; in the studies by Kock (2011) and Koch and Elias (2017), regarding argumentative operators; Marcuschi (2002, 2005), about textual genres; Perelman and Olbrechts-Tyteca (2005), with studies on argumentative rhetoric; Bakhtin (2003), on the notion of discursive genre; and Antunes (2009), with textual semantics, mainly in the relation of meaning established by the elements of textual cohesion. The results of the analyzes in the students' written productions showed, at the end of this action research, that the use of argumentative operators in opinion articles, started to serve more adequately the communicative purposes. Therefore, employed in a more articulated manner, they showed an evolution, although limited, in the effective use of these linguistic elements, manifested in the textual fabric of the productions analyzed in the corpus of this work, contributing to a more concise and, therefore, more consistent argument in the defense of viewpoints..

Keywords: Teaching. Argumentative operators. Opinion article. Didactic sequence.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

| | |
|--|----|
| FIGURA 1 – Esquema de classe argumentativa | 34 |
| FIGURA 2 – Esquema de escala argumentativa com sentido positivo | 36 |
| FIGURA 3 – Esquema de classe argumentativa com sentido negativo | 36 |
| FIGURA 4 – Esquema da sequência didática | 60 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|--|-----------|
| GRÁFICO 1 – Gêneros textuais preferidos | 58 |
|--|-----------|

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 1 – Você gosta de ler? | 53 |
| Quadro 2 – O que ler? | 54 |
| Quadro 3 – Com que frequência? | 56 |
| Quadro 4 – Qual o gênero de sua preferência? | 57 |
| Quadro 5 – Tipos de argumentos | 66 |
| Quadro 6 – Tipos de operadores argumentativos de orientação argumentativa | 68 |
| Quadro 7 – Operadores argumentativos de articulação textual..... | 71 |
| Quadro 8 – Classificação dos modalizadores | 74 |
| Quadro 9 – Operadores argumentativos na produção inicial do <i>artigo de opinião</i> | 77 |
| Quadro 10 – Operadores argumentativos na produção final do <i>artigo de opinião</i> | 79 |
| Quadro 11 – Operadores argumentativos nas produções inicial e final do <i>artigo de opinião</i> | 81 |

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADL – Argumentação na Língua

AP – Aluno-Participante

EF – Ensino Fundamental

IFRN – Instituto Federal do Rio Grande do Norte

PCN – Parâmetros Curriculares Nacionais

PROFLETRAS – Programa de Mestrado Profissional em Letras

SD – Sequência Didática

UFRN – Universidade Federal do Rio Grande do Norte

SUMÁRIO

| | | |
|--------------|--|------------|
| 1 | INTRODUÇÃO | 15 |
| 2 | FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA | 21 |
| 2.1 | ARGUMENTAÇÃO: UM POUCO DA HISTÓRIA | 21 |
| 2.2 | GENEROS TEXTUAIS E ARGUMENTATIVIDADE | 25 |
| 2.3 | OPERADORES ARGUMENTATIVOS | 29 |
| 2.3.1 | Operadores argumentativos de orientação argumentativa | 33 |
| 2.3.2 | Operadores argumentativos: articuladores de organização textual e articuladores metadiscursivos modalizadores | 39 |
| 2.4 | O GÊNERO TEXTUAL <i>ARTIGO DE OPINIÃO</i> : ORIGENS, DEFINIÇÃO E CARACTERÍSTICAS | 42 |
| 2.5 | O <i>ARTIGO DE OPINIÃO</i> NA SALA DE AULA | 45 |
| 3 | METODOLOGIA | 48 |
| 3.1 | ABORDAGEM DA PESQUISA | 48 |
| 3.2 | AMBIENTE DA PESQUISA | 50 |
| 3.3 | PARTICIPANTES DA PESQUISA | 51 |
| 3.4 | DIAGNÓSTICO DA LEITURA | 52 |
| 3.5 | GERAÇÃO DO <i>CORPUS</i> DA PESQUISA | 58 |
| 3.6 | A SEQUÊNCIA DIDÁTICA GERADORA DO <i>ARTIGO DE OPINIÃO</i> | 59 |
| 3.6.1 | Apresentação da situação para a produção inicial do <i>artigo de opinião</i> | 61 |
| 3.6.2 | Desenvolvimento dos módulos de atividades | 64 |
| 3.6.3 | Reescrita do texto final | 75 |
| 4 | ANÁLISE DOS RESULTADOS DA APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA | 76 |
| 4.1 | OPERADORES ARGUMENTATIVOS NAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS: ANÁLISES QUANTITATIVAS | 76 |
| 4.2 | OPERADORES ARGUMENTATIVOS NAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS: ANÁLISES QUALITATIVAS | 82 |
| 5 | CONSIDERAÇÕES FINAIS | 103 |
| | REFERÊNCIAS | 106 |
| | WEBGRAFIA | 108 |
| | APÊNDICE | 109 |
| | ANEXOS | 110 |

1 INTRODUÇÃO

A docência na disciplina de Língua Portuguesa, no Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano, gera algumas expectativas quanto à capacidade dos discentes na compreensão leitora nos diversos gêneros textuais utilizados nas práticas de comunicação social. Isso também ocorre quanto à habilidade escritora nesses mesmos gêneros textuais, visto que esses alunos já vêm passando por um processo educativo de preparação para lidar com essas práticas escolares e, principalmente, por se tratar de ações vivenciadas cotidianamente na comunicação moderna.

No entanto, as atividades de leitura e escrita na sala de aula revelam algumas deficiências educacionais dos alunos, sobretudo quando estes são solicitados a interpretar e produzir textos em que a argumentação é o componente primordial para o sucesso comunicativo da construção textual.

Especificamente, nas atividades de produção textual desenvolvidas na sala de aula, nos contatos anteriores a este trabalho de pesquisa, foi possível observar, ainda sem o viés metodológico da pesquisa científica, mas apenas pela observação prática e superficial, que uma parcela considerável dos alunos do Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano (EF II), da escola onde o professor-pesquisador atua, sente grandes dificuldades para produzir um texto de tipologia argumentativa.

Em diálogo com os alunos, eles alegaram, dentre alguns motivos, que têm posicionamentos e conhecimentos acerca das temáticas sociais postas em discussão para as atividades de produção textual, porém sentem dificuldade em transpor de maneira articulada esses pensamentos e ideias para o campo da escrita. Além disso, relataram dificuldades de organização da estrutura dos textos, e, que, por isso, a produção textual não se desenvolve ao ponto de dizer tudo o que gostariam de enunciar, principalmente, nos textos que solicitam o ponto de vista sobre temas do cotidiano.

Não obstante, esses alunos também reclamaram da forma como as atividades de produção escrita são direcionadas na escola, quase sempre solicitadas sem que os professores os mostrem os caminhos a seguir.

Pelo exposto, a escolha do gênero textual *artigo de opinião*, se deu por meio de indicação da preferência dos alunos em questionário aplicado

anteriormente ao desenvolvimento da pesquisa-ação, e por considerarmos ser um dos artefatos textuais de tipologia argumentativa de maior circulação social e, também, de reconhecida prática social no cotidiano, uma vez que estamos sempre emitindo opiniões sobre os mais diversos assuntos da vida em sociedade.

Desse modo, como a escola é o espaço de formação dos indivíduos para enfrentar as nuances da vida fora dela, devemos pensar esse ato formativo de acordo com o público inserido nesse contexto: os adolescentes.

Assim, como citado nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1998) para o ensino e aprendizagem de Língua Portuguesa, também compreendemos que a adolescência, fase na qual esses indivíduos estão inseridos, é um momento de muitas transformações e, que, por essa razão, requer atenção e esforço redobrados dos profissionais que atuam na escola, especialmente o professor, na condução de uma formação escolar mediadora dos conhecimentos necessários para a vida dentro e fora da sala de aula.

Corroboramos a ideia de que na passagem da infância para a adolescência, as transformações naturais de ordem física e emocional afetam diretamente as relações sociais, fazendo surgir a necessidade de pensar a vida adulta e, conseqüentemente, a necessidade de ingressar no mercado de trabalho.

Com isso, emerge a preocupação dos indivíduos em preparar-se cognitivamente para enfrentar os desafios de um mundo moderno, totalmente permeado por mensagens escritas nos diversos gêneros textuais, que precisam ser entendidas e produzidas. Como exemplo, as empresas que utilizam *marketing* persuasivo para atrair clientes, as quais necessitam que seus funcionários sejam conhecedores dessa estratégia comunicativa na comercialização de seus produtos. Como recompensa, aqueles que melhor aprenderam a utilizar os conhecimentos persuasivos ganham destaque e oportunidades de ascender no trabalho.

Nesse sentido, acreditamos que as dificuldades de comunicação, através do código linguístico escrito, passam por deficiências educacionais de ordens e situações complexamente específicas no processo escolar, que não foram supostamente diagnosticadas e trabalhadas de forma adequada para superá-las, sobretudo quanto à escrita do *artigo de opinião*, mesmo este sendo um

gênero de uso corriqueiro, seja na escola, nos exames e processos de seleção, ou nas práticas sociais do dia a dia.

Então, partindo das constatações citadas, optamos pelos operadores argumentativos como objeto de estudo na produção textual do *artigo de opinião*, em uma turma do 9º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede pública municipal de Barcelona-RN, na qual atua este professor-pesquisador. Assim, para desenvolver um trabalho de pesquisa-ação, com o uso dos operadores argumentativos, no gênero textual *artigo de opinião*, na produção escrita dos alunos, optamos por uma intervenção pedagógica, em sala de aula, através de uma proposta metodológica de Sequência Didática (SD), sugerida em Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004).

Desse modo, nosso objetivo geral foi analisar o uso dos operadores argumentativos, no gênero textual *artigo de opinião*, na produção escrita dos alunos-participantes, a partir de uma ação intervencionista guiada por uma proposta de sequência didática, dentro de um processo prático e metodológico de pesquisa-ação.

Desse modo, para o desenvolvimento do nosso trabalho, apontamos os seguintes objetivos específicos:

1. Aplicar a Sequência Didática sugerida em Dolz, Noverraz e Schineuwly (2004), como proposta de intervenção pedagógica com a finalidade de melhorar a produção escrita.
2. Perceber o processo evolutivo dos alunos quanto à construção textual argumentativa no gênero *artigo de opinião*.

Entretanto, para o desenvolvimento dessa pesquisa, apontamos inicialmente algumas questões que nortearam o trabalho como um todo, as quais apresentamos a seguir:

1. Através da aplicação da Sequência Didática (SD) sugerida, é possível produzir um texto argumentativo desejável?
2. É possível observar alguma evolução quanto ao uso dos operadores argumentativos na produção do gênero *artigo de opinião* no decorrer da aplicação da SD?

Face ao exposto, nossa pesquisa se justifica pelo fato de que na maioria dos livros didáticos não apresentam atividades mais consistentes com relação ao uso de operadores argumentativos em textos de opinião. O que aparecem

são propostas gerais de trabalhar com alguns gêneros textuais apenas como pano de fundo para responder atividades interpretativas por meio de recortes de frases e trechos isolados do próprio texto e, principalmente, do contexto que o envolve.

Justificamos ainda, pela necessidade dos aprendizes conhecerem e/ou compreenderem melhor os operadores argumentativos, que podem atuar semanticamente nos enunciados como orientação argumentativa, articulação textual e articulação metadiscursiva.

Desse modo, esse estudo se torna relevante em virtude de sua aplicabilidade no ensino de Língua Portuguesa, numa turma do 9º ano, especificamente porque seu acesso ao ensino médio, em algumas escolas, exige no processo seletivo, a produção de textos de tipologia argumentativa, em especial, o *artigo de opinião*.

Assim, faz-se necessário analisar a construção textual dos textos produzidos por esses alunos, detectando os principais problemas dessa construção e planejando uma ação educativa intervencionista a fim de contribuir significativamente para o conhecimento teórico dos operadores argumentativos, importantes para o sucesso comunicativo em textos dessa natureza tipológica.

Ademais, analisamos a evolução da produção textual dos alunos do 9º ano durante o desenvolvimento da proposta de intervenção por meio da sequência didática, no tocante à produção escrita do gênero textual *artigo de opinião*, em especial, ao uso dos operadores argumentativos.

Com esse propósito, procuramos mostrar a utilidade dos conhecimentos sobre o objeto de estudo em tela na produção de outros gêneros textuais, como a crônica, o discurso político, a carta argumentativa, entre outros da tipologia argumentativa, para o aperfeiçoamento prático da escrita nos mais variados gêneros de uso social. De acordo com Marcuschi (2005, p. 29): “quando dominamos um gênero textual, não dominamos uma forma linguística e sim uma forma de realizar linguisticamente objetivos específicos em situações sociais particulares.”

Assim, para embasar nossa pesquisa, procuramos subsídios teóricos em autores que contribuem para as discussões em torno do objeto de estudo em questão, selecionando inicialmente Bakhtin (2003), sobre a noção de gênero discursivo; Adam (2008), principalmente por seus postulados voltados para a

Linguística Textual; Marcuschi (2002, 2005), no tocante aos estudos sobre os gêneros textuais como artefatos de uso social; seguindo com Ducrot (1977, 1980), Cabral (2011), Plantin (2008), Perelman e Olbrechts-Tyteca (1998, 2005), Koch (2011) e Koch e Elias (2017), no que diz respeito à argumentação; além de Antunes (2009), principalmente na relação de sentido estabelecida pelos elementos linguísticos da articulação coesiva e modalização textual, dentre outros autores.

Quanto à proposta de aplicação da sequência didática, selecionamos os conceitos de Schneuwly, Noverraz e Dolz (2004), como apoio para o desenvolvimento do trabalho de estudo sobre o gênero *artigo de opinião*, seguindo os encaminhamentos metodológicos das oficinas (módulos) de abordagem dos pontos mais relevantes para a intervenção pedagógica.

No tocante à metodologia, trabalhamos com uma pesquisa-ação numa abordagem qualitativa/quantitativa, de base interpretativista. Isso, porque nos interessa aplicar intervenção pedagógica, com foco na pesquisa-ação, visto que a sala de aula é o nosso laboratório no dia a dia. E, que, para tanto, tomamos por base Thiollent (2011), porque norteia todo o percurso que devemos seguir numa pesquisa-ação. Nesse processo de trabalho da pesquisa-ação, apresentamos a seguir a organização dos capítulos da presente dissertação:

O primeiro capítulo, intitulado de introdução, apresenta um breve balanço da situação educacional observada num espaço escolar específico, para, em seguida, apresentar as justificativas de escolha pelo trabalho a partir de um gênero textual de tipologia argumentativa. Desta forma, expusemos a relevância do trabalho e as questões de partida que suscitaram a pesquisa do objeto de estudo em tela, fazendo emergir os objetivos de ensino que pretensamente deverão ser alcançados com a proposta de intervenção pedagógica. Para tanto, foram apresentados os aportes teóricos iniciais para a fundamentação do trabalho de pesquisa.

O segundo capítulo foi destinado à fundamentação teórica, onde se encontram os diálogos com as diversas correntes teóricas de pesquisadores do objeto de estudo deste trabalho, que foi subdividido em cinco itens. No primeiro (2.1), fizemos uma exposição do processo histórico da argumentação enquanto mecanismo linguístico de adesão ao ponto de vista do locutor. No segundo item (2.2), abordamos a argumentatividade presente nos gêneros textuais. Em

seguida, no terceiro item desse capítulo (2.3), discorreremos sobre os operadores argumentativos na orientação argumentativa, na articulação textual e na modalização metadiscursiva, como recursos linguísticos da argumentação na língua. No item seguinte (2.4), abordamos e discutimos o *artigo de opinião* como gênero histórico de circulação social e de importância na formação de leitores e escritores, ao passo que, no último item do capítulo (2.5), apresentamos a importância do trabalho com o gênero textual *artigo de opinião* em sala de aula.

No terceiro capítulo, destinado à metodologia, foi descrita a abordagem teórico-metodológica da pesquisa, cujo enfoque se deu na sua natureza qualitativa e caráter interpretativista. Com isso, apresentamos o ambiente da pesquisa escolhido para o trabalho, os participantes que integraram as atividades intervencionistas, o diagnóstico da leitura, a geração do *corpus* e a sequência didática que gerou os artigos de opinião dos alunos para as análises.

No quarto, discorreremos sobre as análises interpretativas dos resultados alcançados, a partir das produções textuais dos alunos, coletadas no início e no fim dos módulos da SD, vendo os dados quantitativos e qualitativos.

No quinto, expusemos as considerações finais, com proposições de atividades futuras para enfrentar o problema da construção textual argumentativa, seguido pelas referências utilizadas durante todo o percurso de escrita deste trabalho.

Contudo, ressaltamos que não é propósito dessa pesquisa apresentar novas teorias ou criar novos conceitos sobre o objeto de estudo desse trabalho, mas sim, responder aos objetivos do PROFLETRAS, que é a busca da melhoria da relação ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Na atualidade, a argumentação tem sido importante objeto de análise linguística nas pesquisas científicas, visto sua recorrência nas manifestações sociais em linguagem oral ou escrita. Mesmo não sendo uma descoberta recente, já que existe desde muito antes do que nos ensinam na escola, é a partir da Linguística Textual que a argumentação ganha espaço como objeto de estudo.

2.1 ARGUMENTAÇÃO: UM POUCO DA HISTÓRIA

A argumentação é uma prática cotidiana de expressão do pensamento humano, pois quando manifestamos nosso intento comunicativo mais simples e trivial fazemos uso de argumentos que buscam a adesão dos nossos semelhantes. Logo, corroboramos a ideia de que “argumentar é humano” (KOCH e ELIAS, 2017, p. 9).

Desde a organização dos povos e a criação dos códigos linguísticos, aprendemos a argumentar. Seja nas conversas com os familiares, nas atividades escolares ou nas demais relações sociais, somos sempre solicitados a expressar nosso ponto de vista, fazendo com que a argumentação seja uma prática natural.

Desse modo, o sentido do que se diz está na relação entre o locutor e seu interlocutor, uma vez que “O enunciado está repleto de ecos e lembranças de outros enunciados, aos quais está vinculado no interior de uma esfera comum da comunidade verbal.” (BAKHTIN, 2003, p. 297)

Desde a Grécia Antiga, Aristóteles procurou discutir os elementos que constroem a argumentação, fazendo surgir uma abordagem investigativa desse objeto de estudo séculos depois. Ele foi o filósofo a propor uma teoria da argumentação, tomando a Retórica como a arte de encontrar caminhos para a persuasão por meio de argumentos.

Segundo Guimarães (1987, p. 24), a argumentação é vista “como a busca da persuasão de um auditório (alocutário) pelo locutor”. Inicialmente, ela foi pensada como componente dos sistemas lógico, definido como “a arte de pensar corretamente”; e do retórico, como “a arte de bem falar”; e do dialético, como “a arte de bem dialogar” (PLANTIN, 2008, p. 8-9), sendo esses pensamentos

desconstruídos até o fim do século XIX, para dar lugar ao uso dos argumentos como mecanismos linguísticos composicionais dos discursos fanáticos dos totalitarismos. Por esses motivos, a argumentação passou a ser utilizada muito mais no meio jurídico e dogmático religioso do que nas atividades sociolinguísticas.

Segundo Franchi (2006, p. 78) “a retórica, como a gramática, foi judicializando-se, sacralizando-se, como mais um privilégio político e clerical. Ela acabou transformando-se, na escola, em um compêndio para memorização e exercícios classificatórios.” Desse modo, inútil social e educacionalmente, a retórica desapareceu como prática escolar, que somente na segunda metade do século XX volta a ser discutida pelos linguistas.

De acordo com Medeiros (2013):

A tradição retórica e poética dominou a reflexão literária do século V a.C. até o século XIX. Ao longo desses séculos, surgiram muitos conceitos em torno do fenômeno discursivo, o que deixou os estudos retóricos relegados a um segundo plano. Entretanto, nas duas últimas décadas, cada vez mais os estudiosos de literatura e de outras áreas do saber voltam sua atenção para os estudos que abrangem a retórica sob novo enfoque sociodiscursivo (MEDEIROS, 2013, p. 62).

Com isso, somente depois da Segunda Guerra Mundial, mais precisamente em 1958, é que a argumentação volta a ser tratada como construção de um pensamento autônomo, com a publicação da obra o *Tratado da argumentação*, de Perelman e Olbrechts-Tyteca (1958), com o subtítulo *A nova retórica*. Segundo Plantin (2008), nessa edição:

A insistência recai sobre o termo argumentação, o que constitui uma real inovação e manifesta claramente o movimento de revival, de renascimento, emancipação e refundação dos estudos de argumentação depois da Segunda Guerra Mundial. (PLANTIN, 2008, p. 7)

Desse modo, refundada, a argumentação volta a ter seu destaque na escola, principalmente nas discussões e estudos em torno da arte de bem falar, a retórica. Contudo, a retórica não se resume apenas a um mero estilo linguístico a favor da argumentação, mas também assume seu papel no processo de formação curricular da educação, como parte integrada aos conhecimentos

linguísticos da gramática e da pragmática linguística. Como exemplo, os elementos linguísticos da articulação textual, responsáveis pela orientação dos argumentos, que se tornaram objeto de estudo de muitas pesquisas no campo educacional a partir desse novo momento de destaque dado à argumentação e, por conseguinte, à retórica.

Assim, sobre a retórica como atividade escolar atrelada ao ensino de gramática, Franchi (2006, p. 77) diz que “Esta, no sentido mais abrangente, fazia parte da formação linguística do jovem que, pelo discurso, pudesse participar ativamente na vida social.” Ele complementa esse pensamento apontando a função social desse recurso linguístico, ao mencionar que a retórica “Era a arte de articular os recursos expressivos sempre relacionando-os a situações em que deve intervir.”

Já na Retórica moderna, o argumentador estabelece analogicamente uma espécie de jogo, no qual a cada lance são feitas jogadas para tentar vencer, ou melhor, convencer o outro sobre um ponto de vista.

Segundo afirmação de Perelman (1987):

Uma teoria da argumentação, na sua concepção moderna, vem assim retomar e ao mesmo tempo renovar a retórica dos Gregos e dos Romanos, concebida como a arte de bem falar, ou seja, a arte de falar de modo a persuadir e a convencer, e retoma a dialética e a tópica, artes do diálogo e da controvérsia (PERELMAN, 1987, p. 234)

Nesse sentido, sua preocupação deve estar voltada para a construção de sistemas axiomáticos que evitem dúvidas e ambiguidades sobre a ideia que se pretende defender, a ponto de convencer o outro. Caso contrário, a simples apresentação de motivos superficiais deixará a interpretação livre para a adequação interpretativa de interesse pretendido pelo interlocutor.

Sob essa ótica contemporânea discursiva e persuasiva, é possível afirmar que todo texto dissertativo precisa argumentar, apresentando provas a favor da posição assumida, além de provas para mostrar que a posição contrária está equivocada. Para isso, os argumentos baseiam-se nos conceitos apresentados, na adequação dos fatos para exemplificar esses conceitos, bem como na correção do raciocínio que estabelece relação entre conceitos e fatos (GUEDES, 2002, p. 313).

Desse modo, é imprescindível citar os estudiosos franceses Oswald Ducrot e Jean-Claude Anscombre, criadores da Teoria da Argumentação na Língua (ADL), cujos estudos estiveram preocupados em levantar as possibilidades que a língua oferece para o seu uso, na mesma proporção em que ela impõe limites. Para esses autores, a argumentação encontra-se marcada nas escolhas linguísticas e não apenas na organização dos discursos e na escolha de argumentos, como pensam os estudiosos da Retórica. Ou seja, para a ADL não basta apenas o dizer de forma planejada, mas sim, a condução pretendida para o que se diz, influenciada por elementos linguísticos que visam a orientar o interlocutor à(s) conclusão(ões) do enunciador.

Ainda no âmbito contextual da argumentação, o que ocorreu com os lógicos formalistas, foi que se sentiram livres para construir seus sistemas axiomáticos por meio de signos e combinações de signos, cujas expressões muitas vezes não possuem provas consideradas válidas nesses sistemas construídos. Por isso, segundo afirmam Perelman e Tyteca (2005):

A busca da univocidade indiscutível chegou a levar os lógicos formalistas a construir sistemas nos quais não há preocupação com o sentido das expressões: ficam contentes se os signos introduzidos e as transformações que lhes dizem respeito ficam fora de discussão (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 16)

Contudo, apostar em construções enunciativas apenas propositivas para a dedução das verdades do interlocutor correm o risco de não atingir o objetivo proposto pela argumentação, que é o de influenciar, por meio do discurso, a intensidade da adesão do alocutário à tese, sem considerar as condições psíquicas e sociais. Logo, conforme se assevera em Perelman e Tyteca (2005, p. 16): “toda argumentação visa à adesão dos espíritos e, por isso mesmo, pressupõe a existência de um contato intelectual”, pois sem essa relação cognitiva, a mera exposição argumentada entre interlocutores descontextualizados não passará de um esforço retórico desperdiçado.

Sendo assim, pela variedade dos públicos, o orador enunciatário busca por meio da argumentação adaptar-se a todas as particularidades em torno de um ideal de convencimento e aceitação às teses defendidas. A esse respeito, Perelman e Tyteca (2005, p. 29) citam que “A busca de uma objetividade, seja

qual for sua natureza, corresponde a esse ideal, a esse desejo de transcender as particularidades históricas ou locais de modo que as teses defendidas possam ser aceitas por todos”.

Essa aceitação às teses vai provocar efeitos nos interlocutores de engajamento e adesão aos argumentos apresentados pelo locutor. Dessa forma, segundo Perelman e Tyteca (2005):

O objetivo de toda argumentação, como dissemos, é provocar ou aumentar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam a seu consentimento: uma argumentação eficaz é a que consegue aumentar essa intensidade de adesão de forma que se desencadeie nos ouvintes a ação pretendida (ação positiva ou abstenção) ou, pelo menos, crie neles uma disposição para a ação, que se manifestará no momento oportuno. (PERELMAN e TYTECA, 2005, p. 50)

Assim, visto que nosso trabalho de pesquisa está voltado para os operadores linguísticos da construção argumentativa, tomamos como propósito dessa construção o seu objetivo principal pertinente à tipologia em destaque, que é convencer o público sobre os posicionamentos subjetivos apresentados nos textos. Contudo, conforme ressalta Medeiros (2013, p. 79): “O princípio da argumentatividade se faz presente em toda e qualquer atividade discursiva, o que comprova a vitalidade dos estudos retóricos até os dias atuais”

Assim, cabe-nos iniciar o processo dialógico com as fontes norteadoras da nossa pesquisa-ação, fazendo uma breve exposição sobre as raízes históricas da argumentação, que é a base de sustentação do gênero textual *artigo de opinião*. Do mesmo modo, é oportuno apresentar como a argumentatividade se estabelece nos gêneros textuais, a partir do uso dos operadores argumentativos.

2.2 GÊNEROS TEXTUAIS E ARGUMENTATIVIDADE

Todo discurso se materializa por meio do texto, e este, por suas especificidades, teve de ser estudado ainda na retórica clássica, de Platão a Aristóteles, e categorizado em uma classe maior: o gênero. Logo, “todo texto se organiza dentro de um determinado gênero” (BRASIL, 1998, p. 26).

Dessa maneira, as produções escritas e orais que usamos para estabelecer as relações sócio discursivas são definidas a partir do gênero, que surge emparelhado às necessidades e atividades socioculturais, e na relação com as inovações tecnológicas (MARCUSCHI, 2002, p. 19-34). E para Adam (2008, p. 43), o texto é o objeto da linguística textual, enquanto que as situações de interação social impostas aos enunciados é objeto da análise de discurso.

Todavia, pela possibilidade de se enunciar algo de formas diversas, cria-se uma dificuldade de definição sobre o gênero ao qual pertence cada texto, e isso se deve ao fato de que os gêneros textuais apresentam recorrências tipificadas que são passíveis de comparação entre as estruturas textuais. Por isso, a hibridização de gêneros textuais dos tempos modernos torna-se uma necessidade de estudos e pesquisas, especialmente por parte dos professores de Língua Portuguesa, para que a sua aplicabilidade nas salas de aula seja feita de forma adequada. Afinal, a função principal do ensino é dinamizar o conhecimento do que se usa na prática e, que, portanto, precisa da apropriação do mediador da aprendizagem.

Dentro dessa perspectiva, compreendemos que os estudos a partir dos gêneros textuais são relevantes quanto às suas funções sociais no contexto atual, pois se uma das propostas da escola é preparar seus alunos para a vida fora dela, sobretudo para as atividades comunicativas que exercerão, conhecer os gêneros textuais de circulação nesse meio é de suma importância para os educandos.

Segundo Bronckart (1999, p. 103):

“[...] a apropriação dos gêneros é um mecanismo fundamental de socialização, de inserção prática nas atividades comunicativas humanas”, o que justifica a tentativa de escolarização dessa acomodação cognitiva por parte dos alunos como cumprimento do seu papel enquanto instituição de formação social”.

Essa apropriação dos gêneros diz respeito, dentre outras possibilidades, às funções, aos meios de circulação, ao suporte, à linguagem e à estrutura composicional dos textos. Tais conhecimentos dão à escola um papel de justificada importância na sociedade. Contudo, há a necessidade de essa mesma escola entender a melhor forma de trabalhar com os gêneros, uma vez

que as correntes teóricas sobre os gêneros discursivos/textuais ainda precisam ser mais estudadas e compreendidas pelos professores, que serão os mediadores desses conhecimentos.

Desse modo, nesse contexto, apesar da ampla discussão nos meios acadêmicos sobre a importância do trabalho com os gêneros textuais, estes como ferramenta socioeducativa, ainda é comum o seu uso apenas como artefato para a mera exploração de exercícios pragmáticos, com respostas prontas e interpretação limitada, onde quase não se aceita uma ideia diferente da disposta nos livros didáticos, e detendo-se a uma exploração exaustiva da gramática prescritiva, que em quase nada contribui na prática da produção textual.

De modo oposto, estamos imersos num mundo de textos tão híbridos, que a tentativa tradicional de estudar apenas uma pequena parte do texto, e mais simples, não faz o menor sentido quando o que se quer é ensinar a fazer sentido pelo texto integral.

Face ao exposto, há uma mudança significativa no pensamento e na prática dos professores mais atentos às propostas atuais de trabalho com os gêneros textuais, sobretudo pela busca de atividades mais significativas para a vida dos alunos, e, conseqüentemente, mais atrativas, visto a grande dificuldade de manter esses indivíduos atentos às aulas de Língua Portuguesa.

Desse modo, devemos tomar por base o que se propõe nos Parâmetros Curriculares Nacionais para um ensino significativo, onde se diz que precisamos, entre outras coisas:

Buscar a plena formação do aluno para participar do convívio social de maneira crítica, a partir de competências e habilidades que estruturam o trabalho com a linguagem, pois, sendo esta uma herança social, reprodutora de sentidos e possibilitadora da interação entre os sujeitos, através do discurso, constitui-se numa das principais práticas sociais. (BRASIL, 1999, p. 19)

Assim, a incumbência do professor parte do planejamento didático para o uso dos gêneros textuais a partir da utilidade linguística desses gêneros no meio social, buscando desenvolver nos alunos as competências e habilidades necessárias de utilização do que foi ensinado. Por isso, segundo afirma Marcuschi (2005, p. 32): “Os gêneros são, em última análise, o reflexo de

estruturas sociais recorrentes e típicas de cada cultura”, e, pelo atual contexto, é demanda necessária dos docentes de Língua Portuguesa nas práticas com gêneros textuais em suas salas de aula.

Dentre essas práticas estão as enquadradas nas atividades de estudos dos gêneros argumentativos, como o *artigo de opinião*, a crônica, o ensaio, a carta, o editorial e a resenha. Tais gêneros textuais estão intimamente ligados às atividades sociais de comunicação da atualidade, nos quais a argumentatividade é a marca sempre presente na composição dos textos, uma vez que “A argumentatividade está presente em todos os gêneros textuais” (KOCH e ELIAS, 2017, p. 10).

Segundo Koch (2011, p. 17), “A interação social por intermédio da língua caracteriza-se, fundamentalmente, pela argumentatividade”. Contudo, ela não constitui-se apenas como acréscimo ao uso linguístico, mas inscrita na própria língua. Nesse sentido, atividades que exploram a argumentatividade na língua através dos textos são muito importantes na perspectiva analítica dos alunos sobre o uso do seu código linguístico, quando o objetivo do discurso é convencer o outro por meio de argumentos, pois segundo a **Teoria da Argumentação na Língua (ADL)**, a argumentação encontra-se marcada nas escolhas linguísticas. (CABRAL, 2011, p. 15, grifos da autora).

Dessa forma,

Argumentar é tentar influenciar o nosso interlocutor por meio de argumentos cuja constituição demanda apresentação e organização de ideias, bem como estruturação do raciocínio que será orientado em defesa da tese ou ponto de vista, visando à adesão do interlocutor (KOCH e ELIAS, 2017, p. 34).

Por conseguinte, escolhemos desenvolver esse trabalho de pesquisa, a partir da produção escrita dos alunos do gênero textual *artigo de opinião*, justamente pela dificuldade que os discentes apresentaram nas atividades de produção textual anteriores à pesquisa, quanto à organização das ideias em defesa de um ponto de vista e quanto às escolhas dos elementos linguísticos responsáveis pela argumentatividade nos textos produzidos.

Assim, acreditamos estar contribuindo de forma significativa para a formação dos discentes no tocante ao uso dos gêneros textuais, principalmente no que diz respeito à sua função social, pois é a partir dela que pretendemos

formar cidadãos mais preparados para lidar com os mais variados usos da linguagem.

E dentro dessa formação estão incluídas a competência e a habilidade argumentativas, pois segundo considera Koch (2017, p. 24):

Argumentação, portanto, é o resultado textual de uma combinação entre diferentes componentes, que exige do sujeito que argumenta construir, de um ponto de vista racional, uma explicação, recorrendo a experiências individuais e sociais, num quadro espacial e temporal de uma situação com finalidade persuasiva.

Nesse sentido, é importante a orientação dos alunos para compreender a argumentação na língua, mostrando e analisando como a argumentatividade se estabelece nos gêneros textuais argumentativos. Por isso, acreditamos na importância da formação escolar por meio dos gêneros textuais como um caminho para lidar com as práticas sociais contemporâneas, em especial, as que se realizam pela argumentação.

Além disso, torna-se também importante mostrar os caminhos possíveis para melhoria dos problemas relatados anteriormente, apresentando aos alunos o uso adequado dos operadores argumentativos que atuam nos gêneros textuais argumentativos, orientando, articulando e modalizando os argumentos.

2.3 OPERADORES ARGUMENTATIVOS

Nossas ações verbais são dotadas de intencionalidade. Por isso o discurso é carregado de intenções, as quais podem ser reconhecidas pelas marcas linguísticas presentes nos enunciados proferidos ou escritos. Outrossim, essas marcas provêm das escolhas dos termos que compõem os enunciados, sendo esses termos relevantes na relação de sentido e, conseqüentemente, na exposição dos argumentos.

Ao produzir um discurso, o homem se apropria da língua, não só com o fim de veicular mensagens, mas, principalmente, com o objetivo de atuar, de interagir socialmente (KOCH, 2011, p. 19), com a intenção de incutir no comportamento do outro ou conseguir a adesão desse outro para determinadas opiniões. Para isso, é necessário um veículo comunicativo que manifeste essa

intencionalidade discursiva, que, na era moderna, a forma social mais utilizada é o texto.

Dessa forma, é importante atentar para o fato de que a construção de um texto, seja ele na modalidade oral ou escrita, é permeada por elementos linguísticos carregados de sentido, que se unem uns aos outros para formar um produto final capaz de estabelecer com eficiência a comunicação interpessoal, uma vez que toda atividade verbal possui, além da motivação inicial, um objetivo final.

Segundo Koch (2017, p. 61), “A gramática de uma língua possui certos elementos que têm por função indicar ou mostrar a força argumentativa dos enunciados, a direção ou o sentido para o qual apontam.” Os elementos aos quais se refere a aludida autora são denominados de operadores argumentativos, que foram estudados e teorizados por Oswald Ducrot e seus seguidores na Teoria da Argumentação na Língua.

Em seus estudos, Ducrot observou que os operadores argumentativos indicam a direção dos enunciados, isto é, se estão orientados para uma mesma conclusão ou para uma conclusão oposta. Por conseguinte, esse estudioso da Semântica Argumentativa designou o conjunto de elementos que orientam os argumentos para uma mesma conclusão de classe argumentativa. Segundo Cabral (2011, p. 86), a classe argumentativa foi postulada por Ducrot (1980), que a exemplifica quando um locutor coloca dois ou mais enunciados servindo como argumentos a favor de uma mesma conclusão.

No entanto, observou-se que mesmo quando os argumentos se orientam para uma mesma direção, há enunciados com maior ou menor força argumentativa, os quais podem ser analisados e classificados numa espécie de gradação de força, designada de escala argumentativa.

Vale ressaltar que os operadores argumentativos na escala argumentativa são responsáveis pela indicação gradual de força hierárquica dos argumentos, sem que o mais forte exclua o mais fraco.

Corroborando a teoria de Ducrot (1980), Koch e Elias (2017) assinalam em seus estudos que,

Os **operadores** ou **marcadores argumentativos** são, pois, elementos linguísticos que permitem orientar nossos enunciados para determinadas conclusões. São, por isso mesmo,

responsáveis pela **orientação argumentativa** dos enunciados que introduzem, o que vem a comprovar que a **argumentatividade** está inscrita na própria língua (KOCH e ELIAS, 2017, p. 64, grifos das autoras).

Isso quer dizer que quando discursamos, a direção das nossas intenções argumentativas é marcada por expressões linguísticas apresentadas nos enunciados e, que, uma vez ditas, essas são responsáveis pela orientação argumentativa do nosso ponto de vista. Por isso, o enunciador necessita ter conhecimento acerca dos operadores argumentativos enquanto elementos carregados de sentido, para que seu discurso seja interpretado da mesma forma como fora pensado.

Por vezes, o emprego inadequado dos termos nos enunciados causa problemas de interpretação e/ou não atingem o objetivo pretendido pelo locutor. Assim, o objetivo desse trabalho foi o de mostrar aos alunos a importância semântica dos operadores argumentativos nas produções textuais requeridas em sala de aula, diferentemente da mera classificação das conjunções, locuções conjuntivas, preposições, advérbios e outros elementos de encadeamento dos enunciados compostos (períodos compostos por coordenação e subordinação), muito comum nos livros didáticos do ensino fundamental, disponibilizados aos alunos das escolas públicas brasileiras.

Por conseguinte, este trabalho buscou ir além dos estudos sobre os operadores argumentativos de orientação argumentativa, pois considerou que existem outros elementos linguísticos na produção textual que também merecem atenção nos textos argumentativos. Tais elementos são denominados nos estudos de Koch e Elias (2017, p. 121), de articuladores textuais ou operadores de discurso, e atuam na articulação entre orações, períodos, parágrafos e sequências maiores, com contribuição para a compreensão do texto como uma unidade de sentido.

Todavia, pela variedade dos tipos de articuladores textuais estudados pelas autoras citadas, interessou-nos destacar os articuladores de organização textual e os articuladores metadiscursivos modalizadores, haja vista terem sido pouco observados nas produções textuais dos alunos da turma pesquisada. Sendo que os primeiros são bastante importantes na organização da sequência

textual, e os segundos, geralmente expressam a avaliação do locutor diante do que foi dito.

Ademais, considerou-se que tal conhecimento pode ser construído através de um processo escolar que busque ensinar aos aprendizes como a articulação textual estruturada pela organização de palavras com sentidos e funções específicas, possibilita que essas palavras juntas formem uma construção eficiente para a argumentatividade textual.

Não obstante, postula-se que o ser humano já nasça com um mecanismo cognitivo predisposto para desenvolver a capacidade de organizar as palavras e/ou símbolos para estabelecimento da comunicação, mesmo sem a necessidade de um processo educacional para essa função tão importante em seu meio. Contudo, é por meio da escolarização dos conhecimentos linguísticos que aprendemos a manusear de forma mais apropriada os mecanismos linguísticos responsáveis pela boa mensagem.

Em outras palavras, os operadores argumentativos de articulação textual cumprem uma importante função de ligação entre as ideias materializadas no texto, atuando sintaticamente e semanticamente para melhor traduzir as ideias do enunciador, e garantindo, assim, a coesão textual, pois a relação de sentido se estabelece na sequenciação superficial do texto (KOCH, 2005, p. 46).

Por isso é que podemos afirmar que os estudos da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa postulados por alguns pesquisadores do discurso nos permitiram avançar nas discussões e compreensões sobre como os elementos linguísticos atuam no nosso repertório vocabular, sobretudo a partir do texto como ponto de encontro para as análises dos conceitos sobre a linguagem no texto. Conforme assinala Koch (2005):

A Linguística Textual trata o texto como um ato de comunicação unificado num complexo universo de ações humanas. Por um lado, deve preservar a organização linear que é o tratamento estritamente linguístico abordado no aspecto da coesão e, por outro, deve considerar a organização reticulada ou tentacular, não linear portanto, dos níveis de sentido e intenções que realizam a coerência no aspecto semântico e funções pragmáticas. (KOCH, 2005, p. 27).

Com isso, a análise linguística que se propõe para o texto considera a utilização das palavras não somente como encaixe ordenado de sintagmas

nominais e sintagmas verbais dispostos numa linha, mas pelo sentido prático que as articulações entre as palavras estabelecem coesiva e coerentemente para o conteúdo textual. Logo, entender os processos linguísticos responsáveis pela orientação argumentativa, pela ligação entre as partes que compõem, sequenciam e modalizam o texto, é uma forma concreta de apropriação do código linguístico.

Em síntese, é nessa linha de pensamento sobre os operadores argumentativos que buscamos discutir a importância desses elementos linguísticos para a argumentação nas produções textuais, seja na orientação dos argumentos ou nas articulações textuais.

2.3.1 Operadores argumentativos de orientação argumentativa

Os estudos que deram origem à Teoria da Argumentação na Língua, encabeçados por Ducrot, Anscombe e Vogt, nos permitiram compreender que “existem enunciados cujo traço constitutivo é o de serem empregados com a pretensão de orientar o interlocutor para certos tipos de conclusão, com exclusão de outros” (KOCH, 2011, p.101). Isto é, quando enunciamos algo, a direção ou o sentido que objetivamos apresentar é indicada por elementos linguísticos presentes no discurso, os quais foram denominados pelos teóricos citados de operadores argumentativos.

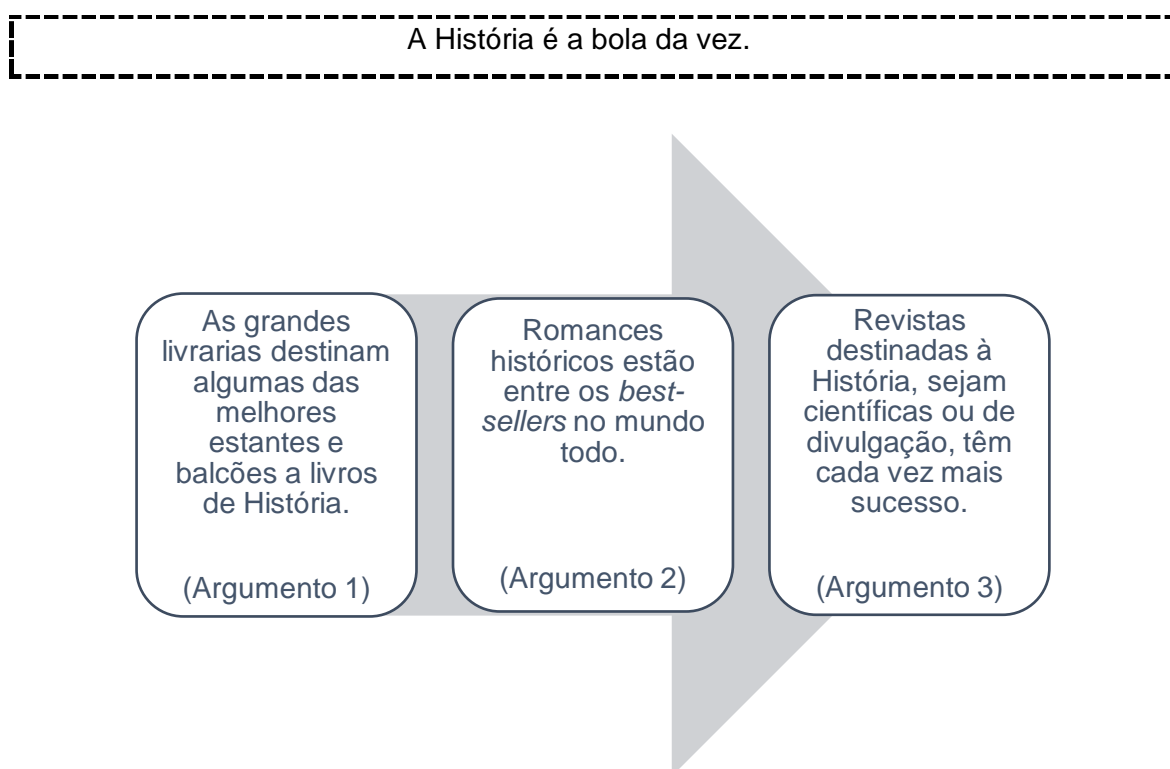
De acordo com seguidores da ADL, os operadores argumentativos sinalizam as intenções do locutor, explicitando quais argumentos ele considera mais fortes ou mais fracos com respeito a determinada conclusão, de acordo com suas intenções frente ao interlocutor.

Segundo Koch (2017, p. 132), os operadores argumentativos determinam a orientação argumentativa do enunciado que introduzem. Ou seja, atuam mais no plano global do propósito comunicativo, do que apenas nas articulações textuais localizadas. Assim, os operadores argumentativos são mais que termos que ligam enunciados e classificam os tipos de orações ligadas, como sugere a maioria dos livros didáticos brasileiros. Mais que articuladores, eles são responsáveis pelo direcionamento semântico dos interesses do enunciador, através dos argumentos.

Em seus estudos, Ducrot utiliza duas noções básicas para os operadores argumentativos: **classe argumentativa** e **escala argumentativa** (KOCH e ELIAS, 2017, p. 61, grifos das autoras). De acordo com o teórico francês e os estudos das aludidas pesquisadoras brasileiras, a **classe argumentativa** designa o conjunto de elementos que apontam ou orientam para *uma mesma conclusão*. Ou seja, quando todos os argumentos de um enunciado convergem para uma mesma direção.

Para uma melhor compreensão, apresentamos a seguir o exemplo analisado pelas pesquisadoras citadas anteriormente:

Figura 1 – Esquema de classe argumentativa.



Fonte: KOCH e ELIAS, 2017, P. 62.

De acordo com o exemplo acima, todos os argumentos apresentados na sequência textual posterior ao tópico frasal, levam o interlocutor à conclusão desejada pelo locutor: a História é mesmo a bola da vez.

Ademais, é observável que os argumentos apresentados no exemplo em tela têm a mesma força argumentativa, sem que um argumento se sobressaia dos demais em grau de importância persuasiva. Contudo, em alguns casos

podem ser desenvolvidos enunciados nos quais uma classe argumentativa pode apresentar uma gradação de força no sentido de uma mesma conclusão. Nesse caso, estaremos diante de uma escala argumentativa.

De acordo com os estudos da ADL, o conceito de escalas argumentativas permite avaliar os argumentos em termos de força, isto é, há argumentos que são mais fortes do que outros em relação a uma mesma conclusão (CABRAL, 2011, p. 55). Isso quer dizer que ao construirmos uma escala argumentativa, estamos explicitando para o interlocutor um ponto de vista relativo à força dos argumentos que lhe apresentamos para sustentar a conclusão pretendida.

Nesse sentido, os operadores argumentativos são responsáveis pela indicação gradual de força hierárquica dos argumentos, sem que o mais forte exclua o mais fraco.

Exemplo:

A cerimônia de formatura foi prestigiada.

Por quê?

1. Os pais compareceram.
2. Os professores discursaram.
3. O Prefeito marcou presença.

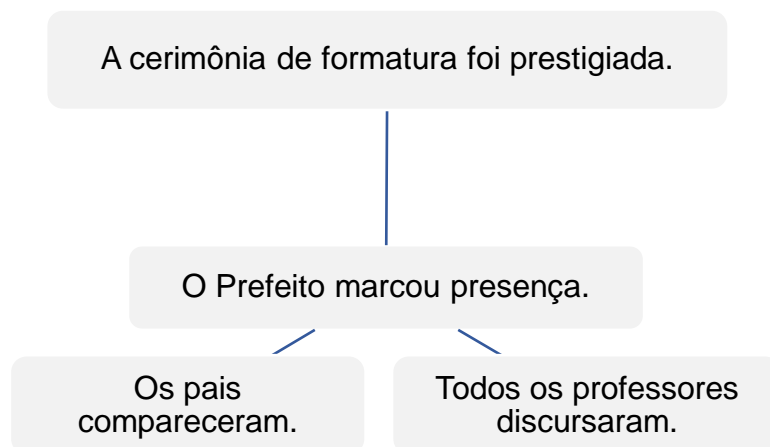
A partir dos enunciados acima, o texto pode, assim, ser formulado:

A cerimônia de formatura foi prestigiada. **Não apenas** os pais compareceram, **como também** os professores discursaram e **até** o Prefeito marcou presença.

Conforme o exemplo acima, os três argumentos são orientados para a mesma conclusão (*A cerimônia de formatura foi muito prestigiada*), mas há uma gradação de força crescente, ou seja, uma escala argumentativa do argumento mais fraco ao mais forte, neste caso, expressa pelo operador “até”.

Em escala ilustrativa, podemos representar o exemplo dado da seguinte maneira:

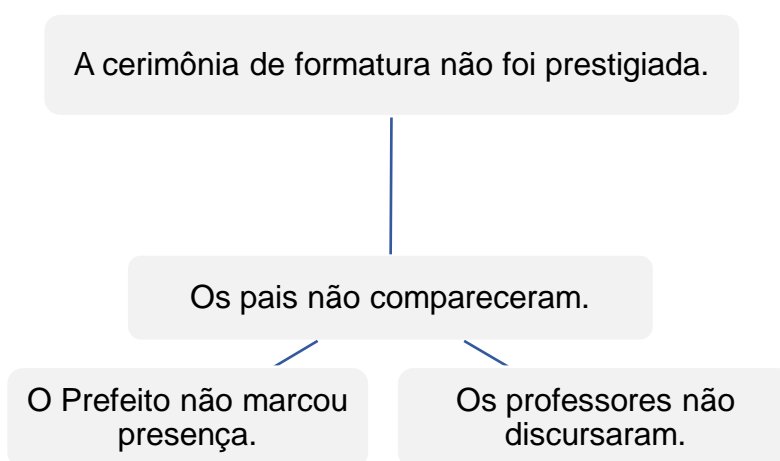
Figura 2 – Esquema de escala argumentativa com sentido positivo.



Fonte: Autoria própria (2018).

Nesse caso, dizemos que a escala argumentativa apresenta gradação em sentido positivo, cujo argumento mais forte (O Prefeito marcou presença) confirma o enunciado do tópico frasal. No entanto, se a mesma conclusão for negada, invertem-se os elementos da escala, que passa a apresentar sentido negativo, como no exemplo a seguir:

Figura 3 – Esquema de classe argumentativa com sentido negativo.



Fonte: Autoria própria (2018).

Dessa maneira, o texto em escala argumentativa com sentido negativo pode ser formulado da seguinte forma:

A cerimônia de formatura não foi prestigiada. O Prefeito não marcou presença e os professores não discursaram, **nem mesmo** os pais compareceram.

De acordo com o exemplo acima, o operador argumentativo “**nem mesmo**” que introduz o último argumento confere ao enunciado seu sentido negativo em escala decrescente. Por isso é que dizemos que os operadores argumentativos são elementos linguísticos que permitem orientar nossos enunciados para determinadas conclusões que eles introduzem.

Ducrot dedicou-se ao estudo das palavras da língua, das expressões, procurando observar a orientação argumentativa contida nelas. Por isso os estudos sobre os operadores argumentativos apresentam vários tipos de elementos linguísticos responsáveis pela orientação argumentativa. Entre alguns estudos, destacamos o das pesquisadoras Koch e Elias (2017), no qual apresentam 10 (dez) tipos de operadores argumentativos descritos a seguir, os quais adotamos como objeto de estudo neste trabalho de pesquisa. São eles:

1. Operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão: *e, também, nem (e não), não só...mas também, tanto...como, além de, além disso etc.*
2. Operadores que indicam o argumento mais forte de uma escala a favor de uma determinada conclusão: *até, até mesmo, inclusive, nem, nem mesmo, aliás.*

Segundo os estudos de Koch e Elias (2017, p. 66), “quando a escala é orientada para a negação, usamos operadores como: **nem, nem mesmo**”. Além disso, as autoras esclarecem que, com o significado de *e também não*, **nem** marca uma relação de adição e indica explicitamente que se acresce um segundo segmento a um primeiro segmento negativo. Dessa forma, os argumentos sinalizam para uma mesma direção.

Já o operador **aliás** é visto como o elemento do “golpe final”, pois resume ou coroa todos os demais argumentos anteriores, acrescentando um argumento de maneira sub-reptícia.

3. Operadores que deixam subentendida a existência de uma escala com outros argumentos mais fortes: *ao menos, pelo menos, no mínimo*.
4. Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias: *mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto, embora, ainda que, posto que, apesar de (que)*.

No último item classificatório acima, destacamos o operador “mas”, denominado nos estudos de Ducrot (1980) de operador argumentativo por excelência. Segundo sua teoria, quem usa o **mas** faz sempre uma adesão orientada para o argumento da direita, negando as expectativas do argumento da esquerda. Isso porque o uso do “mas” é marcado pela **estratégia do suspense**, pois primeiro faz o interlocutor pensar em dada conclusão para depois apresentar o argumento que levará a uma conclusão contrária (KOCH e ELIAS. 2017, p. 71).

Seguindo a classificação dos tipos de operadores, temos a seguir:

5. Operadores que introduzem uma conclusão com relação a argumentos apresentados em enunciados anteriores: *logo, portanto, pois, por isso, por conseguinte, em decorrência etc.*
6. Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior: *porque, porquanto, já que, pois, que, visto que, como etc.*
7. Operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos, visando a uma determinada conclusão: *mais...(do) que, menos...(do) que, tão...quanto*.
8. Operadores que introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas: *ou...ou, quer...quer, seja...seja*.
9. Operadores que introduzem no enunciado conteúdos pressupostos: *já, ainda, agora etc.*
10. Operadores que funcionam numa escala orientada para a afirmação da totalidade ou para a negação da totalidade: *um pouco, quase - pouco, apenas*.

Pela diversidade de elementos linguísticos apresentados acima é que observamos quão importantes são os operadores argumentativos de orientação argumentativa para as produções textuais dos alunos, visto que são responsáveis pelo encadeamento dos enunciados no texto, comprovando o que os estudos da Linguística Textual e da Semântica Argumentativa apontam, quando dizem que a argumentatividade está inscrita na própria língua, ou seja, nas escolhas das palavras e expressões que falamos ou escrevemos.

Além disso, consideramos também importantes os operadores argumentativos que atuam na articulação das ideias do locutor, organizando e estruturando o texto, e também aqueles que introduzem comentários avaliativos sobre o que foi dito, pois são necessários tanto à coesão e à coerência textual, quanto para a argumentatividade.

Por esses motivos, ampliamos nosso campo de pesquisa sobre o uso dos operadores argumentativos nas produções textuais dos alunos, trazendo para este trabalho estudos sobre os articuladores de organização textual e os articuladores metadiscursivos modalizadores, com a intenção de contribuir para a melhoria dos textos como um todo. Em face dessa intenção, esperamos ter ajudado aos participantes a compreender como tais elementos se apresentam nos textos argumentativos.

2.3.2 Operadores argumentativos: articuladores de organização textual e articuladores metadiscursivos modalizadores

O texto é composto por uma rede de pensamentos e intenções, materializado em palavras que se conectam de maneira organizada, numa sequência lógica de sentido para o estabelecimento da comunicação interpessoal.

De acordo com os apontamentos apresentados no capítulo de introdução deste trabalho, observações do professor-pesquisador relataram, entre alguns desafios vivenciados na sala de aula, as dificuldades dos alunos do ensino fundamental em discorrer suas ideias de forma articulada e sequenciada nos textos que produzem. Tal dificuldade foi uma das bases norteadoras para a elaboração e execução do presente trabalho de pesquisa-ação, pois considerou que é importante que os referidos estudantes compreendam que os conectores

têm dupla função: de ligação e de orientação, isto é, o conector é uma palavra que articula as informações e os argumentos de um enunciado.

Segundo Koch e Elias (2017, p. 121):

A produção textual exige que cuidemos da articulação entre orações, períodos, parágrafos e sequências maiores, porque todas essas partes contribuem para que o texto seja compreendido como uma unidade de sentido. As marcas responsáveis pelo encadeamento de segmentos textuais de qualquer extensão são denominadas **articuladores textuais**, **operadores de discurso** ou **marcadores discursivos**. (Grifos das autoras)

Desse modo, procuramos intervir pedagogicamente nesse ponto de dificuldade dos alunos da turma participante, mostrando alguns elementos linguísticos que atuam na articulação textual, sobretudo os que atuam na organização do texto e os que modalizam os enunciados, pois foram marcas ausentes nas citadas observações nas práticas textuais em sala de aula.

Vale apresentar que, de acordo Koch e Elias (2017, p. 121-123), os articuladores textuais atuam em diferentes níveis:

- no da organização global do texto, em que explicitam as articulações das sequências ou partes maiores do texto;
- no nível intermediário, em que assinalam os encadeamentos entre parágrafos ou períodos; e
- no nível microestrutural, em que indicam os encadeamentos entre orações e termos das orações.

Assim, pelas diferentes funções que assumem, são vários os tipos de articuladores que permeiam as produções textuais. Porém, conforme justificativa anterior, optamos pelos articuladores de organização textual por eles atuarem na sucessão de fragmentos textuais que se complementam e orientam a interpretação, sinalizando a abertura, a intermediação e o fechamento do texto. Em termos mais usuais, eles sinalizam o que chamamos de estrutura básica de todo e qualquer texto: início, meio e fim.

Segundo Koch e Elias (2017, p. 140), em estudo realizado sobre o assunto, Maingueneau (1996) apresenta na relação de marcadores com essa

função: *primeiro (amente), depois, em seguida, enfim, por um lado/por outro (lado), às vezes/outras vezes, em primeiro lugar/em segundo lugar, por último etc.*

Além desses, também se apresentam articuladores que operam o amarramento de porções textuais, denominados marcadores discursivos continuadores. São eles: *aí, daí, então, aí então, agora*. Tais elementos são frequentes em textos escritos, especialmente quando se deseja dar uma feição semelhante à da fala, ou mesmo como uma marca própria da oralidade.

Dessa forma, os **organizadores** textuais exercem um papel capital no balizamento dos planos textuais. Podem-se distinguir os que ordenam as partes da representação discursiva nos eixos maiores do tempo e do espaço e os que estruturam, essencialmente, a progressão do texto e a indicação de suas diferentes partes (ADAM, 2008, p. 181, grifo do autor).

Do mesmo modo, há articuladores que servem para introduzir comentários, ora sobre como o enunciado foi formulado, ora sobre a própria enunciação. Sendo, por isso, chamados de articuladores metadiscursivos. Entre os quais, abordamos os articuladores modalizadores, que avaliam o que foi dito como verdadeiro, obrigatório ou duvidoso. Segundo Cabral (2011):

A modalização se manifesta por meios linguísticos e é por isso que ela interessa ao estudo da argumentação, ou seja, ao estudo das formas que a língua oferece para conferir força argumentativa a nossos enunciados/textos, afinal, manifestar o grau de adesão é argumentar (CABRAL, 2011, p. 111)

Nesse sentido, a força argumentativa dos nossos enunciados textuais pode ser marcada pelos advérbios ou expressões adverbiais que utilizamos para expressarmos nosso grau de adesão ao que fora dito ou escrito. Dessa forma, “os advérbios constituem uma classe de palavras que têm também a propriedade de marcar o grau de adesão do locutor ao conteúdo do enunciado. Por isso, eles funcionam também como **modalizadores**” (CABRAL, 2011, p. 112, grifo da autora)

Em caso de avaliação como verdade ou certeza quanto aos fatos enunciados, podemos usar advérbios como: *realmente, evidentemente, certamente, logicamente, absolutamente etc.*

Caso queiramos avaliar um fato como obrigatório ou necessário, os advérbios são: *obrigatoriamente, necessariamente etc.*

Já para expressar nossa avaliação acerca dos eventos, ações e situações a que o enunciado faz menção, podemos usar advérbios como: *felizmente, lamentavelmente etc.*

Desse modo, cada elemento linguístico utilizado nos enunciados carrega consigo a força argumentativa da adesão do seu enunciador, pois estabelece a conexão entre as partes do texto e cumpre uma função mais ampla do que simplesmente garantir a coesão de um texto (CABRAL, 2011, p. 146).

Para Koch (2011, p. 154), a argumentação é responsável pelos encadeamentos discursivos, articulando entre si enunciados ou parágrafos, de modo a transformá-los em texto: a progressão do discurso se faz, exatamente, através das articulações da argumentação.

De certo é importante conscientizar nossos alunos de que a argumentação depende, em muitos casos, da orientação argumentativa, da organização do texto e da escolha dos itens que selecionamos para modalizar os argumentos, o que exige deles um exercício prático e constante.

Assim, a produção escrita do gênero textual *artigo de opinião* torna-se oportuna para pôr em prática os conhecimentos adquiridos sobre o uso dos operadores linguísticos abordados neste trabalho de pesquisa-ação.

2.4 O GÊNERO TEXTUAL *ARTIGO DE OPINIÃO*: DEFINIÇÃO, ORIGENS E CARACTERÍSTICAS

O *artigo de opinião* é um gênero de natureza dissertativo-argumentativa que tem como uma de suas principais finalidades apresentar a opinião subjetiva dos indivíduos diante da diversidade de fatos e situações vivenciadas no cotidiano social.

Por suas características jornalísticas, é um gênero textual de grande circulação social, presente em jornais impressos e virtuais, livros, revistas, plataformas digitais institucionais e particulares - como os blogs -, e também nos exames de seleção e acesso às instituições de ensino médio e superior – como o Processo de Seleção dos Institutos Federais e o Exame Nacional do Ensino

Médio (ENEM) - ou até como quesito definidor para contratação no mercado de trabalho.

Afinal, o *artigo de opinião* é um gênero inerente à atividade comunicativa dos indivíduos na sociedade, pois a todo instante estamos emitindo algum posicionamento opinativo sobre os mais diversos fatos vivenciados no dia a dia.

Segundo Köche (2012):

o artigo de opinião consiste em um gênero textual que se vale da argumentação para analisar, avaliar e responder a uma questão controversa. Ele é publicado em jornais, revistas e na internet, e expõe a opinião de um articulista, que pode ser uma autoridade no assunto abordado ou uma pessoa reconhecida na sociedade (KÖCHE, 2012, p. 33)

Por essas características, o *artigo de opinião* se tornou um importante instrumento de comunicação da sociedade, por dar voz aos que corroboram ou divergem no modo de pensar de outros indivíduos sobre os assuntos polêmicos do cotidiano social.

Historicamente, foi a partir da Revolução Industrial e do desenvolvimento da imprensa, que vários gêneros textuais foram sendo incorporados ao noticiário impresso, como a crônica, a propaganda e os classificados. E essa abertura dada para o contato frequente com tais gêneros, tem despertado o olhar pedagógico dos professores de Língua Portuguesa como artefatos atraentes para fomentar nos alunos o interesse pela produção desses textos, principalmente por suas funcionalidades no contexto social.

Vale mencionar, que com a modernização dos meios de comunicação, sobretudo com o advento da rede mundial de computadores - *Internet* -, outros gêneros textuais argumentativos também ganharam espaço no *layout* dos suportes de textos, como a carta e o ensaio.

Segundo afirma Moisés (2004, p. 42), o artigo derivou da área jurídica e entrou em uso com a invenção e expansão dos periódicos, nos séculos XVI e XVII. Com isso, o *artigo de opinião* também ganhou seu espaço e, assim, conquistou o gosto popular como artefato democrático de exposição da subjetividade dos indivíduos, diante dos fatos e acontecimentos ocorridos na sociedade.

Sendo assim, por ser um texto com intenção de convencer o outro sobre o posicionamento do seu produtor, o *artigo de opinião* apresenta-se caracteristicamente por sua tipologia argumentativa, pois é por meio dos argumentos consistentes que o convencimento pretendido pode ser alcançado.

De acordo com Cunha (2002):

“o *artigo de opinião* é constituído de outros discursos sobre os fatos comentados e de antecipação das objeções do leitor, para fazer aderir ao seu ponto de vista e para criticar os outros com os quais mantém uma relação de conflito (CUNHA, 2002, p. 179)

Dessa forma, o *artigo de opinião* - seja na sua forma oral, comumente utilizada pelos indivíduos diante dos fatos corriqueiros, ou no seu formato escrito, utilizado em veículos de comunicação, como os jornais - tem o intuito de formar opiniões de acordo com interesses próprios ou comerciais, pois o que se busca nessas situações de comunicação social é, de fato, atrair a adesão do outro.

Nesse sentido, para atrair essa adesão, o texto necessita estar bem construído estruturalmente, com um ponto de vista bem definido e argumentos fortes, distribuídos ao longo de seus parágrafos, os quais são organizados numa ordem lógica de textualidade, com início, meio e fim.

Quanto aos argumentos, esses podem ser construídos com a inserção de discursos diretos e indiretos de autoridades no assunto em questão, citações de obras e dados estatísticos e paráfrases de ideias já estabelecidas, que dão ao produtor do artigo um suporte em seus posicionamentos, uma vez que divide a responsabilidade enunciativa com outros indivíduos. No entanto, devem ser evitados os discursos vagos e impressivos, que enfraquecem a sustentação necessária para atingir a adesão do interlocutor.

Por isso, entendemos que mediar o ensino da construção dos argumentos, com o uso dos elementos linguísticos responsáveis pela semântica argumentativa, em um gênero textual acessível aos alunos, é uma proposta atrativa para a participação de todos nas aulas de produção textual.

Em suma, como toda produção escrita demanda um processo de planejamento, sistematização, decisão e ação, destacamos a importância do trabalho com esses gêneros textuais argumentativos na sala de aula, em

especial o *artigo de opinião*, pela abrangência social desse gênero, à luz do novo olhar para a Linguística Textual e a Semântica Argumentativa.

2.5 O ARTIGO DE OPINIÃO NA SALA DE AULA

O trabalho com os gêneros textuais é uma importante metodologia de desenvolvimento das capacidades leitora e escritora dos alunos, pois é a partir do texto que materializamos os conhecimentos linguísticos ensinados na escola e os transportamos para as várias situações comunicativas cotidianas, que necessitam ser compreendidas quanto à estrutura composicional, linguagem, suporte e objetividade.

E dentro dessa gama de gêneros que circulam no espaço escolar, destacamos o *artigo de opinião*, um gênero presente em nossa vida dentro e fora da sala de aula, uma vez que estamos diariamente emitindo opinião e, conseqüentemente, produzindo argumentos sobre os mais variados assuntos do contexto social.

Na sala de aula investigada, o *artigo de opinião* foi um gênero que atraiu bastante a atenção dos alunos, especialmente por dar a oportunidade de esses discentes expressarem suas concepções, críticas, posicionamentos e conhecimentos sobre os temas sociais que vivenciam.

Contudo, é compreensível que os estudantes do ensino fundamental não apresentem posições e opiniões com muita profundidade sobre os temas polêmicos da sociedade na qual estão inseridos, visto que ainda estão tomando conhecimento da realidade dos fatos, sem investigação das fontes. Por isso, esse é um momento muito importante para a formação da personalidade do aluno, uma vez que eles podem passar a assumir um princípio de identidade e um certo senso de responsabilidade sobre o que pensam, dizem e assumem.

Conforme assinala Antunes (2009, p. 39), “O povo tem uma identidade, que resulta dos traços manifestados em sua cultura, a qual, por sua vez, se forja e se expressa pela mediação das linguagens, sobretudo da linguagem verbal.” E nesse contexto, o *artigo de opinião* assume seu papel social como artefato adequado para a expressão das ideias e opiniões pessoais sobre os assuntos públicos.

Por essas características textuais e o envolvimento espontâneo dos alunos nas propostas didáticas elaboradas para o trabalho intervencionista com o gênero *artigo de opinião*, o ambiente escolar da turma escolhida para essa pesquisa-ação se tornou muito fértil à exploração dos objetivos de ensino planejados, sobretudo o objetivo referente à escrita.

Nesse aspecto, produzir texto escrito é um dos objetivos de ensino mais difíceis de ser trabalhado junto aos alunos do ensino fundamental, muitas vezes recusado por justificativas que merecem outras investigações, mas que nesse trabalho houve uma boa aceitação quanto ao desafio de produção do gênero *artigo de opinião*, visto que foi dada a oportunidade de materializar suas ideias e posicionamentos em relação aos temas sociais.

De acordo com Antunes (2009, p. 192):

A escrita é, sem dúvida, uma das maiores construções da humanidade. Ela possibilitou-nos superar os limites da fala, que exige, de uma vez, a simultaneidade de tempo e a confluência de espaço para as pessoas envolvidas na sua realização.

Em acréscimo a esse pensamento, a escrita permitiu a materialização de nossas ideias, descobertas e memórias, entre outras possibilidades, que registram a nossa história, pois sem ela talvez não teríamos ao ponto de evolução humana atual.

Além desse aspecto, outro objetivo de ensino explorado nesse trabalho diz respeito à leitura. Embora seja a escrita o foco dessa pesquisa-ação, não podíamos dissociar competências tão interligadas. Assim, como se tratou de discussões sobre temas de relação direta com a realidade do aluno, esse se interessou bastante em compreender os textos que leram, pois precisavam se apropriar do assunto para a emissão de um posicionamento mais consistente, chegando muitas vezes a lutar pelas causas que leram e internalizaram.

Nesse sentido, a leitura atingiu o seu propósito enquanto ferramenta de transformação social, como o pretendido nos objetivos gerais de ensino da Língua Portuguesa nos PCN (BRASIL, 1998, p. 32), para os quais “[...] espera-se que o aluno amplie o domínio ativo do discurso nas diversas situações comunicativas, sobretudo nas instâncias públicas de uso da linguagem [...]”, e que, por meio dos gêneros textuais, como indica Antunes (2009) em suas

reflexões sobre as funções individuais e sociais da leitura, “envolvem, além do acesso ao conhecimento já produzido, a produção de novos conhecimentos, a continuidade e o avanço das descobertas científicas e do patrimônio artístico-cultural da sociedade (ANTUNES, 2009, p. 186)”, ampliando o repertório linguístico do leitor.

Enfim, conforme ressalta Antunes (2009, p. 192), “propor, portanto, que a leitura ocupe um lugar de destaque no currículo escolar, como instrumento de cidadania, constitui uma das mais legítimas pretensões”, justificando, assim, a abordagem dada em nossa pesquisa-ação.

E dessa forma, o que poderia ser uma tarefa árdua, de imposição e, conseqüentemente, de repulsa, vai se tornando uma ação prazerosa, leve, envolvente e escolarizante, no sentido mais didático possível. “Assim, entre escrita, leitura e escola se estabelece uma vinculação de interdependência tão forte que qualquer uma das três, necessariamente, leva às outras (ANTUNES, 2009, p. 192).”

Em síntese, foi dessa forma que buscamos trabalhar com o *artigo de opinião* na sala de aula, com ênfase na escrita desse gênero textual, enquanto meio de dar voz e vez às ideias dos alunos sobre os temas da realidade em que vivem, paralelamente alinhado ao despertar do gosto pela leitura, por intermédio de uma proposta de intervenção pedagógica de sequência didática, que buscou promover a evolução dos alunos quanto ao uso dos operadores argumentativos na articulação da tessitura dos textos de tipologia argumentativa, através de uma metodologia pautada na participação ativa de todos os envolvidos.

3 METODOLOGIA

Buscando encontrar caminhos para a solução de problemas relacionados à construção dos textos argumentativos de nossos alunos, adotamos para o nosso trabalho a realização de uma pesquisa-ação em uma sala de aula do Ensino Fundamental, utilizando-nos de procedimentos qualitativos e quantitativos para compreender as dificuldades dos alunos na utilização de elementos linguísticos específicos que atuam na argumentatividade textual e, assim, realizar uma intervenção pedagógica por meio da Sequência Didática.

3.1 ABORDAGEM DA PESQUISA

Como já foi dito, o nosso trabalho é de base qualitativa e quantitativa, cuja aplicabilidade se deu através dos conceitos da pesquisa-ação, visto que a sala de aula se transformou em laboratório de observação prática das nossas ações didáticas, onde começamos com o diagnóstico de pesquisa, para, em seguida, iniciarmos a aplicação da intervenção através da SD.

Primeiramente, buscamos entender como a nossa sala de aula poderia se tornar um espaço de pesquisa sobre os problemas que ela mesma enfrenta, e como o professor poderia ser, ao mesmo tempo, ator e pesquisador de sua própria prática docente. E por compreender inicialmente que esse processo deve-se dar por uma via dupla entre professor e alunos, num contexto de prática e pesquisa simultâneas, buscamos aporte nos estudos de Thiollent (2011), que apresenta uma definição clara sobre o que é pesquisa-ação:

A pesquisa-ação é um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 2011, p. 20)

Por ter essa base empírica, entendemos que a pesquisa-ação se enquadra perfeitamente nos objetivos traçados para este trabalho, uma vez que não pretendemos teorizar uma solução para as problemáticas detectadas quanto à utilização dos operadores argumentativos nos textos de tipologia

argumentativa, a exemplo do *artigo de opinião*, mas sim, apresentar situações concretas dos problemas de articulação encontrados nos textos dos alunos da turma pesquisada, e descrever as ações intervencionistas adotadas em um processo metodológico coletivo.

Assim, chegamos à conclusão de que não há teoria mais relevante e responsiva para as dificuldades particulares vivenciadas pelos docentes, do que as descobertas encontradas por um caminho prático que ele mesmo trilhou na busca pela solução dos seus problemas de sala de aula. Nesse sentido, Bortoni-Ricardo (2008, p. 46) define que “O professor pesquisador não se vê apenas como um usuário de conhecimento produzido por outros pesquisadores, mas se propõe também a produzir conhecimentos sobre seus problemas profissionais, de forma a melhorar a sua prática.”

Dessa forma, não se trata, nesse caso, de desprezar as contribuições teóricas dos grandes autores, mas de utilizá-las, sobretudo, como um bom suporte para que o professor pesquisador encontre suas respostas para as dificuldades que tanto o aflige no dia a dia.

Assim, Bortoni-Ricardo (2008) propõe uma distinção de papéis entre o professor que apenas relata seus problemas, mas não busca alternativas de solução, e o professor que se abre para descobrir estratégias de superação das problemáticas de aprendizagem, afirmando que:

O que distingue um professor pesquisador dos demais professores é seu compromisso de refletir sobre a própria prática, buscando reforçar e desenvolver aspectos positivos e superar as próprias deficiências. Para isso ele se mantém aberto a novas ideias e estratégias (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 46)

Por isso, corroboramos a ideia de que é na junção da pesquisa teórica sobre os problemas observados em sala de aula, com ações estudadas, projetadas e executadas em conjunto, que se pode superar as dificuldades de ensino e aprendizagem. Contudo, não pretendemos dar conta dos problemas macrossociais existentes no espaço escolar, pois a pesquisa-ação “é apenas um instrumento de trabalho e de investigação com grupos, instituições, coletividades de pequeno ou médio porte” (THIOLLENT, 2011, p. 15), realizada em casos específicos, e não um conjunto de normas aplicáveis a todas as situações que envolvem o contexto educacional.

Por conseguinte, para definir os caminhos metodológicos a serem adotados na pesquisa-ação, aplicamos alguns instrumentais de investigação, como questionário de sondagem, produções textuais anteriores à pesquisa-ação e análises linguísticas dos problemas mais comuns relativos à argumentação.

Por meio desses instrumentais, definimos a proposta pedagógica a ser desenvolvida na intervenção pedagógica através da SD, objetivando a produção de textos do gênero *artigo de opinião*, a serem apresentados à comunidade escolar em evento de culminância, como também, em ambiente virtual - *blog* -, criado pelo professor-pesquisador. Todavia, buscamos compreender o ambiente da pesquisa para definir a viabilidade de aplicação das atividades planejadas e, dessa forma, colocá-las em prática.

3.2 AMBIENTE DA PESQUISA

Para a aplicação da pesquisa neste trabalho, escolhemos como ambiente da pesquisa uma escola da rede regular de ensino do município de Barcelona-RN, por ser o local de trabalho do professor-pesquisador e, sobretudo, pela intenção de contribuir diretamente tanto no desempenho dos alunos-participantes quanto na prática educativa do próprio docente.

A referida escola está situada em um bairro do centro da cidade de Barcelona, pequeno município potiguar, a 100 quilômetros aproximadamente da capital do Estado, pertencendo à mesorregião da Borborema Potiguar, mais precisamente na microrregião do Potengi.

Fundada em 1978, a escola passou por várias mudanças em sua estrutura física para poder atender à demanda educacional do município, uma vez que é a única instituição escolar a ofertar o Ensino Fundamental do 6º ao 9º ano na comunidade. Além dessa modalidade de ensino, a unidade ainda oferece o Ensino Fundamental do 1º ao 5º ano e a Educação de Jovens e Adultos (EJA), atendendo cerca de 500 (quinhentos) estudantes, distribuídos nos três turnos diários.

O prédio escolar é constituído de 10 (dez) salas de aulas climatizadas e mobiliadas, 01 (uma) sala de aula para o atendimento aos alunos com necessidades especiais, 01 (uma) biblioteca, 01 (uma) sala de professores, 01 (uma) sala da coordenação, 01 (uma) sala da direção, 01 (um) laboratório de

informática, 01 (um) auditório, 01 (um) refeitório, 01 (uma) cozinha, 03 (três) banheiros coletivos, 01 (uma) secretaria escolar e 01 (uma) quadra coberta.

Dentro do contexto de realidade da maioria das estruturas escolares públicas do Brasil, a escola descrita pode ser considerada adequada, pois sua estrutura permite o desenvolvimento de uma educação de qualidade.

Seu quadro de professores é formado por profissionais habilitados para o exercício docente nas diversas áreas do conhecimento da grade curricular, sendo a maioria servidores permanentes da rede municipal de educação. Muitos desses profissionais possuem pós-graduação, em nível de especialização, favorecendo a atualização dos conhecimentos e, conseqüentemente, a qualidade do ensino.

Além dos docentes, a estrutura administrativa e pedagógica é formada por servidores efetivos e contratados, com capacidade e formação para o exercício de suas funções, somando-se aos demais servidores que cuidam da parte funcional da escola. É a principal escola do município de Barcelona, por onde passou a maioria dos cidadãos barcelonenses, incluindo o autor desta dissertação junto aos participantes da pesquisa.

3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para o desenvolvimento da presente pesquisa, participaram diretamente na elaboração da proposta e na execução da mesma, o professor-pesquisador titular da disciplina de Língua Portuguesa, mestrando do Programa de Mestrado Profissional em Letras da UFRN que, juntamente com a professora orientadora, pesquisou, discutiu e esboçou as atividades educativas de intervenção a partir de um objeto de pesquisa despertado nas observações das suas práticas diárias.

Para a participação direta como colaboradores, foi escolhida a turma do 9º Ano A, do ano letivo de 2018, composta por 27 alunos, com faixa etária entre 14 e 17 anos de idade. Tal turma fora escolhida apenas por critérios de envolvimento responsável com outras propostas educativas desenvolvidas anteriormente, visto que outras turmas também apresentam os mesmos problemas que geraram o objeto de pesquisa deste trabalho.

Esses alunos são de realidades parecidas, vindos de famílias humildes que também estudaram nessa escola e, que, por isso, possuem um vínculo afetivo por esse espaço do saber.

Quanto à identidade cultural, grande parte da turma é nascida no próprio município, residentes na sede e nas comunidades rurais. Pelo tamanho da cidade, muitos não dispõem de vasto acesso a bens culturais, mas estão interligados ao mundo globalizado pelos meios de comunicação em rede, principalmente às redes sociais.

Quanto à vivência em sala de aula, apresentam comportamentos típicos da adolescência, com variações nos níveis de interesse pelo conteúdo das aulas, às vezes agressivos com os colegas, porém são respeitosos em relação aos profissionais da escola.

Por fim, apresentam níveis discrepantes de domínio da leitura e da escrita, observados no dia a dia e no diagnóstico de leitura, cujos fatores merecem outras investigações.

3.4 DIAGNÓSTICO DA LEITURA

Nossos objetivos específicos foram voltados para a melhoria da produção textual argumentativa. No entanto, objetivamos concomitantemente despertar o gosto pela leitura de gêneros argumentativos, em especial o *artigo de opinião*, visto que essas duas práticas são indissociáveis, e decidimos realizar uma averiguação concreta, porém simples e superficial, sobre como está o estado de espírito dos alunos participantes em relação à leitura, uma vez que “os procedimentos a serem escolhidos devem obedecer a prioridades estabelecidas a partir de um diagnóstico da situação no qual os participantes tenham voz e vez (THIOLLENT, 2011, p. 14).”

Para essa averiguação, elaboramos um questionário com perguntas objetivas e um número razoável de alternativas, para ampliação do leque de respostas. Essas perguntas abordaram a subjetividade dos participantes, ao mesmo tempo em que direcionaram nossa análise sobre os gêneros textuais de maior contato deles no cotidiano. Dessa forma, chegamos à conclusão definitiva do gênero que iríamos utilizar como meio de desenvolvimento da intervenção pedagógica.

A primeira pergunta do mencionado questionário era a mais simples, porém muito importante para o olhar introspectivo do aluno: *Você gosta de ler?*

Quadro 1 - Você gosta de ler?

| | | |
|-----|---------------|---|
| A1 | sim | |
| A2 | sim | |
| A3 | sim | |
| A4 | sim | |
| A5 | não | Motivo: não respondeu |
| A6 | sim | |
| A7 | sim (Eu amo!) | |
| A8 | sim | |
| A9 | não | Motivo: não entende o que lê/não vê utilidade |
| A10 | sim | |
| A11 | sim | |
| A12 | sim | |
| A13 | não | Motivo: não entende o que lê |
| A14 | sim | |
| A15 | sim | |
| A16 | sim | |
| A17 | sim | |
| A18 | Ausente | |
| A19 | sim | |
| A20 | não | Motivo: não entende o que lê |
| A21 | não | Motivo: não gosta |
| A22 | sim | |
| A23 | sim | |
| A24 | sim | |
| A25 | sim | |
| A26 | sim | |
| A27 | não | Motivo: não vê utilidade |

Fonte: Autoria própria (2018).

Pelas observações superficiais feitas a partir do contato semanal com os participantes desse trabalho de pesquisa-ação, tínhamos uma visão pré-concebida sobre o envolvimento com a leitura, visto que os mesmos, sem generalizar, apresentavam um nível bastante satisfatório de compreensão leitora, quando estes eram solicitados a fazer uso dessa capacidade em atividades desenvolvidas nas aulas, por exemplo, nas apresentações de seminários temáticos em que a leitura de textos e a exposição oral explicativa de seus entendimentos, mostravam um raciocínio coerente com o proposto no

texto. Com as respostas assinaladas pela grande maioria, compreendemos que o fato relatado se deve, principalmente, por esse gosto de ler afirmado.

Já na segunda pergunta, buscamos investigar o tipo de leitura que os alunos têm acesso no seu dia a dia, uma vez que as respostas apresentadas nos serviriam para definir o gênero textual a ser trabalhado na Sequência Didática, levando-se em consideração o conhecimento prévio sobre a tipologia textual pré-definida ainda na fase decisória do projeto de pesquisa elaborado para o PROFLETRAS.

Embora tivéssemos a ideia de que os textos de tipologia argumentativa fossem de fácil circulação, mesmo em famílias de pouco contato com os bens culturais escritos, como bibliotecas, internet, jornais, revistas e outros, compreendíamos que esses alunos, inseridos num ambiente escolar como o apresentado no tópico 3.2, que apresentou o ambiente da pesquisa, tinham contato com tal tipologia, pois demonstraram características sociais e cognitivas sobre a argumentação nos mais variados temas da sociedade, principalmente nos meios virtuais.

Com a revolução tecnológica, que tanto facilitou o acesso à informação, quanto a aquisição dos aparelhos tecnológicos, nossos alunos estão em contato permanente com os mais variados e dinâmicos gêneros textuais, embora alguns ainda prefiram acessar as leituras de modo tradicional, por meio de livros didáticos e paradidáticos.

Dessa forma, demos sequência à primeira pergunta a fim de refinar a investigação sobre a leitura, através da seguinte indagação: *O que ler?*

Logo, nossa intenção foi de investigar os meios de acesso aos textos e, assim, planejar as atividades da Sequência Didática com um gênero textual cujos alunos já tivessem ao menos um primeiro contato, seja na escola ou fora dela. Assim as respostas nos mostraram o quanto os meios tecnológicos da informação se tornaram uma realidade no acesso à leitura.

Eis que se observa o que assinalaram os alunos para a citada pergunta:

Quadro 2 – O que ler?

| | |
|----|------------------------|
| A1 | Livro didático |
| A2 | Mídia digital |
| A3 | Literatura tradicional |

| | |
|-----|---|
| A4 | Revistas e mídia digital |
| A5 | Mídia digital |
| A6 | Mídia digital |
| A7 | Literatura tradicional e mídia digital |
| A8 | Literatura tradicional e mídia digital |
| A9 | - |
| A10 | Bíblia |
| A11 | Livro didático |
| A12 | Literatura tradicional |
| A13 | Revistas |
| A14 | Mídia digital |
| A15 | Mídia digital |
| A16 | Literatura tradicional e mídia digital |
| A17 | Livro didático e mídia digital |
| A18 | - |
| A19 | Mídia digital |
| A20 | - |
| A21 | Mídia digital |
| A22 | Literatura tradicional e livro didático |
| A23 | Mídia digital |
| A24 | Mídia digital |
| A25 | Mídia digital |
| A26 | Mídia digital |
| A27 | Literatura tradicional |

Fonte: Autoria própria (2018).

Nesse panorama, as mídias digitais, opção mais indicada nesse ponto do questionário, engloba os meios de informação em rede – *Internet* -, com destaque especial para as redes sociais, como o *Facebook*, *WhatsApp*, *Instagram*, *Twitter* e outros, por onde circulam diversos gêneros textuais de forma dinâmica e interativa. E por essa característica jovial foi a mais mencionada, o que já era previsto.

Dando sequência ao nosso diagnóstico sobre o contato dos alunos com a leitura, investigamos a intensidade com a qual esses discentes têm lido seus textos nos meios citados na questão anterior. Através da pergunta: *Com qual frequência?*, buscamos entender como a incidência do contato com a leitura (diariamente, semanalmente, mensalmente ou anualmente) pode influenciar positivamente naqueles que leem com maior frequência, e negativamente naqueles que leem com menor frequência, visto que quando estes produzirem seus textos escritos essas respostas poderiam estar assinaladas no repertório vocabular e no conhecimento sobre os temas abordados, pois essas

competências escritoras são adquiridas em processo, como afirma Passarelli (2004):

Antes de ser um objeto escolar, escrita é um objeto social. Assim, a tarefa da escola é levar o aluno a perceber o significado funcional do uso da escrita (e da leitura), propiciando-lhe o contato com as várias maneiras como ela é veiculada na sociedade (PASSARELLI, 2004, p. 35).

Desse modo, observamos pelas respostas dadas no quadro a seguir, que esses alunos têm uma prática de leitura bastante regular e que será um ponto relevante para desenvolver o processo de produção escrita planejado para a SD.

Vejamos agora suas respostas à terceira pergunta:

Quadro 3 – Com que frequência?

| | |
|-----|--------------|
| A1 | semanalmente |
| A2 | diariamente |
| A3 | diariamente |
| A4 | diariamente |
| A5 | diariamente |
| A6 | diariamente |
| A7 | semanalmente |
| A8 | diariamente |
| A9 | anualmente |
| A10 | semanalmente |
| A11 | semanalmente |
| A12 | semanalmente |
| A13 | mensalmente |
| A14 | diariamente |
| A15 | diariamente |
| A16 | semanalmente |
| A17 | semanalmente |
| A18 | Ausente |
| A19 | diariamente |
| A20 | - |
| A21 | diariamente |
| A22 | mensalmente |
| A23 | diariamente |
| A24 | diariamente |
| A25 | diariamente |
| A26 | diariamente |
| A27 | diariamente |

Fonte: Autoria própria (2018).

Como última pergunta para esse pequeno questionário diagnóstico sobre a leitura e os alunos da turma participante da pesquisa, procuramos identificar o gênero textual de maior contato leitor, pois, a partir dessa resposta, decidiríamos o gênero a ser utilizado como ferramenta para a intervenção pedagógica.

Embora tivéssemos a pretensão de trabalhar com um gênero de base argumentativa, não poderíamos impor tal desejo particular caso as respostas dos alunos indicassem uma maior preferência por um gênero de outra tipologia, visto que o sucesso das ações educativas está, sobremaneira, no interesse despertado por quem é o personagem principal do ensino-aprendizado, que, neste caso, é o aluno.

Por isso, perguntamos: *Qual o gênero de sua preferência?* E obtivemos as seguintes respostas, apresentadas no quadro abaixo:

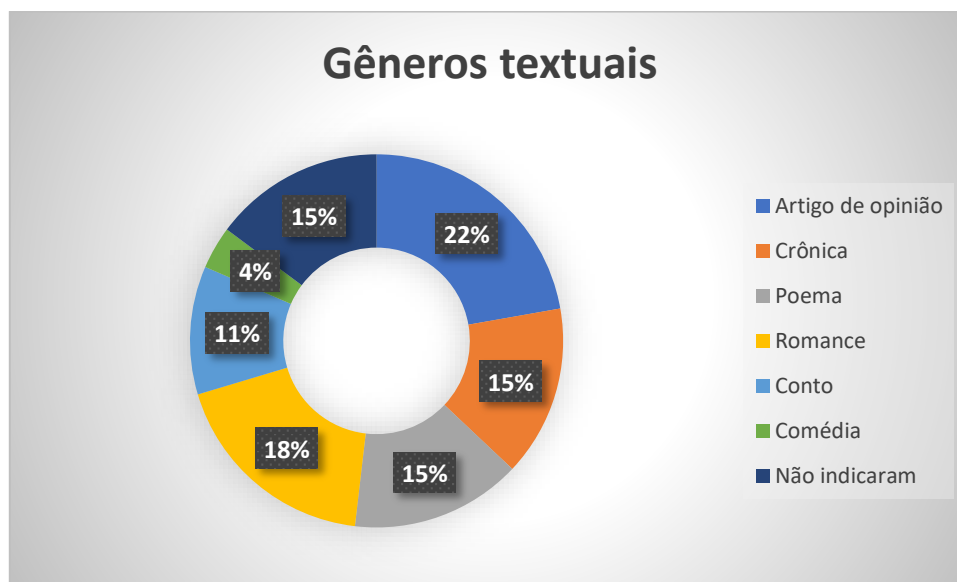
Quadro 4 – Qual o gênero de sua preferência?

| | |
|-----|--------------------------|
| A1 | crônica |
| A2 | poema |
| A3 | crônica |
| A4 | romance |
| A5 | poema |
| A6 | romance |
| A7 | romance |
| A8 | <i>artigo de opinião</i> |
| A9 | - |
| A10 | conto |
| A11 | <i>artigo de opinião</i> |
| A12 | <i>artigo de opinião</i> |
| A13 | comédia |
| A14 | <i>artigo de opinião</i> |
| A15 | conto |
| A16 | romance |
| A17 | romance |
| A18 | Ausente |
| A19 | crônica |
| A20 | - |
| A21 | - |
| A22 | conto |
| A23 | <i>artigo de opinião</i> |
| A24 | crônica |
| A25 | poema |
| A26 | <i>artigo de opinião</i> |
| A27 | poema |

Fonte: Autoria própria (2018)

Com um total de 06 (seis) indicações, o gênero *artigo de opinião* foi o mais citado pelos alunos e, assim, escolhido como artefato para se trabalhar os operadores argumentativos como objeto de estudo por meio de uma intervenção pedagógica, conforme apresentação no gráfico abaixo.

Gráfico 1 – Gêneros textuais preferidos



Fonte: Autoria própria (2018).

Esse diagnóstico foi de suma importância para o nosso processo decisório, pois embora tivéssemos ideias previamente definidas sobre o que queríamos pesquisar, essas ideias só seriam realizáveis através do conhecimento, mesmo superficial, da realidade dos nossos alunos, pois mesmo sendo o professor deles há algum tempo, não os conhecemos por completo.

Por isso compreendemos que a pesquisa-ação é mesmo um caminho fantástico para as descobertas e que devemos investir cada vez mais nesse caminho para chegarmos mais perto da tão almejada educação de qualidade.

3.5 GERAÇÃO DO CORPUS DA PESQUISA

Na perspectiva de levantar os materiais para a análise do objeto de pesquisa, a sequência didática foi a forma de trabalho escolhida para a ação intervencionista na sala de aula. Escolhemos a proposta postulada por Doz, Noverraz e Schneuwly (2004) como sugestão, pois entendemos ser um caminho

metodológico exequível e capaz de atender as perspectivas de aprendizagem dos alunos.

Como sugerido pelos autores citados, elaboramos e executamos uma sequência de atividades própria, distribuídas em três etapas: leituras, discussões e produção inicial do gênero *artigo de opinião*; estudo sobre o uso dos operadores argumentativos; revisão e reescrita final do *artigo de opinião*.

A primeira etapa visou despertar nos alunos o interesse em expor seus pontos de vista em torno do tema 'racismo', escolhido para a produção do *artigo de opinião* a partir de uma discussão em torno de fato social, que despertou a leitura de textos com essa temática.

Na segunda etapa, foram desenvolvidas as atividades teóricas e práticas sobre o uso dos operadores argumentativos, com a finalidade de fazê-los perceber a importância dos operadores para a argumentação nos textos.

A última etapa consistiu em revisar a produção inicial do *artigo de opinião* à luz dos conhecimentos adquiridos nas duas etapas anteriores, para, em seguida, reescrevê-lo como versão final.

Dessa forma, a nossa proposta de sequência didática possibilitou, entre a escrita inicial e a final, a geração de 54 (cinquenta e quatro) produções textuais, das quais 34 (trinta e quatro) foram selecionadas para a análise do uso dos operadores argumentativos, sendo a participação integral o critério de escolha, e cujo desenvolvimento está descrito no item a seguir.

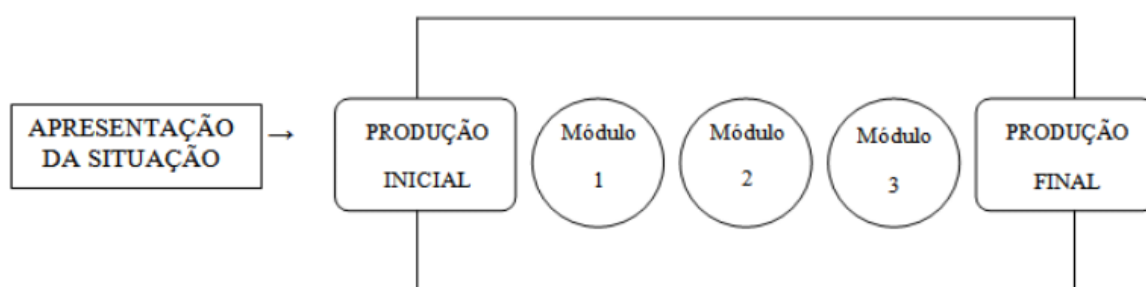
3.6 A SEQUÊNCIA DIDÁTICA GERADORA DO *ARTIGO DE OPINIÃO*

Com o advento das discussões provocadas em torno das análises da Linguística Textual através dos gêneros, outra vertente apresentada como caminho para o desenvolvimento qualitativo das competências e habilidades de produção textual é a adoção da sequência didática proposta nos estudos de Dolz, Noverraz e Schneuwly (2004). Segundo seus postulados, a Sequência Didática se desenvolve em procedimentos ordenados em etapas, que permitem planejar o ensino e a aprendizagem de um gênero discursivo/textual, com a finalidade de ajudar o aluno a escrever, ler e falar de forma adequada nas situações comunicativas sociais.

Nesse contexto, os autores defendem a ideia de que é possível ensinar a escrever textos de uma forma não sistemática, mas com uma proposta que permite criar contextos produtivos em torno de um gênero, visando o texto como unidade de ensino e os gêneros textuais como objeto de estudo.

De acordo com a proposta de etapas sugeridas para uma Sequência Didática, elaboramos uma proposta de atividades de leitura, escrita, análises e reescrita, tomando por base o esquema da figura a seguir.

Figura 4 – Esquema da sequência didática.



Fonte: Dolz; Noverraz; Schneuwly, 2004, p. 98.

Pelo exposto acima, o esquema da SD apresenta quatro etapas de desenvolvimento, com objetivos e atividades específicas, em busca de um resultado definido na proposta pedagógica.

Essas etapas são explicitadas pelos autores da seguinte forma:

A primeira etapa é a apresentação da situação, ela diz respeito à exposição “aos alunos de um projeto de comunicação que será realizado verdadeiramente na produção final” (p. 99). É de fundamental importância que os alunos saibam, no início, as intenções do professor nas atividades que serão desenvolvidas, pois, como se trata de um projeto de duração maior que as demais atividades escolares, corre-se o risco da perda do foco e do sentido da realização dos módulos da SD.

A segunda etapa de uma sequência didática é a produção inicial, na qual há “um primeiro encontro com o gênero” (p. 101). Nela, os alunos indicam para o professor o que sabem e o que não sabem sobre o gênero textual proposto para o projeto.

A terceira etapa da sequência didática é a dos módulos, na qual o professor executa-os de acordo com os problemas encontrados na primeira produção. O número de módulos é definido pelas necessidades dos alunos.

A quarta e última etapa da sequência didática é a produção final, cujo professor “dá ao aluno a possibilidade de pôr em prática as noções e os instrumentos elaborados separadamente nos módulos; também permite ao professor realizar uma avaliação somativa” (p. 106)

Embora essa não seja a única SD no cenário educacional, ela tem despertado a preferência de aplicação pelos professores brasileiros de Língua Portuguesa, por sua logicidade nos passos a serem seguidos. Ela tem a finalidade de apresentar um modelo prático e adaptativo aos diversos contextos de ensino, assim como oferecer caminhos para superar dificuldades de ensino-aprendizado.

E foi nesse sentido que elaboramos o nosso projeto de intervenção para melhorar a produção do gênero textual *artigo de opinião*, com vistas ao emprego adequado dos operadores argumentativos. Assim, planejamos a Sequência Didática com atividades voltadas para os conhecimentos dos alunos sobre o objeto de estudo, disposta no ANEXO A, com atividades específicas de tratamento do objeto de pesquisa.

Assim, a aplicação da SD teve início no dia 12 de setembro de 2018, na turma do 9º ano do Ensino Fundamental, escolhida pelos critérios apresentados no item 3.3 desta dissertação, desenvolvida em 25 (vinte e cinco) aulas de 50 (cinquenta) minutos, a partir da apresentação do projeto aos alunos e as motivações pedagógicas para o seu desenvolvimento.

Dessa forma, o primeiro momento da Sequência Didática se deu com a apresentação da situação de produção textual, na qual apresentamos o gênero a ser trabalhado, a temática de discussão e produção dos textos, os critérios avaliativos, o suporte de divulgação e o público leitor.

3.6.1 Apresentação da situação para a produção inicial do *artigo de opinião*

A apresentação da situação é um momento importante para a aplicação da sequência didática na medida em que o professor esclarece aos alunos quais são os objetivos de esses estarem participando das atividades que serão

desenvolvidas durante um razoável período de estudos. Afinal, saber onde se quer chegar torna a aprendizagem muito mais significativa.

Assim, seguindo o esquema proposto para a SD, fizemos a apresentação da situação inicial sobre a temática a ser trabalhada durante as próximas semanas de aula, sendo o racismo o tema gerador das produções textuais dos alunos, por ele ter surgido em discussão casual na turma, a partir de um episódio dessa natureza ocorrido na escola, que despertou opiniões contrárias entre os discentes, e também por ser um assunto recorrente nos meios de comunicação aos quais eles têm acesso.

Didaticamente, apresentamos o projeto de intervenção a todos, mostrando-lhes as motivações que nos levaram a aplicá-lo nessa turma. Para deixar tudo mais claro, explicamos-lhes os problemas de ordem textual que pretendíamos trabalhar e os objetivos pretendidos ao final da intervenção pedagógica. Explicamos ainda, que tal problema não era específico dessa turma, mas que o resultado positivo da ação pedagógica poderia ser replicado em qualquer outra escola. Dessa forma, todos entenderam a proposta e aceitaram o desafio lançado.

Em seguida, distribuímos pequenos pedaços de papel com 08 cores diferentes, para dividirmos a turma em 08 (oito) grupos, de acordo com as cores dos papéis que receberam. Devidamente organizados, apresentamos 04 (quatro) textos (Anexo B, textos 1, 2, 3 e 4) sobre o tema racismo, visto em casos públicos de grande repercussão no meio social, extraídos de plataformas digitais disponíveis na rede mundial de computadores (Internet), sem critério especial para a escolha da plataforma, mas apenas o fácil acesso permitido a todos os interessados. Vale ressaltar que os textos lidos foram dos gêneros notícia e reportagem, para não suscitar nos alunos um modelo de escrita do *artigo de opinião*.

A partir daí, os componentes dos grupos foram orientados a ler, refletir e debater os textos entre si. E para dinamizar suas leituras e reflexões, cada texto foi distribuído a dois grupos diferentes, para ser debatido com um posicionamento a favor e outro contra, estimulando pontos de vistas divergentes e a formulação de argumentos em situações de conflito, mesmo que ambos tivessem as mesmas convicções em torno dos casos apresentados nos excertos.

À medida que eles se envolviam com a leitura dos textos e a consequente apropriação do assunto, seus argumentos já se formulavam de maneira espontânea, numa expressa demonstração de que o trabalho surtiria o efeito desejado.

Como esperado, o debate entre os grupos foi muito bem-sucedido, visto o envolvimento de todos nas exposições argumentativas de seus pontos de vista. Todavia é importante destacar o poder das mídias no acesso às informações, uma vez que os alunos trouxeram outras informações para os casos, que ainda não tínhamos o conhecimento, enriquecendo ainda mais os seus posicionamentos.

Dando seguimento à sequência das atividades planejadas, solicitamos a 1ª produção escrita do *artigo de opinião*, a partir da proposta de redação (Anexo A, Atividade I) com o seguinte questionamento: INTOLERÂNCIA RACIAL NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: HÁ SOLUÇÃO?

No princípio, todos demonstraram aparente nervosismo com a responsabilidade de escrever sobre o tema, o que é natural, além de se sentirem inseguros quanto à escrita do gênero *artigo de opinião*. Depois foram fazendo perguntas sobre como se iniciava, ao passo que o professor-pesquisador lhes respondia: “- Do jeito que pensam que é!”. Tal resposta levou em consideração o fato de que devemos partir sempre dos conhecimentos prévios do aluno e daí para o aprimoramento através de conhecimentos mediados nas aulas e deixando-os livres para escrever da forma que imaginavam ser o gênero em ação.

Por conseguinte, depois de respeitado o tempo para a produção inicial, recolhemos os textos produzidos e, no tempo destinado ao planejamento das aulas, com calma e atenção, fizemos a análise dos principais problemas de construção textual.

Dessa forma, analisamos as produções iniciais de todos os alunos presentes e elencamos os pontos considerados relevantes para serem trabalhados nos módulos sugeridos na SD, como: a construção da tese e a apresentação do ponto de vista; a topicalização frasal como introdução para os argumentos; o uso dos operadores argumentativos de orientação argumentativa; os articuladores de organização textual e os articuladores modalizadores.

Por fim, pesquisamos os assuntos analisados em materiais didáticos físicos (livros e gramática) e digitais (plataformas digitais), elaboramos os planos de atividades para abordagem dos referidos assuntos e partimos para a realização dos módulos de atividades.

3.6.2 Desenvolvimento dos módulos de atividades

Os módulos de atividades são caminhos didáticos de abordagem de determinados conhecimentos que se pretende mediar de forma progressiva junto aos aprendizes, mesclando teoria e prática nas tarefas desenvolvidas na sala de aula.

Na Sequência Didática em tela foram desenvolvidos 05 (cinco) módulos de atividade, com 06 (seis) atividades realizadas em um período de três semanas, em um total de 12 (doze) aulas com duração de 50 (cinquenta) minutos cada.

Em síntese, esses módulos foram o ponto máximo da proposta de intervenção, pois, aos poucos, deram uma clara noção aos participantes da pesquisa-ação da importância dos operadores argumentativos em textos como o *artigo de opinião*, que buscam a adesão do interlocutor por meio de argumentos coesos e coerentes.

Módulo I: o parágrafo-tese e a apresentação do ponto de vista

Uma das características textuais do *artigo de opinião* é a proposição de uma tese construída a partir de um ponto de vista do locutor, que será defendida por meio de argumentos capazes de atrair a adesão do interlocutor.

Sobre a construção da tese, observamos nas produções iniciais que, em muitos casos, essa não estava bem definida pelo aluno, e, quando havia, não estava disposta no início do texto, como é comum em textos como o *artigo de opinião*. Em outros casos, a tese e/ou o ponto de vista estavam dispersos pelo corpo do texto.

Como proposta de intervenção, estabelecemos uma discussão sobre o(s) parágrafo(s) introdutório(s), local comum na estrutura composicional do *artigo de opinião* para a tese/ponto de vista, através da leitura analítica do *artigo de opinião*

intitulado “Um grito de socorro”, de autoria da aluna Sandra Machado Limas (Anexo A, Atividade II), produzido para o concurso de redação em âmbito nacional promovido pelo Programa Escrevendo o Futuro, iniciativa público-privada, intitulado de Olimpíada da Língua Portuguesa, que incentiva a produção escrita dos alunos de todas as escolas públicas do Brasil e divulga as produções finalistas na rede mundial de computadores.

Na sequência da atividade, apontamos o posicionamento opinativo exposto nos parágrafos introdutórios, com destaque para a situacionalidade dos fatos, a problemática em questão e o ponto de vista do locutor.

Depois disso, devolvemos os textos da 1ª produção aos alunos, para que analisassem suas construções e reescrevessem somente o(s) parágrafo(s) introdutório(s), caso fosse necessário. Todos receberam uma folha preparada para a reescrita apenas desse ponto estrutural do texto. Logo, nossa proposta foi de trabalhar esse processo de forma separada, em uma sucessão de partes textuais, que foram sendo integradas para a construção de um único texto, pois as sequências didáticas servem, portanto, para dar acesso aos alunos a práticas de linguagem novas ou dificilmente domináveis (Dolz et al., 2004, p. 98).

Inicialmente, notamos mudanças significativas relativas aos problemas detectados nas observações anteriores, especialmente no que diz respeito ao ponto de vista relativo ao tema em discussão. Com as exposições e discussões realizadas a partir do texto de apoio, foi possível observar ainda de forma superficial, uma melhoria na elaboração do pensamento opinativo do participante, quando da definição do alvo de sua crítica relacionada ao tema em discussão.

Depois de desenvolvermos as atividades para o módulo em questão, concluímos essa etapa do processo com a grata surpresa de ter promovido uma ação com conhecimentos significativos, os quais nos deram confiança para avançar na proposta de contribuir para a melhoria das produções argumentativas dos alunos do ensino fundamental.

Módulo II: Conhecendo a topicalização frasal como introdução para os argumentos

Na construção de textos argumentativos existem estratégias discursivas que favorecem a introdução dos argumentos que direcionam o posicionamento do locutor frente a um tema em discussão. Uma dessas estratégias é chamada de topicalização frasal, que é uma ideia principal a qual se agregam as ideias secundárias para a estruturação dos parágrafos. A partir de um tópico frasal é possível apresentar argumentos a favor ou contra à ideia principal, para os quais os operadores argumentativos são muito importantes.

Por isso, seguindo a nossa proposta de intervenção pedagógica, passamos a abordar a topicalização frasal como introdução para os argumentos, por também observarmos na produção inicial de alguns participantes, que os parágrafos responsáveis pela argumentação não traziam tópicos enunciativos estruturados coesivamente e coerentemente com a temática levantada, prejudicando o desenvolvimento dos argumentos para a sustentação de uma tese de maneira organizada. Alguns argumentos foram postos sem ligação com qualquer fato mencionado anteriormente.

Nesse sentido, apresentamos aos alunos alguns tipos de tópico frasal (declaração inicial, definição, contraste e interrogação) como mecanismo de entrada para os argumentos, que dão espaço para o convencimento do interlocutor por meio dos tipos de argumentos mais adequados aos temas em discussão. Em seguida, disponibilizamos para os alunos-participantes o quadro abaixo, com alguns tipos de argumentos possíveis em textos argumentativos.

Quadro 5 – Tipos de argumentos

| Argumentos | Explicação |
|-------------------|--|
| De autoridade | No argumento de autoridade, o auditório é levado a aceitar a validade da tese ou conclusão [C] defendida a respeito de certos dados [D], pela credibilidade atribuída à palavra de alguém publicamente considerado autoridade na área [J]. |
| De exemplificação | No argumento por exemplificação, o argumentador baseia a tese ou conclusão [C] em exemplos representativos [D], os quais, por si sós, já são suficientes para justificá-la [J]. |
| Por evidências | No argumento por evidência, pretende-se levar o auditório a admitir a tese ou conclusão [C], justificando-a por meio de |

| | |
|---------------------------|---|
| | evidências [J] de que ela se aplica aos dados [D] considerados. |
| De princípio ou crença | No argumento de princípio, a justificativa [J] é um princípio, ou seja, uma crença pessoal baseada numa constatação (lógica, científica, ética, estética etc.) aceita como verdadeira e de validade universal. Os dados apresentados [D], por sua vez, dizem respeito a um fato isolado, mas, aparentemente, relacionado ao princípio em que se acredita. Ambos ajudam o leitor a chegar a uma tese, ou conclusão, por meio de dedução. |
| Por causa ou consequência | No argumento por causa e consequência, a tese ou conclusão [C] é aceita justamente por ser uma causa ou uma consequência [J] dos dados [D]. |

Fonte: https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/etapa/tipos-de-argumento/, consultado em 30 de setembro de 2018.

Depois da interpretação desse quadro, os discentes voltaram a ler suas produções e observá-las quanto à elaboração dos parágrafos argumentativos. Contudo, alertamos-lhes que esses tipos de argumentos merecem atenção e cuidado quanto à precisão das informações, para que não sejam postas afirmações imprecisas ou inverídicas.

Como atividade prática, propomos a releitura do texto trabalhado no módulo I e a observação analítica dos parágrafos argumentativos, na intenção de pudessem perceber a dinâmica da construção de um parágrafo.

Com o término das atividades desse módulo, consideramos que houve aprendizado significativo também nesse ponto, visto que os relatos dos alunos durante as aulas nos indicaram total desconhecimento do tópico frasal. Com essa aprendizagem foi possível dar sequência aos módulos projetados e aprofundar os conhecimentos dos alunos quanto à argumentatividade textual, chegando às atividades sobre os operadores argumentativos, objeto de estudo desse trabalho, mais atentos aos elementos linguísticos argumentativos nas construções textuais.

Módulo III – Identificando os operadores argumentativos de orientação argumentativa

Nesse módulo, tratamos daquilo que é o objeto de estudo do nosso trabalho: os operadores argumentativos. A saber, nas análises das produções iniciais, detectamos problemas na utilização dos elementos argumentativos que ligam os enunciados, que fazem referência anafórica e catafórica e que dão sequência ao texto, primordialmente quanto ao sentido que estabelecem.

Vimos, por exemplo, parágrafos desenvolvidos por períodos compostos sem elos que estabelecessem uma relação de sentido coesa, mas apenas frases dispostas em uma ordem de ideias aleatória, além de outros problemas linguísticos, como os ortográficos e concordâncias verbal e nominal.

Em outras análises feitas nas produções textuais iniciais dos alunos, interpretamos que a maior parte desses participantes apresentavam conhecimento dos conectivos (operadores), necessitando apenas de um trabalho mais incisivo sobre o sentido desses elementos na relação articular dos enunciados, e que isso seria possível com a prática constante da produção textual escrita.

Com isso apostamos na ideia de que os problemas de uso dos operadores argumentativos deviam-se à falta de conhecimento sobre os sentidos que esses elementos textuais podem estabelecer dentro de um contexto linguístico argumentativo. Assim, passamos a discutir a importância dos sentidos estabelecidos pelos operadores argumentativos de orientação argumentativa, apresentando e distribuindo para todos os alunos o Quadro 07, que segue abaixo, elaborado a partir das leituras feitas no livro “Escrever e Argumentar”, das autoras Koch e Elias (2017, p. 64-76).

QUADRO 6 - TIPOS DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS DE ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA

| | |
|---|---|
| <p>1. Operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão</p> | <p><i>e, também, nem (e não), não só...mas também, tanto...como, além de, além disso etc.</i></p> |
| <p>2. Operadores que indicam o argumento mais forte de uma escala a favor de uma determinada conclusão</p> | <p><i>até, até mesmo, inclusive, nem, nem mesmo, aliás</i></p> |

| | |
|--|--|
| 3. Operadores que deixam subentendida a existência de uma escala com outros argumentos mais fortes | <i>ao menos, pelo menos, no mínimo</i> |
| 4. Operadores que contrapõem argumentos orientados para conclusões contrárias | <i>mas, porém, contudo, todavia, no entanto, entretanto, embora, ainda que, posto que, apesar de (que)</i> |
| 5. Operadores que introduzem uma conclusão com relação a argumentos apresentados em enunciados anteriores | <i>logo, portanto, pois, por isso, por conseguinte, em decorrência etc.</i> |
| 6. Operadores que introduzem uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior | <i>porque, porquanto, já que, pois, que, visto que, como etc.</i> |
| 7. Operadores que estabelecem relações de comparação entre elementos, visando a uma determinada conclusão | <i>mais...(do) que, menos...(do) que, tão...quanto</i> |
| 8. Operadores que introduzem argumentos alternativos que levam a conclusões diferentes ou opostas | <i>ou...ou, quer...quer, seja...seja</i> |
| 9. Operadores que introduzem no enunciado conteúdos pressupostos | <i>já, ainda, agora etc.</i> |
| 10. Operadores que funcionam numa escala orientada para a afirmação da totalidade ou para a negação da totalidade | <i>um pouco, quase - pouco, apenas</i> |

Fonte: Koch e Elias (2017, p. 64-76).

Embora essa não seja a forma mais adequada para demonstrar a dinâmica semântica das palavras, visto que o referido quadro apresenta exemplos sem contexto, nossa intenção foi mostrar para os alunos algo que eles supostamente não conheciam como forma mínima de argumentação, e a partir daí, fazer as relações de sentidos na prática das produções textuais seguintes.

Então, iniciamos as atividades desse módulo com a distribuição para todos os alunos de um parágrafo inicial do texto “A milenar arte de educar dos

povos indígenas”, de Daniel Munduruku (Anexo A, Atividade III), no qual os períodos que o compunha foram recortados para que os participantes fizessem a recomposição a partir da observação dos elementos linguísticos que estabeleciam uma relação de sentido. Com isso, começamos a mostrar a importância dos operadores argumentativos na semântica textual.

Em seguida, aplicamos uma atividade lúdica sobre operadores argumentativos (Anexo A, Atividade IV), a partir da qual os alunos receberam 20 períodos textuais e 10 conectivos, todos separados em pedaços de papel, onde a tarefa consistiu em estabelecer a ligação semântica entre os períodos, formando um total de 10 períodos compostos e coesos, sem que sobrasse papel algum. Essa tarefa conseguiu despertar a atenção dos participantes sobre a relação de sentido estabelecida pelos termos que ligam os enunciados, demonstrando que nossas intenções didáticas estavam no rumo certo.

Dando sequência, distribuimos o texto integral de Daniel Munduruku (Anexo A, Atividade V), com os parágrafos fora da ordem, para que os alunos fizessem a enumeração correta a partir da relação de sentido entre os excertos. Com essa tarefa, estimulamos a compreensão dos operadores argumentativos tanto na microestrutura interna quanto na macroestrutura externa, pois sem esses elementos o texto não se desenvolve enquanto sequência textual.

Para finalizar o módulo em tela, solicitamos que os participantes identificassem e circulassem os operadores que atuam na orientação dos argumentos, classificando-os, se possível, entre os 10 (dez) tipos de operadores argumentativos de orientação argumentativa apresentados no quadro distribuído nessa etapa modular.

Para fechamento, iniciamos um diálogo para solucionarmos possíveis dúvidas sobre o que fora trabalhado e abrimos espaço para os relatos espontâneos dos alunos sobre as aprendizagens adquiridas, como também, as dificuldades encontradas até aquele momento. Depois das considerações, partimos para o módulo seguinte.

Módulo IV – Compreendendo as funções dos articuladores de organização textual

Nesse módulo, buscamos mostrar aos alunos-participantes que alguns operadores não atuam necessariamente na orientação argumentativa interna dos textos, e sim, na articulação textual externa, estabelecendo uma espécie de organização da sequência dos enunciados.

Vale ressaltar que esse módulo nasceu da observação das produções iniciais, onde foi possível notar alguns problemas quanto à articulação entre as partes sequenciais de algumas produções. Em alguns casos observados, há um articulador de organização textual sequencial de primeira ordem, sem que haja o articulador das ordens subsequentes.

Para uma melhor compreensão dos alunos, produzimos o quadro abaixo, segundo os estudos de Koch e Elias (2017), contendo os operadores argumentativos de articulação textual, e o distribuímos aos presentes para a utilização desses elementos nas atividades programadas para a sequência didática.

QUADRO 7 - OPERADORES ARGUMENTATIVOS DE ARTICULAÇÃO TEXTUAL

| | | |
|---|---|--|
| Articuladores de organização textual | <i>primeiro (amente), depois, em seguida, enfim, por um lado/por outro (lado), às vezes/outras vezes, em primeiro lugar/em segundo lugar, por último etc.</i> | |
| | Marcadores discursivos continuadores | <i>aí, daí, então, aí então, agora</i> |
| Articuladores metadiscursivos | Modalizadores | <i>certeza (realmente, evidentemente, certamente, logicamente, absolutamente etc.)</i> |
| | | <i>obrigatoriedade/necessidade (obrigatoriamente, necessariamente etc.)</i> |
| | | <i>avaliação de eventos, ações, situações (felizmente, lamentavelmente etc.)</i> |

Fonte: Koch e Elias (2017, p. 140-146).

Ao receberem o quadro acima, e já críticos da sua produção inicial lida nas atividades anteriores, logo notaram a ausência ou o mau uso desses elementos linguísticos.

Assim, orientamos os discentes a fazer a leitura e, principalmente, a observação dos operadores argumentativos presentes e destacados no texto “Água pouca, meu poço primeiro”, de autoria de Abraão Filipe Marques de Oliveira, outro finalista das Olimpíadas da Língua Portuguesa (Anexo A, Atividade VI), para observar a sequência textual mantida pelos articuladores textuais, agora em uma situação textual mais próxima da realidade dos discentes.

De fato, os relatos dos alunos sobre a noção adquirida dos elementos linguísticos argumentativos demonstraram que os conhecimentos mediados e as atividades desenvolvidas alcançaram resultados significativos ao ponto de apontarem a ausência dos operadores em estudo nesse módulo, no texto em análise.

Contudo, ressaltamos que este projeto de intervenção não tem a pretensão de dar conta de todos os problemas de escrita encontrados na sala de aula, mas de contribuir para a compreensão da importância desses elementos, e com isso melhorar o desempenho escritor dos alunos nos textos de tipologia argumentativa, sobretudo o *artigo de opinião*, pois uma sequência didática tem, precisamente, a finalidade de ajudar o aluno a dominar melhor um gênero de texto, permitindo-lhe, assim, escrever ou falar de uma maneira mais adequada numa dada situação de comunicação (Dolz et al., 2004, p. 98).

Todavia entendemos que somente as práticas educativas com propostas bem definidas são capazes de alterar positivamente qualquer quadro adverso, uma vez que a evolução da linguística de texto nos propiciou descobrir novos caminhos para desmistificar problemas de ensino e aprendizagem tão presentes nas escolas.

Logo, se existem modelos e caminhos para solucionar os problemas de linguagem encontrados nas salas de aula, o que resta ao professor é apresentá-los a quem precisa conhecê-los, mesmo que já os utilizem de forma involuntária.

Dessa forma, solicitamos que os alunos retornassem às suas produções iniciais, e observassem a forma como usaram os operadores argumentativos de orientação argumentativa nos enunciados construídos no *artigo de opinião*

inicial. Essa leitura provocou grande admiração de alguns, especialmente para o fato de como eles já utilizavam quase todos os elementos linguísticos apresentados no Quadro 6 e nunca se deram conta de sua importância.

Como nos módulos anteriores, continuamos a observar que as atividades realizadas, num curto espaço, já estavam surtindo um efeito positivo, guardadas as devidas precauções até a análise da produção final. Contudo, até aquele momento, já era possível projetar que as ações dessa pesquisa passariam a ser uma prática de ensino permanente para o professor-pesquisador.

Módulo V – Compreendendo a função dos articuladores metadiscursivos modalizadores na sequência textual

No último módulo dessa Sequência Didática, passamos a trabalhar os articuladores metadiscursivos modalizadores, que são responsáveis, entre outras funções semânticas, pelo engajamento do enunciador com relação ao conteúdo enunciado. Esses elementos são expressos através de articuladores como advérbios, orações, conjunções, pronomes, locuções, e funcionam como indicadores das intenções, sentimentos e atitudes do locutor com relação ao seu discurso.

Por conseguinte, também em nossas análises das primeiras produções do *artigo de opinião*, observamos uma tímida utilização de tais operadores nos textos dos alunos-participantes, o que nos motivou a inserir os modalizadores metadiscursivos em nossa pesquisa por entender que esses são importantes para o comprometimento do redator com o que ele escreve no texto. Isso nos levou a entender o quanto a modalização é necessária ao efeito de sentido dos textos escritos.

Como atividade para esse item, distribuímos aos os alunos, o texto “Um bom livro” (Anexo A, Atividade VII), para leitura e discussão da temática trazida pelo excerto. Em seguida, propusemos uma atividade com perguntas relacionadas aos modalizadores e outros operadores postos no texto. Essa foi mais uma tarefa que despertou a atenção dos alunos para a importância semântica dos elementos que ligam os enunciados.

Na sequência, retomamos o Quadro 7 do módulo anterior, para discutir a classificação dos articuladores metadiscursivos modalizadores balizada em

Koch e Elias (2017) e apresentamos um outro quadro classificatório de modalizadores, esse balizado em Castilho e Castilho (1993), no qual classifica a modalização em epistêmica, deôntica e afetiva, para mostrar a semântica de uso de tais operadores possivelmente aplicáveis na produção final do *artigo de opinião* dos alunos.

Quadro 8 – Classificação dos modalizadores

| | |
|--|--|
| Modalização Epistêmica: “...expressa uma avaliação sobre o valor de verdade e as condições de verdade da proposição” (1993, p. 222) Compreende três subclasses: | |
| 1) Os asseverativos : a) afirmativos – realmente, evidentemente, naturalmente, efetivamente, claro, certo, lógico, sem dúvida, mesmo, etc; b) negativos – de jeito nenhum, de forma alguma. | 2) Os quase asseverativos : talvez, assim, possivelmente, provavelmente, eventualmente. |
| 3) Os delimitadores : quase, um tipo de, uma espécie de, geograficamente, biologicamente, etc. | |
| Modalização Deôntica: se refere ao princípio da obrigação e da permissão: obrigatoriamente, necessariamente, etc. | |
| Modalização Afetiva: “verbaliza as reações emotivas do falante em face do conteúdo proposicional, deixando de lado quaisquer considerações de caráter epistêmico ou deôntico”. (1993, p. 222) | |
| Tipos de modalizadores afetivos: | |
| Subjetivos: (in)felizmente, curiosamente, surpreendentemente, espantosamente etc. | Intersubjetivos: sinceramente, francamente, lamentavelmente, estranhamente etc. |

Fonte: Castilho e Castilho (1993, p. 222).

Alguns modalizadores dessa tabela são pouco utilizados por esses alunos, que relataram utilizar mais comumente os 'Quase-Asseverativos'. Mesmo assim, declararam entender a proposta e, dessa maneira, os participantes tiveram a oportunidade de compreender melhor como os modalizadores atuam na sequência textual e partiram para a comprovação desse aprendizado a partir da análise de seus próprios textos.

Vale destacar que esse foi o módulo mais curto dessa SD, visto que a intenção foi mais de apresentar os operadores em questão, a título de informação, do que um aprofundamento teórico e prático sobre o tema.

Assim, concluímos a etapa dos módulos sem que nenhum aluno, até então, reclamasse da sucessão de atividades e nem perguntasse quanto valia cada tarefa, fato comum dentro da cultura avaliativa na escola cuja turma participante dessa pesquisa-ação está inserida. Isso por si só já foi um ganho enorme.

3.6.3 Reescrita do texto final

A última etapa da Sequência Didática dessa intervenção pedagógica foi a escrita do texto final, que, neste caso, já vinha sendo reescrito ao longo dos módulos. Nela, os alunos receberam uma nova folha para o texto definitivo, a ser entregue ao professor-pesquisador para as análises dos resultados obtidos.

Antes da reescrita final, solicitamos dos participantes uma leitura mais atenta do texto rascunhado, para que pudessem fazer as correções ortográficas necessárias das palavras e expressões utilizados até aquele momento. Essa ação foi realizada em sala de aula e teve a intenção de despertar essa prática necessária aos produtores de textos, uma vez que é comum encontrar problemas simples de ortografia, decorrentes da falta de uma leitura final das produções. Assim feito, todos entregaram suas produções no tempo determinado. Das produções entregues, selecionamos as produções inicial e final de 17 alunos-participantes, numa soma total de 34 textos, a partir do critério de participação ativa em todos os momentos e etapas da Sequência Didática.

Dessa forma, o capítulo a seguir apresentará as análises feitas quanto ao uso dos operadores argumentativos a partir das produções textuais construídas pelos alunos durante a aplicação da SD.

4 ANÁLISE DOS RESULTADOS DA APLICAÇÃO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA

Nesse capítulo, analisamos o uso dos operadores argumentativos nos textos produzidos pelos alunos do 9º ano, que nos serviram de objeto para a apreciação dos resultados obtidos após a aplicação da Sequência Didática.

Desse modo, tomamos para essa análise a produção inicial e final de 17 alunos, em que a primeira produção nos serviu de base para trabalhar os problemas encontrados quanto ao uso dos operadores argumentativos, e a última produção, reescrita após a mediação dos conhecimentos acerca dos elementos linguísticos em questão, para a avaliação da aprendizagem adquirida através das atividades desenvolvidas no decorrer da intervenção pedagógica.

Assim, nosso recorte analítico considerou a utilização dos operadores argumentativos nos artigos de opinião nas duas versões produzidas, segundo as correntes teóricas que fundamentaram esse trabalho de pesquisa. Logo, as considerações analíticas partiram de observações comparativas identificadas nos textos, que demonstraram resultados e conclusões relativas ao uso dos elementos linguísticos em tela.

Essas análises foram reproduzidas em trechos digitalizados, com a manutenção da ortografia original, sem a identificação dos autores, apenas com a sigla AP (Aluno-Participante) e a versão ordenada da produção (inicial ou final). Já as produções integrais encontram-se digitalizadas nos Anexos C e D desta dissertação, por serem manuscritas.

Preliminarmente, acreditamos que os resultados observados foram bastante significativos, tanto para os alunos, que demonstraram essa relevância nas conversas pós-SD, quanto para o professor-pesquisador, que descobriu ser possível ensinar algo verdadeiramente significativo.

4.1 OPERADORES ARGUMENTATIVOS NAS PRODUÇÕES DOS ALUNOS: ANÁLISES QUANTITATIVAS

Embora nossa pesquisa seja, na sua totalidade, de base qualitativa, buscamos meios quantitativos que facilitassem as análises comparativas entre as etapas da Sequência Didática, a fim de que tivéssemos resultados mais objetivos. Assim, fizemos a identificação dos operadores argumentativos nas

duas versões dos artigos de opinião produzidos pelos alunos e elaboramos três quadros com os dados obtidos nesse processo.

Ressaltamos, pois, que a contagem dos operadores nos quadros abaixo segue a classificação tipológica adotada pelas pesquisadoras Koch e Elias (2017), que dentro do universo de elementos linguísticos pesquisados por elas, delimitamos para o nosso trabalho: operadores argumentativos de orientação argumentativa e operadores argumentativos de articulação textual.

Assim, o quadro 9 abaixo apresenta dados da produção inicial do *artigo de opinião* dos alunos, no tocante à quantidade e tipos dos operadores argumentativos de orientação argumentativa, articuladores de organização textual e articuladores metadiscursivos modalizadores observados nos textos dos participantes.

QUADRO 9 - OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA PRODUÇÃO INICIAL DO ARTIGO DE OPINIÃO

| ALUNOS-PARTICIPANTES | QUANTIDADE E TIPOS DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS DE ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA | | QUANTIDADE E TIPOS DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS ARTICULADORES DE ORGANIZAÇÃO TEXTUAL | | QUANTIDADE E TIPOS DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS ARTICULADORES METADISCURSIVOS MODALIZADORES | |
|----------------------|---|-------|--|-------|---|-------|
| | Quantidade | Tipos | Quantidade | Tipos | Quantidade | Tipos |
| AP – 03 | 28 | 5 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| AP – 04 | 24 | 5 | - | - | 2 | 2 |
| AP – 06 | 25 | 7 | 3 | 1 | - | - |
| AP – 07 | 18 | 4 | 1 | 1 | 4 | 1 |
| AP – 08 | 23 | 6 | 2 | 1 | 1 | 1 |
| AP – 10 | 20 | 6 | - | - | 3 | 2 |
| AP – 12 | 20 | 5 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| AP – 14 | 14 | 6 | - | - | 1 | 1 |

| | | | | | | |
|---------|----|---|---|---|---|---|
| AP – 15 | 8 | 4 | - | - | 2 | 2 |
| AP – 16 | 16 | 8 | 1 | 1 | - | - |
| AP – 19 | 15 | 4 | - | - | - | - |
| AP – 21 | 18 | 4 | - | - | 1 | 1 |
| AP – 22 | 12 | 5 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| AP – 23 | 16 | 3 | 1 | 1 | - | - |
| AP – 24 | 15 | 6 | 3 | 2 | - | - |
| AP – 25 | 18 | 3 | 1 | 1 | 3 | 2 |
| AP – 26 | 16 | 4 | 1 | 1 | - | - |

Fonte: Dados da pesquisa. Quadro elaborado pelo autor (2018).

De acordo com os números apresentados no quadro acima, a média de operadores argumentativos de orientação argumentativa utilizados pelos alunos girou em torno de 18 operadores, com o AP 03 como o maior número de elementos utilizados (28 operadores), e o AP 15 como o menor número de elementos utilizados (8 operadores). Já em relação aos tipos de operadores utilizados a média foi de 5 operadores, sendo o AP 16 que mais variou nos tipos de operadores utilizados (8 operadores), e os discentes AP 23 e AP 25 os que menos variaram nos tipos de operadores (3 operadores).

Com relação aos operadores argumentativos articuladores de organização textual, notamos uma baixa utilização desses importantes elementos para a sequência textual e, conseqüentemente, para a compreensão dos textos. Os alunos AP 06 e AP 24 foram os que mais fizeram uso desses operadores, 03 no total. No entanto, os participantes AP 04, AP 10, AP 14, AP 15, AP 19 e AP 21 não utilizaram nenhum operador do tipo em destaque.

O mesmo fato anterior foi visto em relação aos operadores argumentativos articuladores metadiscursivos modalizadores, onde 06 redatores não utilizaram elementos desse tipo. O AP 07 foi o que mais fez uso desses elementos, 4 ao todo, e a grande maioria utilizou apenas 1 operador. Embora esse tipo de operador não tenha grande influência para a argumentação, ele expressa o grau de adesão do locutor com o conteúdo enunciado.

Contudo, esses dados nos indicaram que os alunos já tinham conhecimento dos operadores argumentativos e que o nosso trabalho seria de tornar o uso desses elementos linguísticos de forma consciente ou, pelo menos, sabendo que eles têm importância semântica para a argumentação.

Por conseguinte, o quadro 10 apresenta os dados da produção final do *artigo de opinião* dos alunos, com os mesmos itens de quantidade e tipos dos operadores argumentativos de orientação argumentativa, articuladores de organização textual e articuladores metadiscursivos modalizadores, apresentados no quadro da seção anterior, com o intuito primeiro de comparar os números referentes ao uso dos operadores nas duas versões. O segundo intuito foi de que esses dados nos auxiliassem na análise interpretativa de evolução ou retrocesso no uso dos elementos linguísticos em estudo. A seguir, apresentamos o quadro com os resultados obtidos.

QUADRO 10 - OPERADORES ARGUMENTATIVOS NA PRODUÇÃO FINAL DO ARTIGO DE OPINIÃO

| ALUNOS- PARTICIPANTES | QUANTIDADE E TIPOS DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS DE ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA | | QUANTIDADE E TIPOS DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS ARTICULADORES DE ORGANIZAÇÃO TEXTUAL | | QUANTIDADE E TIPOS DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS ARTICULADORES METADISCURSIVOS MODALIZADORES | |
|--------------------------|---|-------|--|-------|---|-------|
| | Quantidade | Tipos | Quantidade | Tipos | Quantidade | Tipos |
| AP – 03 | 36 | 6 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| AP – 04 | 22 | 9 | - | - | 1 | 1 |
| AP – 06 | 36 | 6 | - | - | - | - |
| AP – 07 | 29 | 5 | - | - | 6 | 2 |
| AP – 08 | 20 | 5 | 2 | 1 | - | - |
| AP – 10 | 27 | 6 | - | - | 1 | 1 |
| AP – 12 | 19 | 6 | - | - | - | - |

| | | | | | | |
|---------|----|---|---|---|---|---|
| AP – 14 | 16 | 5 | - | - | 2 | 1 |
| AP – 15 | 7 | 2 | - | - | 2 | 2 |
| AP – 16 | 20 | 5 | 1 | 1 | 3 | 1 |
| AP – 19 | 14 | 5 | 1 | 1 | - | - |
| AP – 21 | 10 | 3 | 1 | 1 | 1 | 1 |
| AP – 22 | 15 | 4 | 3 | 1 | - | - |
| AP – 23 | 19 | 3 | - | - | 1 | 1 |
| AP – 24 | 25 | 6 | 2 | 1 | 1 | 1 |
| AP – 25 | 14 | 5 | - | - | 3 | 2 |
| AP – 26 | 16 | 3 | 3 | 1 | - | - |

Fonte: Dados da pesquisa. Quadro elaborado pelo autor (2018).

De acordo com os dados acima, vimos algumas alterações numéricas em relação ao quadro 9, em que a média de operadores argumentativos de orientação argumentativa passou a ser de 19 operadores utilizados, com variações de 36 operadores utilizados pelo AP 06, e de apenas 07 operadores utilizados pelo AP 15. Em relação à variação nos tipos desses operadores, a média permaneceu a mesma registrada na produção inicial (05 operadores em média), variando entre 09 tipos de operadores como maior uso, e 02 operadores tipos de operadores como menor uso.

Com relação aos operadores argumentativos articuladores de organização textual, vimos uma utilização desses elementos, que já era baixa na produção inicial do *artigo de opinião*, ser ainda mais reduzida. Das 17 produções finais do *artigo de opinião* analisadas, 09 delas não tiveram esse tipo de operador em uso. As exceções foram os alunos AP 22 e AP 26, que aumentaram de 01 para 03 operadores desse tipo em destaque e conseguiram melhorar suas produções, como será demonstrado na sequência desse capítulo das análises.

Em relação aos operadores argumentativos articuladores metadiscursivos modalizadores, houve um pequeno acréscimo de utilização desse tipo de operador, com o AP 07 chegando a utilizar 06 desses elementos e demonstrando

o forte engajamento com as ideias defendidas em seu texto, como veremos nas análises adiante.

Vale ressaltar que, como a incidência maior de utilização dos operadores argumentativos nas produções dos alunos recaiu sobre os de orientação argumentativa, resolvemos, assim, produzir um terceiro quadro, abaixo, para tornar mais clara a comparação numérica entre as duas versões dos artigos de opinião produzidos pelos alunos.

QUADRO 11 - OPERADORES ARGUMENTATIVOS NAS PRODUÇÕES INICIAL E FINAL DO ARTIGO DE OPINIÃO

| ALUNOS- PARTICIPANTES | QUANTIDADE E TIPOS DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS DE ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA NA PRODUÇÃO INICIAL | | QUANTIDADE E TIPOS DE OPERADORES ARGUMENTATIVOS DE ORIENTAÇÃO ARGUMENTATIVA NA PRODUÇÃO FINAL | |
|--------------------------|--|-------|--|-------|
| | Quantidade | Tipos | Quantidade | Tipos |
| AP – 03 | 28 | 5 | 36 | 6 |
| AP – 04 | 24 | 5 | 22 | 9 |
| AP – 06 | 25 | 7 | 36 | 6 |
| AP – 07 | 18 | 4 | 29 | 5 |
| AP – 08 | 23 | 6 | 20 | 5 |
| AP – 10 | 20 | 6 | 27 | 6 |
| AP – 12 | 20 | 5 | 19 | 6 |
| AP – 14 | 14 | 6 | 16 | 5 |
| AP – 15 | 8 | 4 | 7 | 2 |
| AP – 16 | 16 | 8 | 20 | 5 |
| AP – 19 | 15 | 4 | 14 | 5 |
| AP – 21 | 18 | 4 | 10 | 3 |
| AP – 22 | 12 | 5 | 15 | 4 |

| | | | | |
|---------|----|---|----|---|
| AP – 23 | 16 | 3 | 19 | 3 |
| AP – 24 | 15 | 6 | 25 | 6 |
| AP – 25 | 18 | 3 | 14 | 5 |
| AP – 26 | 16 | 4 | 16 | 3 |

Fonte: Dados da pesquisa. Quadro elaborado pelo autor (2018).

Como visto, os números não deixaram dúvidas de que a proposta pedagógica provocou mudanças limitadas nos textos produzidos. No entanto, as análises qualitativas nos mostraram situações mais significativas que os números apresentados nos quadros acima, as quais serão apresentadas a seguir.

4.2 OPERADORES ARGUMENTATIVOS NAS PRODUÇÕES ALUNOS: ANÁLISES QUALITATIVAS

De acordo com as análises qualitativas, as produções dos alunos nos apresentaram situações distintas quanto ao uso dos operadores argumentativos nas versões inicial e final. Alguns participantes conseguiram melhorar suas produções com o uso adequado dos operadores argumentativos, outros fizeram apenas adaptações a partir dos conhecimentos mediados, e uns não conseguiram avançar quanto ao que foi trabalhado. No entanto, foi possível notar que todos, em maior ou menor número, utilizam esses elementos linguísticos e o que lhes falta é um trabalho mais profundo e duradouro de teoria e prática sobre a semântica argumentativa.

Portanto, nossas análises foram descritas a partir de comparações entre excertos extraídos das produções inicial e final dos alunos, onde foram encontradas evidências dos conteúdos trabalhados nas atividades da intervenção pedagógica da SD, assim como os casos de insucesso do processo de ensino e aprendizagem.

Desse modo, iniciamos as análises qualitativas a partir das produções do AP 03, abaixo, que nos apresentou alguns problemas quanto ao uso dos operadores argumentativos.

AP 03 – Produção inicial do *artigo de opinião*

“Acredito que as pessoas de consciência poderiam mudar a péssima realidade de quem sofre com o preconceito. Incentivando nas escolas a fazer atividades com as crianças, que mostrem a igualdade, para que se estabeleça recursos que não discriminem o próximo, como por exemplo, desde cedo mostrar as crianças as diversas culturas que existem, não só no Brasil, mas como também no mundo”.

Nesse excerto, vimos que há uma incidência de utilização do conector “*que*” nos enunciados, um dos operadores mais utilizados por todos os participantes nesse trabalho, o qual ocasionou uma inadequação semântica no segundo período (“*que mostrem a igualdade*”), iniciado por um verbo no gerúndio para indicar uma ação em desenvolvimento, e que o enunciador deveria ter utilizado o operador de soma de argumentos, “*e*”, seguido do verbo “*mostrar*”, também no gerúndio, e, assim, fechar o período com a conclusão argumentativa.

No entanto, as produções inicial e final do AP 03 sofreram poucas alterações durante o período de desenvolvimento da sequência didática. O ponto de vista, o número de parágrafos e as ideias argumentativas permaneceram os mesmos. Porém foi possível observar mudanças significativas no uso dos operadores argumentativos dentro dos parágrafos textuais. Observamos no 3º parágrafo dessa produção o ponto de vista desse participante, apresentado inicialmente por um modalizador de certeza (“*Acredito*”), que expressa o comprometimento particular do locutor com o que será enunciado.

Observamos ainda no mesmo parágrafo, que a junção de operadores pode prejudicar a construção textual. No segundo período, o participante utilizou dois marcadores de ilustração e de exemplificação juntos (“*como*” e “*por exemplo*”) para argumentar o posicionamento inicial, que, segundo Adam (2008, p. 185), sua “função é introduzir exemplos que dão ao enunciado um *status* de ilustração de uma asserção principal”. No entanto, a utilização do marcador “*como*” junto aos operadores que somam argumentos a favor de uma mesma conclusão (“*não só...mas também*”) torna-se desnecessária, embora não comprometa o sentido.

AP 03 – Produção final do *artigo de opinião*

“Acredito que as pessoas de consciência poderiam mudar essa péssima realidade de quem sofre com o preconceito. E assim, incentivando nas escolas e fazer, desde cedo, atividades com as crianças que mostrem a igualdade, para que se estabeleça recursos que não discriminem o próximo, na qual cabe citar, mostrar a eles os diversos tipos de culturas existentes, não só no Brasil, mas também no mundo”.

Na versão final pudemos observar mudanças no parágrafo em análise, sejam essas alterações adequadas ou inadequadas linguisticamente. Vimos que no segundo período desse parágrafo foi introduzido um operador que soma argumento junto a um marcador de ilustração (“*E assim*”) para estabelecer uma ligação com o período anterior. Contudo, esses elementos não se adequaram ao sentido do enunciado, para o qual seria mais adequado o uso de um marcador de ilustração ou exemplificação, como também não houve correção quanto ao uso do elemento “*que*”, analisado anteriormente.

Do mesmo modo, analisamos que a substituição dos marcadores de ilustração e de exemplificação (“*como por exemplo*”), posto na produção inicial, por uma oração subordinada adjetiva explicativa, introduzida pelos elementos linguísticos anafóricos (“*na qual*”) está inadequada, pois não estabelece a devida concordância com quaisquer termos anteriores. Contudo, vimos que a retirada do marcador de ilustração (“*como*”), que se encontrava na produção inicial, no meio do operador “*não só...mas também*”, foi uma alteração adequada ao que foi trabalhado na SD, pois orientou a conclusão argumentativa do locutor.

AP 04 – Produção inicial do *artigo de opinião*

“Na nossa sociedade infelizmente existe sim o Racismo não só com aqueles que são negros ou pretos, mas também de várias maneiras. O Preconceito ou o Racismo não vem ocorrendo não só na sociedade mas no Brasil todo”.

Na produção em análise, observamos a presença de um modalizador de avaliação de eventos, ações ou situações (“*infelizmente*”) posto no parágrafo que, interpretativamente, consideramos como a assunção do posicionamento pessoal do locutor, pois segundo Koch e Elias (2017, p. 143) em relação aos articuladores modalizadores, “podemos recorrer a articuladores para avaliar o

que foi dito como verdadeiro, obrigatório ou duvidoso”. Porém, a ausência de sinais de pontuação prejudicou a construção desse período em análise.

No decorrer do parágrafo, observamos o uso do operador que soma argumentos a favor de uma mesma conclusão (“*não só...mas também*”) para expressar a ideia de generalização do racismo, que ajudou a justificar a avaliação negativa do modalizador “*infelizmente*”, pois reforçou a ideia pressuposta de que o racismo no Brasil é inadmissível. Nesse ponto, corroboramos Ducrot (1977), quando ele diz que as expressões que trazem conteúdos pressupostos têm, na verdade, um conteúdo posto e outro pressuposto, onde o locutor cria a possibilidade de eximir-se da responsabilidade do que disse.

Dando seguimento, vejamos como foi reescrita a produção do participante em destaque, a partir do recorte abaixo, referente ao mesmo parágrafo da produção inicial.

AP 04 – Produção final do *artigo de opinião*

“No Brasil não podemos identificar quem é só de uma raça ou cor, pois, em cada família há estas misturas. O preconceito não existe somente no Brasil mais no mundo todo. Se não existisse o pré-conceito ou preconceito, talvez o mundo seria nesta relação de cor ou raça”.

Na produção final, o parágrafo foi reconstruído com algumas alterações na formulação das ideias e no uso dos operadores, mas que não contribuíram para o propósito argumentativo. Como o nosso objetivo é a análise dos operadores argumentativos, citamos a retirada do modalizador “*infelizmente*”, que deu base para a argumentação na produção inicial, como uma mudança prejudicial ao texto, pois este passou a ser uma mera disposição de ideias sem defesa argumentativa. A exceção foi a introdução do operador “*pois*”, destacado no excerto, para introduzir uma justificativa ou explicação ao enunciado anterior.

A mesma estratégia de construção textual foi observada na produção do AP 25, abaixo.

AP 25 – Produção inicial do *artigo de opinião*

Mais respeito ao irmão

Infelizmente a intolerância racial está presente no seu dia-a-dia, em qualquer lugar que você for. Pessoas de uma sociedade tão miscigenada como essa que vivemos sofrem constantemente, diariamente, são vítimas desse ato tão cruel, tão desumano, os negros sofrem com agressões físicas e psicológicas.

Nesse caso, o locutor argumenta o posicionamento expresso pelo modalizador metadiscursivo “*infelizmente*”, posto no início do enunciado, e buscou argumentar essa posição negativa através de uma comparação de ideias adversas entre a miscigenação e a intolerância racial, introduzida pelo operador “*como*”, que tem a finalidade de orientação argumentativa de introduzir uma explicação relativamente ao enunciado anterior, como aconteceu neste caso.

Desse modo, entendemos que a utilização de modalizadores metadiscursivos de avaliação levam o locutor a buscar argumentos para os posicionamentos assumidos, sendo algo benéfico para as produções textuais argumentativas, pois requerem mais conhecimentos sobre os elementos linguísticos responsáveis pela argumentação.

Abaixo, analisamos a produção do participante AP 06, que nos suscitou as observações que segue após o excerto.

AP 06 – Produção inicial do *artigo de opinião*

Diga não ao racismo

“Com um Brasil tão micigenado com o nosso ainda á preconceitos com cores. Isso não deveria acontecer.

No meu ponto de vista somos iguais mesmo não tendo um cabelo, olhos iguais ou a cor da pele se é clara ou mais escura isso não á diferencia dos demais então respeite ao outro individo como ele é”.

A produção inicial do AP 06 trouxe em seu 1º parágrafo o operador argumentativo “*ainda*”, que segundo a classificação tipológica dos estudos das autoras Koch e Elias (2017), introduz no enunciado conteúdos pressupostos. A pressuposição desse operador estaria no fato de que pela constituição étnica e racial do nosso povo, não caberia, em pleno século XXI, estarmos discutindo ou

praticando distinção de cor. Tal interpretação é validada pelo período complementar: *“Isso não deveria acontecer”*.

O parágrafo seguinte é introduzido por um articulador de organização textual típico do *artigo de opinião* (*“No meu ponto de vista”*), o qual apresenta, na maioria dos casos, o posicionamento do locutor a ser defendido progressivamente nos parágrafos seguintes. O mesmo recurso também foi utilizado pelos participantes AP 21 e AP 23.

No entanto, a falta de conhecimentos sobre a pontuação prejudicou a conclusão do pensamento do locutor, quando este não separou o período conclusivo introduzido pelo articulador de organização textual continuador, *“então”*, posto na última frase como uma mensagem direta ao interlocutor. Nesses casos, a compreensão de quem lê o texto em análise fica bastante comprometida.

Agora, passemos a analisar a produção final do participante em destaque.

AP 06 – Produção final do *artigo de opinião*

Diga não ao racismo

“Não concordo que o Brasil seja um país racista, logo o povo brasileiro que no entanto suas origens partiram da miscigenação, e ainda acontece atos como discriminação pela cor da pele; portanto vamos parar de hipocrisia.

Do meu ponto de vista o racismo já deveria ter finalizado, porém as pessoas se acham tão modernas mas, ainda nem aceitam que a escravidão acabou e que os brancos já não são mais superiores que os negros.

Em uma pesquisa nacional por amostragem de domicílio (PNAD/IBGE), são negros 80% dos mais de 40 milhões de brasileiros que subiram à classe C. Nas universidades eles são 921 mil entre 9,5 milhões de estudantes, portanto isso mostra que os negros não são inferiores aos brancos”.

A produção final do AP 06 nos trouxe o parágrafo inicial totalmente diferente da primeira produção, conforme fora sugerido e trabalhado no Módulo I da Sequência Didática, principalmente no uso dos operadores argumentativos de orientação argumentativa.

Começando pelo operador *“logo”*, que, segundo Koch e Elias (2017), introduz uma conclusão com relação a argumentos apresentados em

enunciados anteriores. Nesse caso, o operador utilizado fez a conclusão do posicionamento inicial do locutor com um certo tom de ironia ao povo brasileiro, argumentado pelo fato de ser um povo miscigenado. Todavia o uso do operador “*no entanto*” foi empregado de forma inadequada, pois não há, na sequência textual, argumentos orientados para conclusões contrárias.

Seguindo a análise do enunciado acima, o aluno utilizou dois operadores de tipos diferentes (“*e*”: soma de argumentos; “*ainda*”: conteúdos pressupostos) com o sentido temporal, para argumentar o ponto de vista que será defendido no parágrafo seguinte, quando se enuncia que o racismo já deveria ter finalizado.

Para finalizar a análise desse parágrafo específico, o uso do operador “*portanto*” no último período, que tem a finalidade de introduzir uma conclusão, foi utilizado adequadamente para argumentar de forma decisiva o pensamento do locutor. Esse operador volta a ser utilizado no terceiro parágrafo com a mesma intencionalidade discursiva, demonstrando que esse tipo de elemento linguístico conclusivo teve sua finalidade argumentativa compreendida.

AP 07 – Produção inicial do *artigo de opinião*

“O fluxo de racismo cresce alarmantemente no Brasil e no mundo. Em outras palavras, racismo é um tipo de preconceito por causa da cor da pele de uma pessoa negra. No Brasil, o racismo começou com a vinda dos africanos”.

Analisamos as produções do AP 07 e pudemos observar nelas a construção de um tópico frasal a partir de uma definição. Esse conhecimento foi trabalhado no Módulo II da SD, no qual objetivou mostrar aos alunos como o tópico frasal pode ser uma estratégia importante para a introdução dos argumentos e, conseqüentemente, para o uso dos operadores argumentativos.

Nesse sentido, analisamos o mesmo parágrafo da produção final, apresentado abaixo, e pudemos observar como os conhecimentos trabalhados foram assimilados.

AP 07 – Produção final do *artigo de opinião*

“O fluxo de racismo cresce alarmantemente no Brasil e no mundo. Em outras palavras, racismo é um tipo de preconceito por causa da cor da pele de uma pessoa negra. E como começou? O racismo começou com a vinda dos africanos e continua até hoje. Por isso, esse problema tem que acabar? Simplesmente lutando todos juntos pela igualdade”.

Notamos que o início do parágrafo foi mantido em relação à produção inicial. No entanto as mudanças surgiram com a introdução de um outro tipo de tópico frasal, o de pergunta retórica, no segundo e quarto períodos do parágrafo, que possibilitou o incremento dos operadores sublinhados no excerto, embora o emprego do operador que introduz uma conclusão (“*Por isso*”) tenha sido utilizado de forma semanticamente inadequada, pois não estabelece seu sentido conclusivo, uma vez que introduz uma indagação a ser respondida com a introdução do modalizador metadiscursivos de certeza, “*simplesmente*”. Logo, se o aluno tivesse repetido os mesmos elementos iniciais da pergunta anterior (“*E como*”), o parágrafo seria melhor construído.

Ainda assim, ficamos satisfeitos em notar a influência dos conhecimentos trabalhados nas produções dos alunos, como nos casos participantes do AP 08 e AP 10, abaixo, que utilizaram o mesmo tipo de topicalização frasal, a pergunta retórica, para argumentar seu ponto de vista em relação ao questionamento feito na proposta de redação constante no Anexo A, Atividade I.

No texto do AP 08, abaixo, pudemos analisar a construção dos parágrafos introdutórios a partir de um mesmo modalizador asseverativo afirmativo (“*É notório que*”), que busca a adesão do interlocutor sobre a ideia de que o assunto em questão é de conhecimento de todos, para, em seguida, contra-argumentar essa afirmação com uma pergunta que será respondida pelo próprio locutor, como um recurso discursivo de persuasão do interlocutor.

AP 08 – Produção final do *artigo de opinião*

Para tudo há uma solução

“É notório que o racismo é um problema que a cada dia mais afeta nossa sociedade. Vemos muitos casos no nosso cotidiano que aterrorizam e provocam a revolta da população. Com tudo isso, me faço uma pergunta: na sociedade em que vivemos, esse problema tem solução?”

Penso que para tudo isso, há sim solução. Basta apenas respeitarmos um ao outro, o que é um ato tão simples, só que difícil de ser exercido. Além do mais, devemos parar com essa coisa de pensar que combater o racismo é inferiorizando pessoas de pele branca, ao contrário devemos respeitar todas etnias e raças”.

AP 10 – Produção final do artigo de opinião

“É notório que no Brasil o número de pessoas que vivem em situação de extrema pobreza vem se agravando cada vez mais. Hoje este número este numero atinge cerca de 16 milhões de pessoas e apesar de que o governo criou o projeto bolsa família este numero só aumenta. Será que o governo está fazendo algo para ajudar essas pessoas?

Certamente, este é o problema que mais se encontra na população Brasileira, pois apesar do governo ter criado o projeto “bolsa família” para as pessoas que não tem renda fixa o numero de pobreza do no país ainda é surpreendente”.

Já no trecho analisado do AP 10, identificamos problemas ortográficos e semânticos que prejudicaram a articulação interna dos parágrafos, nos quais os operadores argumentativos utilizados pouco influenciaram na argumentatividade. Contudo vimos que a reescrita do texto após a intervenção pedagógica suscitou, ao menos, uma preocupação em aplicar os conhecimentos mediados, mas outros conhecimentos básicos ainda não foram apreendidos pelos alunos. Por esse e outros motivos, a intervenção pedagógica realizada não conseguiu dar conta de todos os problemas de construção textual.

Seguindo as análises, as produções a seguir nos apresentaram dados parecidos, como parágrafos construídos a partir de enumerações de ideias ligadas pelo operador que soma argumentos a favor de uma mesma conclusão (“e”), e também pelo operador que introduz uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior (“que”).

Tal observação nos levou a interpretar que, como havíamos relatado no capítulo de introdução, os alunos têm conhecimentos e posicionamentos sobre os temas sociais em debate na sala de aula, mas sentem dificuldade em defender seus pontos de vista, por isso produzem textos mais narrativos do que argumentativos. Assim, o uso de conjunções coordenativas aditivas e

subordinativas integrantes é mais comum nas produções dos alunos, como nos casos dos alunos AP 12, AP 14, AP 15, AP 19, e AP 23, que veremos a seguir.

AP 12 – Produção inicial do *artigo de opinião*

Vamos combater o racismo

“O racismo, o preconceito sendo encarrado como uma coisa normal hoje em dia, de tanto que as pessoas não tem respeito uns com os outros e não respeita que somos iguais vivemos em uma sociedade miscigenada mas parece que não entra na cabeça dessas pessoas que desenvolve mais e mais preconceitos”.

AP 14 – Produção inicial do *artigo de opinião*

“O Brasil é composto povos de raças e culturas diversas: brancos, negros, pardos e indígenas. Mas ainda assim existem vários casos de racismo. O racismo é feito por pessoas de mente fechada e de muita ignorância”.

AP 15 – Produção inicial do *artigo de opinião*

“O grande erro do ser humano é achar que eles tem total liberdade de expressar sua opinião de forma injusta e preconceituosa”.

AP 19 – Produção inicial do *artigo de opinião*

O Racismo não se compra

A intolerância racial na sociedade contemporânea está associado ao preconceito e discriminação diante disto as pessoas agem de maneira irregular onde pessoas de pele clara não podem viver com esta diversidade e igualdade Racial.

AP 23 – Produção inicial do *artigo de opinião*

A nova aprendizagem da sociedade

Na minha forma de enxergar a intolerância racial na sociedade contemporânea passa por um momento de evolução, para começarmos a andar temos que olhar para a frente e na frente ainda existe um grande desrespeito e um enorme preconceito estabelecidos a intolerância racial, precisamos reestruturar as pessoas a esse tema, convencer a voltar a falar sobre o assunto e a atudar

buscar soluções e agir mais fortemente na punição das pessoas que praticam ofensas e racismo, melhorar as condições de trabalho e salário para que a situação se reverta no campo da sociedade, igualar os argumentos para que eles são convincentes e façam o maior sentido na hora do momento do debate.

Após a intervenção pedagógica, que mostrou a importância da argumentatividade no gênero textual *artigo de opinião* a partir dos operadores argumentativos, pudemos verificar evoluções entre a produção inicial e a produção final, como nos casos abaixo.

AP 12 – Produção final do *artigo de opinião*

Não ao preconceito no mundo

“O número de pessoas que tem preconceito no Brasil e no mundo inteiro é de assustar qualquer um! Mesmo sabendo que no nosso Brasil tem gente de vários lugares, de varias culturas é obvio que vamos ser todos diferentes.

Tem muitas pessoas que não aceitam eles como pessoas normais, tem outras que humilha mesmo nas redes sociais, na cara em qualquer canto, porque o preconceito estar em quase todos lugares”

Em comparação com a produção inicial, observamos a mudança na construção dos dois primeiros parágrafos, com um aumento no número de operadores argumentativos, com destaque para o termo “*mesmo*”, posto duas vezes com sentidos diferentes: no primeiro caso, contrapondo argumentados orientados para conclusões contrárias; e no segundo caso, com o sentido de “*até mesmo*”, que indica o argumento mais forte de uma escala a favor de uma determinada conclusão, justificada por meio do operador “*porque*”, que introduziu uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior.

Dando continuidade, vejamos as análises da produção final do AP 19.

AP 19 – Produção final do *artigo de opinião*

Em primeiro lugar, o racismo tem solução, Basta você acreditar. Sei que o racismo tem um número muito alto, em pequenos lugares, em bora convivamos com ele ou, vivemos e tomamos atitude o racismo é crime.

A criminalidade não está apenas em atos físicos mais verbais também. As pessoas são agredidas por serem negros por serem homossexuais e etc...

Os negros tem uma grande facilidade de sofrer uma injustiça e grande, pois além de serem negros por algumas vezes são pobres.

Os três parágrafos em análise foram criados na versão final do *artigo de opinião* desse participante, nos quais pudemos observar a presença de operadores importantes para a argumentatividade do texto.

Começando pelo articulador de organização textual “*Em primeiro lugar*”, trabalhado nas atividades propostas no Módulo IV da Sequência Didática, que cria espaço para uma sequência ordenada de argumentos, embora ela não tenha sido seguida nos parágrafos seguintes. Aliás, o problema de não seguimento da sequência textual foi um dos assuntos mais abordados nas aulas da intervenção pedagógica, devido à recorrência desse problema na primeira produção do *artigo de opinião* dos alunos. Assim, consideramos que as produções nas quais houve uma preocupação do produtor quanto a esse assunto deveu-se ao enfoque dado na intervenção pedagógica, como veremos nas produções mais adiante do AP 22 e do AP 24.

Na sequência, vimos o parágrafo que trouxe o argumento mais forte de todo o texto, cuja ideia de equiparar a agressão verbal com a agressão física foi bem apresentada pela utilização dos operadores “*apenas*”: que funciona, nesse caso, numa escala orientada para a negação da totalidade; e “*mais*” (mas): que, nesse excerto, soma argumento a favor de uma mesma conclusão, por estar ligado ao advérbio “*também*”.

Por último, o terceiro parágrafo também traz um argumento muito pertinente ao associar injustiça com a cor da pele e a pobreza. No entanto, o parágrafo apresentou um problema justamente na inadequação de um operador argumentativo. Na primeira oração do período, foi colocado o operador aditivo “*e*” sem que este some argumento a favor de uma mesma conclusão. Já na segunda oração, os dois operadores – “*pois*” (explicativo) e “*além de*” (somativo) – conseguiram direcionar o argumento para uma mesma conclusão.

Nos outros casos da sequência de textos analisados acima, não observamos mudanças significativas nas produções inicial e final do *artigo de opinião*, que possam afirmar se houve ou não aprendizagem do uso dos

operadores argumentativos, visto que não sofreram alterações na reescrita. Igualmente não pudemos afirmar se houve, até mesmo, um retrocesso entre a produção inicial e a produção final, como vimos no texto que será apresentado abaixo.

AP 23 – Produção final do *artigo de opinião*

A nova aprendizagem da sociedade

Na minha forma de enxergar a intolerância racial na sociedade contemporânea passa por um momento de evolução, para começarmos a andar temos que olhar para a frente e na frente ainda existe um grande desrespeito e um enorme preconceito estabelecidos a intolerância racial, precisamos reestruturar as pessoas a esse tema, convencer a voltar a falar sobre o assunto e a atudar buscar soluções e agir mais fortemente na punição das pessoas que praticam ofensas e racismo, melhorar as condições de trabalho e salário para que a situação se reverta no campo da sociedade, igualar os argumentos para que eles são convincentes e façam o maior sentido na hora do momento do debate.

O texto acima, tanto na produção inicial quanto na produção final, apresentou grandes dificuldades de interpretação devido à ausência de elementos de toda a ordem, desde os sinais de pontuação e, principalmente, os que estabelecem as ligações entre os enunciados, já que os que foram utilizados apresentaram problemas semânticos.

Segundo CABRAL (2011, p. 85) Os conectores, além de auxiliarem na construção da coesão de um texto, por marcar as relações entre os elementos textuais que unem, estabelecem a coesão sequencial e sinalizam a argumentação. Por isso, é importante que o produtor de textos tenha conhecimento do valor argumentativo dos elementos linguísticos que usa, para melhor estabelecer as conexões nos enunciados, não apenas como elemento de ligação, como também, elemento de orientação argumentativa.

No texto em destaque, o que nos chamou a atenção foi o excessivo uso de operadores argumentativos de um mesmo tipo, onde o participante fez muitas enumerações de ideias, sem argumentá-las, e que, por isso, repetiu algumas vezes a conjunção aditiva “e” e a conjunção integrante “que”.

Aliás, o uso do operador argumentativo que soma argumentos a favor de uma mesma conclusão (“e”) foi bastante visto nas produções dos alunos. Isso

exemplifica a teoria de Ducrot sobre a classe argumentativa, que designa o conjunto de elementos que apontam ou orientam para uma mesma conclusão, como um recurso discursivo muito comum nas práticas orais, trazidas para a escrita.

Caso semelhante de dificuldade de interpretação aconteceu com as produções do AP 21, a seguir, onde a mudança mais significativa foi a criação de um parágrafo situacional, que foi abordado na Atividade II, Anexo A.

AP 21 – Produção inicial do *artigo de opinião*

Imposto Racial

Do meu ponto de visão, não haverá intolerância racial no nosso mundo moderno cheio de tecnologias, pois, como a comunicação esta facilitando as interamizadas virtuais, fica mais facil encontrar blogs ou paginas racistas como o Neonazismo e a Ku Klux Klan, assim, elas poderão marca uma data e local para se encontrarem e matar alguns afrodescendente.

AP 21 – Produção final do *artigo de opinião*

Preto e branco

O racismo é um problema encontrado no mundo todo, um problema que deveria ser mais discutido para tentar-mos acabar com tal problema.

Do meu ponto de visão, não haverá tolerância racial no nosso mundo moderno, pois, com a tecnologia facilitando a comunicação, fica mais facil encontrar blogs ou paginas racistas como a KuKlux Klan e o Neonazismo, assim, eles poderão marcar uma data e local para se encontrarem e planejar coisa racistas.

No entanto, quanto ao uso dos operadores, observamos no segundo parágrafo que a utilização dos elementos “*pois*” e “*como*” se adequou ao propósito argumentativo do locutor, pois são operadores de introdução de uma justificativa ou explicação relativamente ao enunciado anterior, com o sentido de marcador de exemplificação, visto que seus referentes (tecnologia, Kuklux klan e neonazismo) são catafóricos. Essas exemplificações foram utilizadas para que se chegasse a um argumento conclusivo e convincente, que foi introduzido por um marcador de ilustração e exemplificação (“*assim*”) com sentido de um

operador de conclusão com relação a argumentos apresentados em enunciados anteriores.

Como afirmam Koch e Elias (2017, p. 34), argumentar pressupõe intencionalidade e aceitabilidade, onde o locutor constrói os argumentos e o interlocutor tem a liberdade de considerar ou não a sua validade, de aceitar ou não a tese defendida, numa postura que em nada remete à ideia de passividade, nem simplesmente à emoção. Por essa análise, podemos observar que mesmo sem o domínio dos conhecimentos sobre a semântica argumentativa dos elementos linguísticos argumentativos, esse participante conseguiu transmitir suas ideias.

Já nas análises das produções a seguir, verificamos significativa evolução quanto ao uso dos operadores trabalhados nas atividades dos módulos da SD, que também influenciaram na tessitura organizacional dos textos produzidos.

Vejamos o texto do AP 16, que na sua produção inicial nos provocou algumas análises importantes, apresentadas na sequência.

AP 16 – Produção inicial do *artigo de opinião*

Menos preconceito e mais respeito!

O preconceito racial no Brasil hoje contra negros é constantemente um assunto que se encontra nos noticiários. Desde os tempos da escravidão, pessoas negras são tratadas de forma racista.

Segundo o doutor em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP) o Brasil possui um quadro 'gritante' de discriminação. Concordo plenamente. Nosso país tem uma miscigenação rica de povos africanos, portugueses, indígenas, europeus e etc. Mesmo assim, as pessoas de pele escura ainda são vergonhosamente discriminadas e exclusas da sociedade.

De acordo com dados divulgados pela ministra de Desenvolvimento Social, Tereza Campello, 73% dos cadastrados no Bolsa Família são pretos e pardos autodeclarados. Isso me faz pensar o por quê. Bem, nesse país discriminativo o grau de vulnerabilidade de uma pessoa negra é maior do quê de uma pessoa branca, pois as chances de um candidato obter o benefício aumentam em 10%. Sim, a discriminação está até nisso.

Na leitura analítica desse excerto, observamos que ele nos apresenta elementos importantes na construção de um texto bem argumentado, do ponto

de vista da inserção de informações obtidas nas leituras feitas dos textos complementares da Atividade I, Anexo A, como o emprego de operadores que indicam o discurso indireto (“*Segundo...*”, 2º parágrafo) e a apresentação de dados (“*De acordo com...*”, 3º parágrafo). No entanto, o último período do 3º parágrafo, introduzido por um marcador de fala (“*Bem*”) quebra essa boa organização global do texto, que culmina com uso inadequado semanticamente do operador conclusivo/explicativo “*pois*”, uma vez que põe em dúvida se o que se pretende é concluir é que um grupo social é mais discriminado que outro, ou explicar que as pessoas usam a cor da pele, mesmo que essa seja discriminada, para obter o benefício do programa social mencionado pelo locutor.

Porém, o que nos chamou a atenção foi a construção do parágrafo conclusivo da produção final, que vem a seguir.

AP 16 – Produção final do *artigo de opinião*

“Enfim, não é o país que tem que mudar, mas sim as pessoas. Temos que aprender a respeitar as diferenças. Não devemos nos importar com a cor das pessoas, mas sim com o caráter delas. Logo, a vida será mais harmônica e satisfatória, pois quando você planta respeito você colhe amor”.

No trecho acima, notamos o emprego adequado dos operadores em estudo, os quais contribuíram para a construção de um parágrafo muito bem argumentado. A começar pelo articulador de organização textual “*Enfim*”, que introduziu o parágrafo sinalizando a conclusão de uma sequência textual, e seguido pelo operador de excelência, “*mas*”, que contrapôs argumentos orientados para conclusões contrárias, tornando o argumento à direita mais forte que o argumento à esquerda, pois segundo Cabral (2011, p. 17), o emprego de “*mas*” sempre conduz a argumentação para a conclusão do segundo segmento enunciado.

Depois, por ter concluído o parágrafo com um período mediado pelos operadores conclusivos “*logo*” e “*pois*”, vimos que foi possível contribuir para a melhoria da produção textual dos alunos, pois ficou demonstrado nesse exemplo que o aluno entendeu o valor semântico desses operadores para o fechamento do texto.

O mesmo pudemos analisar nas produções do participante abaixo, que partiu de uma produção inicial com ideias soltas, para uma produção final mais próxima do esperado para um aluno do 9º ano do Ensino Fundamental.

AP 22 – Produção inicial do *artigo de opinião*

Racismo no mundo

Em primeiro lugar o racismo no mundo não tem controle algum. As pessoas devem ter a consciência que estão magoando outras pessoas, devemos respeitar a cor, o estilo de vida delas.

Nunca devemos da vida dos outros por causa de sua aparência física, nem pelo seu jeito de agir! Se eles forem na onda da sociedade nós vamos parar no fundo do posso.

AP 22 – Produção final do *artigo de opinião*

Racismo no mundo

Em primeiro lugar o racismo no mundo não tem controle algum. As pessoas devem ter 98onsciência que estão magoando outras pessoas, devem respeitar a cor, o estilo de vida deles.

Em segundo lugar nunca devemos falar da vida dos outros por causa do seu jeito de agir! Se eles forem na onda da sociedade nós nunca vamos partir para frente, vamos acabar no fundo do posso. Nunca vamos acabar com esse racismo.

Além de que temos que aprender à não julgar o livro pela capa, ou seja, não devemos falar mal das pessoas pela sua aparência física, por que à final Deus nos fez a sua imagem e semelhança, não podemos sair julgando as pessoas por serem de cores diferentes, aliás o racismo é crime, você pode ser prejudicado e pode também prejudicar outras pessoas.

Porém, quando falamos de racismo podemos entender que pode existir mais também pode acabar. E com isso, o racismo pode acabar se as pessoas mudar o seu jeito de agir ou de falar, respeitando o jeito das outras pessoas.

Para finalizar, aprendemos que o racismo existe em todo o lugar, mais podemos fazer que o racismo acabe.

Como anunciamos anteriormente, nessa versão final acima verificamos alterações positivas, as quais indicaram que os conteúdos trabalhados nos módulos da SD contribuíram para a melhoria da produção textual desse aluno.

Para exemplificar, percebemos a introdução de outros operadores articuladores de organização textual no início de todos os parágrafos, que deram uma sequência lógica ao texto. Segundo Cabral (2011), na leitura e na escrita são muito importantes os organizadores textuais, ou articuladores, cuja função é organizar as partes do texto a fim de facilitar o tratamento interpretativo. Nesse sentido, o emprego dos termos e expressões (“*Em primeiro lugar*”; “*Em segundo lugar*”; “*Além de que*”; “*Porém*”; e “*Para finalizar*”) no início dos parágrafos vincularam as unidades semânticas e conferiram um papel argumentativo às partes que se relacionam.

No interior dos parágrafos também vimos mudanças significativas, como os operadores explicativos “*ou seja*” e “*porque*”, no terceiro parágrafo, que funcionaram perfeitamente para a construção de um parágrafo com um argumento do tipo princípio ou crença pessoal. Por último, o participante finalizou a sequência textual introduzindo o parágrafo com um articulador de organização textual conclusivo (“*Para finalizar*”) que, por si só, declara o encerramento das ideias defendidas ao longo do texto. Contudo, o argumento adverso seguinte, introduzido por “*mais*”, com o sentido do operador argumentativo “*mas*”, deixa a ideia de um raciocínio inconcluso, como se fosse uma abertura para discussões futuras ou uma forma de provocar no interlocutor uma reflexão sobre o tema.

Outras evidências sobre a influência do que foi trabalhado nas atividades da Sequência Didática podem ser notadas nas produções dos participantes AP 24 e AP 26, nas quais a adequação dos operadores argumentativos e articuladores textuais deu mais clareza às ideias defendidas pelos alunos, embora os textos exponham outras dificuldades dos discentes, como pudemos observar na análise do texto abaixo.

AP 24 – Produção inicial do *artigo de opinião*

Tenham a mente mais aberta!

Em primeiro lugar, direi que a intolerância racial há sim uma solução, há várias soluções, como as leis, por exemplo, mas certas pessoas querem ser melhores que as outras e não respeitam.

Sobre os negros, quando uma pessoa de mais condições olham um negro, não olha do modo que olha para um branco, ela olha assim, “atravessado”, de um modo preconceituoso, acham que não tem modos ou pelo fato de estar naquele certo lugar, aquele individuo vai roubar ou fazer algo do tipo.

AP 26 – Produção inicial do artigo de opinião

A sociedade racista

O racismo nunca vai acabar, se você for na onda da sociedade, porque ela não nos deixa livre.

Muitas vezes nós temos preconceito até ao sentar ao lado de um individuo negro. Tratamos essa pessoa como lixo, como se ela fosse de outro planeta.

Quanto tempo vai levar para termos consciência de que uma pessoa de cor de pele diferente da nossa é gente como a gente? Temos todo tempo do mundo, para mudarmos e aceitarmos as diferenças, é só olharmos além, aí vamos ver que não é uma cor de pele que vai impedir você de ser amigo dessa pessoa, de trabalhar junto, casar, e ter filhos.

Pelo exposto acima, analisamos que esses participantes se expressaram textualmente da mesma forma como se expressam em uma conversa informal em linguagem oral e, que, por isso, não se preocuparam com a defesa articulada dos seus argumentos. Ou seja, para a ADL não basta apenas o dizer de forma planejada, mas sim, a condução pretendida para o que se diz, influenciada por elementos linguísticos que visam orientar o interlocutor à(s) conclusão(ões) do enunciador. Já na versão final, as análises nos apontaram alterações pertinentes quanto ao uso dos operadores, como veremos a seguir.

AP 24 – Produção final do artigo de opinião

Com respeito mudamos o mundo

Em primeiro lugar, direi que a intolerância racial há sim uma solução, há várias soluções, como as leis, por exemplo, porém a realidade é diferente, pois infelizmente ainda há várias pessoas que não respeitam.

Em segundo lugar, como disse que há leis contra isto, mas a realidade é diferente, podemos dar exemplo: quando uma pessoa de mais condições olham um negro, não olha do modo que olha para um branco, ela olha assim, “atravessado”, de um modo preconceituoso, acham que não tem modos ou pelo fato de estar naquele certo lugar, aquele individuo vai roubá-lo ou fazer algo do tipo. No entanto, há pessoas que negue isso, mas pesquisem e você verá vários fatos sobre isto.

AP 26 – Produção final do artigo de opinião

A sociedade racista

O racismo nunca vai acabar, se você for na onda da sociedade, porque ela não nos deixa livre.

Na maioria das vezes nós temos preconceito ao sentar ao lado de um individuo negro. Mas, não paramos pra pensar como essa pessoa se sente, com a nossa atitude, e não nos colocamos no lugar dela.

Dessa forma, quanto tempo vai levar para termos consciência de que uma pessoa de cor de pele diferente da nossa é gente como a gente? Temos todo tempo do mundo, para mudarmos e aceitarmos as diferenças e crenças dos outros. É só olharmos além, ai vamos ver que não é uma cor de pele que vai nos impedir você de ser amigo dessa pessoa, de trabalhar junto, casar, ter filhos, e andar junto com ela.

Na análise da produção final do AP 24 notamos claramente uma influência dos conteúdos trabalhados nos módulos da sequência didática, no que se refere aos articuladores de organização textual que dão sequência às ideias do texto (“*Em primeiro lugar*”, “*Em segundo lugar*”), numa clara tentativa de adaptação do texto, uma vez que quase todo o restante do parágrafo da produção inicial foi mantido. Mesmo assim, essa alteração possibilitou a criação de um novo período no fim desse parágrafo, introduzido por um operador argumentativo que contrapõe argumentos orientados para conclusões contrárias (“*No entanto*”), que justificou o ponto de vista do locutor e ainda utilizou o operador “*mas*” como uma espécie de desafio contra argumentativo ao interlocutor, ao tentar demonstrar que sua posição estaria baseada em dados inquestionáveis.

Ducrot (1980) explica que “**mas**”, denominado por ele de operador argumentativo por excelência, pode exprimir um movimento psicológico entre

crenças, opiniões, emoções, desejos mesmo que implícitos, quando orientados em sentidos contrários.

Já na produção final do AP 26, o acréscimo de uma ideia contrária ao que se considerou ser um ato normal – o racismo -, introduzida pelo operador argumentativo “mas”, no segundo período do segundo parágrafo, resultou numa soma de argumentos a favor de uma mesma conclusão a partir da utilização do operador “e”. Essas mudanças nos operadores argumentativos do segundo parágrafo conduziram o locutor para a conclusão de suas ideias, a partir da introdução do terceiro parágrafo através de um articulador de organização textual (“*Dessa forma*”), no qual foi apresentado alguns argumentos somados para uma mesma conclusão. Isso nos mostrou mais clareza quanto ao ponto de vista do participante.

Vale destacar que construções textuais como a analisada acima são muito comuns nas produções dos alunos analisados, pois “estamos acostumados a relacionar argumentação a articuladores como conjunções do tipo conclusivas, causais ou consecutivas, que tradicionalmente marcam uma relação de conclusão (CABRAL, 2011, p. 104)”. Assim como também é muito comum o uso de conjunções adversativas como condução para a conclusão dos enunciados. Isso nos mostrou que a argumentatividade, de fato, está ligada aos encadeamentos argumentativos possíveis no discurso e não apenas às informações que os enunciados veiculam.

Por isso foi importante realizar a presente pesquisa-ação, que buscou compreender a orientação que os operadores argumentativos conferem ao discurso, como também a articulação textual realizada por marcadores e modalizadores, fazendo a mediação desses conhecimentos para a melhoria das produções argumentativas dos alunos, que participaram com boa fé e vontade nesse trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ingressar no Mestrado Profissional em Letras foi uma oportunidade de vivenciar a academia com outros olhos, pois passamos a enxergar a sala de aula como um vasto campo de pesquisa para os vários problemas de aprendizagens vivenciados cotidianamente. Dessa forma, recebemos a desafiadora missão de desenvolver uma intervenção pedagógica a partir de um problema observado nas salas de aula do ensino fundamental, a fim de encontrar soluções práticas para resolver ou minimizar as lacunas do ensino de língua materna e com isso tornar o registro escrito do projeto de pesquisa aplicado, em um documento de acesso aos demais profissionais da educação e áreas afins.

Nesse intuito, buscamos responder a esse desafio, apontando como problema observado em sala de aula a utilização dos operadores argumentativos nas produções escritas dos alunos, em especial, o *artigo de opinião*. Em nossas observações superficiais do cotidiano da sala de aula, vimos que os alunos apresentavam relevantes conhecimentos sobre os assuntos polêmicos da sociedade, surgidos em discussões orais sobre fatos em evidência social, mas não tinham o mesmo desempenho nas produções escritas. Por isso, entendemos ser possível contribuir para a melhoria das produções desses textos, focalizando os elementos linguísticos responsáveis pela argumentação.

Além disso, buscamos contribuir para a melhoria da competência leitora, mostrando a importância da boa leitura para a compreensão do que está posto nos artefatos textuais, uma vez que acreditamos que a produção escrita se qualifica a partir do repertório linguístico adquirido nas leituras que fazemos.

Dessa forma, elaboramos uma proposta de atividades balizada na Sequência Didática proposta por Schneuwly, Noverraz e Dolz (2004), e fizemos as adaptações necessárias ao contexto da turma escolhida para a pesquisa e organizamos a sequência de módulos, com atividades teóricas e práticas, conhecendo, analisando e reescrevendo a produção inicial, até chegarmos a um produto final para a análise dos resultados.

Contudo, nossa preocupação esteve voltada para o alcance dos objetivos traçados na elaboração do projeto de pesquisa, considerando o gosto pela leitura e a evolução dos alunos quanto à construção argumentativa no gênero de

opinião como os principais objetos de ponderação para os resultados alcançados.

Assim, dentro dos critérios postos na proposta de trabalho, consideramos que foi alcançada grande parte de seus objetivos, principalmente no que diz respeito à evolução no uso dos operadores argumentativos, a partir da atenção dos alunos para esses elementos, que resultou na melhoria dos textos produzidos na versão final do *artigo de opinião*. Nos textos analisados, pudemos ver mudanças quanto à utilização desses elementos, que deram às produções uma visão mais clara da perspectiva argumentativa dos alunos, como visto com mais clareza nas produções dos participantes AP 16, AP 22, AP 24 e AP 26.

No entanto, alguns participantes não conseguiram mostrar o mesmo desempenho de outros colegas, como nos casos dos alunos AP 19 e AP 23, que não aumentaram a quantidade nem o tipo de operadores nas duas versões textuais do *artigo de opinião* produzidas. Contudo, entendemos que essa intervenção pedagógica isolada não é suficiente para solucionar todos os problemas existentes quanto ao uso dos operadores argumentativos nas produções textuais dos alunos e passamos a considerar que a continuidade da proposta, corrigindo o que não deu certo e intensificando os pontos positivos, será capaz de apresentar resultados ainda mais satisfatórios.

Por isso, como proposta de trabalho futuro, aprofundaríamos o conhecimento quanto ao uso dos articuladores textuais e metadiscursivos, em virtude de sua complexidade na produção textual. Esses operadores, por serem mais difíceis, tornam o seu emprego pertinente quanto à progressão temática, que visa convencer o leitor de que seus argumentos contribuem para a aceitação da ideia veiculada nos textos argumentativos. Além do *artigo de opinião*, apresentaria outros textos de tipologia argumentativa, tais como: editorial, carta argumentativa, dentre outros, para o amplo desenvolvimento da produção textual dos alunos do ensino fundamental.

Ressaltamos ainda que fazer pesquisa no Brasil é uma tarefa árdua, uma vez que os incentivos interpessoais, sejam dos pares do meio educacional ou da sociedade como um todo, é mínimo, e precisa de uma ampla reflexão sobre os benefícios trazidos à sala de aula e, principalmente, aos alunos, com a capacitação qualitativa do professor.

Também merece ressalva, a parte onerosa de uma pesquisa de qualidade. Mais do que tempo, o professor-pesquisador precisa de recursos financeiros para desenvolver as atividades planejadas com qualidade, pois os materiais necessários para uma prática educativa contemporânea demanda investimentos em artefatos que, em muitas vezes, não há na escola, além da necessidade do professor de buscar novas aprendizagens em livros e eventos da sua área de atuação.

Por isso, destacamos agradecidamente o bom andamento desse trabalho, pelo aporte financeiro advindo da bolsa de estudo recebida por meio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, que garantiu, com segurança, o desenvolvimento dessa pesquisa, estimulando o professor-pesquisador bolsista a desempenhar o seu papel da melhor forma necessária.

Da mesma forma, destacamos e agradecemos a oportunidade oferecida pelo Programa de Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), que, por sua proposta interventiva, é fundamental para a formação teórico-prática dos docentes de Língua Portuguesa, e que, por meio da excelência dos seus docentes, em especial, os Professores(as) Doutores(as) da UFRN, CERES-Currais Novos-RN, nos proporcionaram tantas aprendizagens, sempre mediadas com competência e muito afeto, cujas orientações nos conduzirão a trabalhos futuros.

Por fim, temos a certeza de que nossas práticas docentes mudaram positivamente e darão o retorno esperado à sociedade, com ensino de qualidade e mais humanizado.

REFERÊNCIAS:

ADAM, Jean-Michel. **A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos**; revisão técnica Luis Passeggi, João Gomes da Silva Neto. – São Paulo: Cortez, 2008.

ANTUNES, Irandé. **Língua, texto e ensino: outra escola possível**. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador**. In: _____. O professor pesquisador: Introdução à pesquisa qualitativa. São Paulo, SP: Parábola, 2008, p. 41-48.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa** / Secretaria de Educação Fundamental. . Brasília : MEC/SEF, 1998. 106 p.

_____. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Média e Tecnológica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio**. Brasília: MEC, 1999.

BRONCKART, Jean-Paul. **Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sociodiscursivo**. Trad. De Anna Rachel Machado, Péricles Cunha. São Paulo: Educ, 1999.

CABRAL, Ana Lúcia Tinoco. **A força das palavras: dizer e argumentar**. – 1. ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2011.

CASTILHO, A. T.; CASTILHO, C. M. M de. **Advérbios modalizadores**. In: ILARI, Rodolfo (Org.). Gramática do português falado. 2. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1993. v. II.

CUNHA, Dóris de Arruda Carneiro. **O funcionamento dialógico em notícias e artigos de opinião**. In: DIONÍSIO, Angela Paiva. MACHADO, Anna Rachel. BEZERRA, Maria Auxiliadora. Gêneros textuais & ensino. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002.

DOLZ, J. & SCHNEUWLY, B. **Gêneros orais e escritos na escola**./tradução e organização Roxane Rojo e gláís Sales Cordeiro. – Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004. – (Coleção As Faces da Linguística Aplicada)

DUCROT, O. **Princípios de semântica linguística**. São Paulo: Cultrix, 1977.

_____, O. **Les mots du discours**. Paris: Ed. de Minuit, 1980a.

FRANCHI, Carlos. **Mas o que é mesmo ‘gramática’?** – São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

GUEDES, Paulo Coimbra. **Da redação escolar ao texto: um manual de redação**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

GUIMARÃES, E. R. J. **Argumentação e pressuposição**. Comunicação apresentada no V Encontro Nacional de Linguística, Rio de Janeiro: PUC, 1987.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **Argumentação e linguagem**. 13. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

_____, Ingedore Villaça. *Escrever e argumentar / Ingedore Villaça Kock e Vanda Maria Elias*. – 1. Ed., 1ª reimpressão. – São Paulo: Contexto, 2017.

KÖCHE, Vanilda Salton. **Leitura e produção textual: gêneros textuais do argumentar e expor**/ Vanilda Salton Köche, Odete Maria Benetti Boff, Adiane Fogali Marinello. 3. ed. – Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel. *Gêneros textuais & ensino*. 2. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2002. p. 19-36.

_____, Luiz Antônio. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In: BEZERRA, Maria Auxiliadora; DIONÍSIO, Angela Paiva; MACHADO, Anna Rachel. *Gêneros textuais & ensino*. 3. Ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005.

MEDEIROS, M. A. S. **Estudos linguísticos diferenciados: da linguística ao ensino de língua materna / organização Maria Assunção Silva Medeiros, Célia Maria de Medeiros**. – Natal, RN: EDUFRN, 2013.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12. ed. rev. e ampl. – São Paulo: Cultrix, 2004.

PASSARELLI, L.G. **Ensinando a escrita: o processual e o lúdico**. 4. ed. rev. e ampl. São Paulo: Cortez, 2004.

PERELMAN, Chaim. **Tratado da argumentação: a nova retórica / Chaim Perelman, Lucie Olbrechts-Tyteca; tradução Maria Ermantina Almeida Prado Galvão; [revisão da tradução Eduardo Brandão]**. – 2. ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2005.

_____, Ch. **L'empire rhétorique et argumentation**. 2. ed. Paris: Philosophique J. Vrin, 1998.

_____, Chaim. **Argumentação**. In: **Enciclopédia Einaudi**, v. 11. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1987.

PLANTIN, Christian. **A argumentação**; tradução Marcos Marcionilo. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. 18 ed. São Paulo: Cortez, 2011.

WEBGRAFIA

Tipos de argumentos. Disponível em:

https://www.escrevendoofuturo.org.br/caderno_virtual/etapa/tipos-de-argumento/, acesso em 30 de setembro de 2018.

TEXTOS COMPLEMENTARES UTILIZADOS / PLATAFORMAS DIGITAIS PESQUISADAS:

1. Notícia: “**Antropólogo derruba a ideia de que no Brasil há democracia racial**”, escrito por Thiago de Araújo, Brasil/Post. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/direitos-humanos>, acesso em 27 de agosto de 2018.

2. Sem categoria: “**O racismo em números**”, escrito por Thiago Martins. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-racismo-em-numeros-por-miguel-martins/>, acesso em 27 de agosto de 2018.

3. Reportagem: “Comercial protagonizado por família negra sofre ataques racistas”, escrita por Luana Benedito. Disponível em: <https://odia.ig.com.br/brasil/2018/07/5562240>, acesso em 27 de agosto de 2018.

4. Notícia: “Não vai ficar impune”, escrita por Fernanda Rouvenat, G1 Rio. Disponível em: <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia>, acesso em 27 de agosto de 2018.

APÊNDICE

Diagnóstico de leitura e escrita

1 – Você gosta de ler?

() sim () não

2 - O que ler?

() literatura tradicional () revistas () livro didático () mídia digital

() Outro. Qual? _____

3 - Com qual frequência?

() diariamente () semanalmente () mensalmente () anualmente

4 - Qual o gênero textual de sua preferência?

() conto () crônica () poema () artigo de opinião () romance

() outro: Qual? _____

ANEXO A – A sequência didática da proposta de intervenção

Objetivo geral:

- Produzir textos adequados ao gênero textual e à tipologia argumentativa, melhorando o emprego dos operadores argumentativos na orientação argumentativa, na articulação e na modalização textual.

Objetivos específicos:

- Promover a reflexão sobre temas de embates sociais para a construção e exposição dos pontos de vista dos alunos;
- Oportunizar a ampliação da capacidade crítica e argumentativa dos alunos;
- Mediar o desenvolvimento dos alunos quanto à produção escrita de textos argumentativos;
- Instruir o uso dos operadores argumentativos, dos articuladores textuais e dos articuladores metadiscursivos modalizadores nos textos argumentativos.

Conteúdos:

- Gênero artigo de opinião;
- Elementos linguísticos de orientação argumentativa (operadores argumentativos);
- Articuladores de organização textual;
- Articuladores metadiscursivos modalizadores.

Tempo estimado: Aproximadamente seis semanas (25 aulas).

Nível de ensino: 9º ano do Ensino Fundamental II

Materiais necessários:

- Reprodução de textos coletados em sites e plataformas disponíveis na rede mundial de computadores;
- Papel sulfite;

- Canetas;
- Projetor de mídia;
- Notebook;

1º MOMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA – PRODUÇÃO INICIAL DO ARTIGO DE OPINIÃO

Atividade I

Objetivos:

- Reconhecer o gênero artigo de opinião a partir de publicações colhidas na *Internet*;
- Mobilizar os alunos para ler, refletir e discutir o tema ‘racismo’, incentivando a tomada de posição do ponto de vista;
- Apresentar a proposta de produção escrita inicial do artigo de opinião (tema escolhido a partir de discussão anterior à proposta de intervenção).

Tempo previsto: 4 aulas (200 minutos).

Procedimentos metodológicos:

- Dividir a turma em 08 grupos, por meio de cores distribuídas aleatoriamente para os alunos, os quais devem se agrupar por cores iguais. Reunidos nos grupos, farão a leitura e reflexão de um dos 04 textos do anexo B e, em seguida, apresentarão suas considerações e opiniões sobre o conteúdo trazido pelo texto, com direito a 5 minutos de exposição.
- Os grupos são autorizados a questionar os posicionamentos dos demais, sempre com direito à réplica (3 minutos) e à tréplica (2 minutos).
- Depois dos debates, os grupos são desfeitos e é apresentada a proposta de redação abaixo, para a produção inicial do artigo de opinião.

PROPOSTA DE REDAÇÃO

Podemos notar que a intolerância racial tem feito parte da rotina do mundo contemporâneo com notoriedade. É nesse contexto que trazemos a nossa proposta de produção de um artigo de opinião: pessoas que fazem parte de uma sociedade tão miscigenada são constantemente alvos da exclusão e preconceito – manifestados com agressões físicas e/ou psicológicas.

Frequentemente falamos sobre a necessidade de respeito e reconhecimento do outro como ser humano que tem o direito de ser o que é e como é, promovendo sua felicidade e realização, o que nos leva a questionar a situação atual da sociedade em relação a isso.

Com o auxílio das leituras realizadas nos textos a seguir, produza um ARTIGO DE OPINIÃO com o seguinte tema:

| |
|--|
| INTOLERÂNCIA RACIAL NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA: HÁ SOLUÇÃO? |
|--|

Procure responder ao questionamento temático com a apresentação de uma tese, seguida de argumentos convincentes e articulados, além da proposição de solução para o problema apresentado. Caso seja importante, apresente restrições para o problema.

Utilize apenas o campo destinado para a escrita do texto e escreva-o com o mínimo de 20 e máximo de 30 linhas, em linguagem padrão da língua portuguesa.

2º MOMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA – OPERADORES ARGUMENTATIVOS EM USO

Atividade II

Objetivos:

- Apresentar o gênero textual artigo de opinião e sua estrutura composicional;
- Analisar a topicalização frasal e sua abertura para a introdução de argumentos direcionados pelos operadores argumentativos.

Tempo previsto: 2 aulas (100 minutos).

Procedimentos metodológicos:

- Distribuição do artigo de opinião abaixo para leitura e reflexão do tema abordado e canal de veiculação do texto.

- Discutir a importância da estrutura dos textos de acordo com o gênero e a tipologia textual e analisar a forma como esse exemplo foi construído, frisando pontos como: situacionalidade, problemática, tese (ponto de vista), argumentos e conclusão.

- Abordar os conhecimentos dos alunos sobre o tópico frasal e a abertura para a apresentação de argumentos a favor ou contra o enunciado inicial.
- Solicitar que os alunos identifiquem esses pontos no artigo de opinião lido.

Um grito de socorro

Aluna: Sandra Machado Limas

“Silêncio”, essa palavra é com certeza uma boa definição para este lugar. Com pouco mais de 5.000 habitantes, minha cidadezinha é bem tranquila, de um jeito simples a beleza toma conta daqui, com granjas de arroz e árvores espalhadas por todo lado, tem poucos atrativos além de suas belezas naturais e possui um único hospital. É exatamente esse único hospital que vem quebrando o silêncio dos moradores. [situacionalidade]

Apesar de ser município pequeno, no sul de Santa Catarina, Timbé do Sul necessita de hospital, e o único que temos ameaça fechar as portas. Enfatizo que essa situação não poderia estar acontecendo, pois se isso de fato suceder diversos funcionários ficarão desempregados e a população sem atendimento hospitalar. [problemática]

Por isso o silêncio que reina por aqui está sendo perturbado e, como nós moradores não podemos ficar de braços cruzados, protestos e até rifas já foram organizados para que o hospital não deixasse de suprir as necessidades da população.

[argumentação]

Segundo o prefeito essa seria a única solução, uma vez que nenhum repasse financeiro foi feito para auxiliar nas despesas do hospital, ou seja, ele alega não ter recursos.

Em entrevista para uma emissora de TV que julgou o caso especial, o secretário da Saúde juntamente com o prefeito afirmaram que o município é de baixa renda e que disponibilizariam as ambulâncias para transportar os pacientes em situação mais grave para as cidades vizinhas. E os demais moradores continuariam sendo atendidos no posto de saúde central. Com essa posição, consegue-se mais indignação.

Será que realmente a solução é fechar o hospital?

Há quem alegue que sim, pois a nossa cidade é de fato de baixa renda. Entretanto há quem diga o contrário, que fechar o hospital está fora de cogitação uma vez que a

saúde é questão de prioridade. Ainda há aqueles que permanecem em cima do muro, que preferem ficar calados. Muitas vezes o silêncio é uma boa resposta, mas não dessa vez.

Para mim, o fechamento do hospital vai piorar o que já está ruim, e essa opinião vai de encontro a uma pesquisa realizada com os moradores locais, os quais afirmam que o posto de saúde não terá condições de atender a todos e nem todos têm condições para se deslocar para cidades vizinhas, principalmente em caso de emergências e mesmo com a disponibilização de ambulâncias para os casos mais graves elas não darão conta do recado.

É um caso difícil de ser solucionado, gera muitas opiniões, mas acho que não há justificativas suficientes para tal ação. Creio que a solução está nas mãos dos diretores do hospital e dos políticos, que deveriam repensar o caso e buscar soluções, talvez controlando os gastos excessivos da prefeitura, elaborando projetos que busquem ajuda e visem efetivar um acordo entre hospital e prefeitura.

Nem todas as coisas são sempre como queremos, e é certo que nada é perfeito, mas quando o assunto é algo que atinge todos os moradores, não só da minha pequena cidade, mas de todos os lugares, torna-se uma questão de prioridade.

[conclusão]

Às vezes, depois de tentarmos todas as opções possíveis, e ainda assim nada resolver, o único meio de impedirmos que os problemas afetem nossa forma de ver o quão bonito é o lugar em que vivemos e do silêncio que é sua definição, retomar seu lugar, por irônico que seja é um grito de socorro!

Porque o barulho que nos atormenta, às vezes é o mesmo que nos liberta.

Professora: Daiane Aparecida Boza Rezin Escola: E. E. B. Timbé do Sul – Timbé do Sul (SC)

Atividade III

Objetivos:

- Reconhecer a importância dos elementos linguísticos responsáveis pela articulação dos enunciados;
- Perceber a relação de sentido estabelecida pelos articuladores textuais.

Tempo previsto: 2 aulas (100 minutos).

Procedimentos metodológicos:

- Discutir com os alunos a importância de articular bem as ideias nos textos, mostrando-os a relação de sentido que os operadores argumentativos e os articuladores textuais têm, tanto para a orientação argumentativa, quanto para a organização textual, respectivamente.

- Distribuir os enunciados abaixo, recortados um a um, para que os alunos os coloquem em ordem a partir da relação de sentido existente entre os mesmos.

- Conferir coletivamente a sequência dos enunciados e discutir a aprendizagem adquirida com a atividade.

Educar é dar sentido.

É dar sentido ao nosso estar no mundo.

Nossos corpos precisam desse sentido para se realizar plenamente.

Mas também nossos corpos são vazios de imagens e elas precisam fazer parte da nossa mente para possamos dar respostas ao que se nos apresenta diuturnamente como desafios da existência.

É por isso que não basta dar alimento apenas ao corpo, é preciso também alimentar a alma, o espírito.

Sem comida o corpo enfraquece e sem sentido é a alma que se entrega ao vazio da existência.

Atividade IV

Objetivos:

- Reconhecer a atuação dos operadores argumentativos na orientação argumentativa dos enunciados;

- Perceber a relação de sentido entre os enunciados de mesma conclusão ou de conclusão oposta.

Tempo previsto: 2 aulas (100 minutos).

Procedimentos metodológicos:

- Dividir a turma em duplas e distribuir um envelope contendo 30 papéis (20 períodos e 10 operadores argumentativos), recortados da tabela de atividade abaixo.

- Instruir as duplas para que busquem articular os enunciados de acordo com os sentidos dos períodos e os operadores disponíveis, sem que haja sobra ou dupla utilização dos papéis.

- Determinar o tempo de 15 minutos para a realização da tarefa e, em seguida, fazer a conferência dos enunciados.

- Apresentar o quadro dos operadores argumentativos e analisar o sentido de cada tipo no direcionamento dos argumentos.

Tabela para a atividade

| | | |
|---|-------------------|---|
| Devemos ajudar nossos pais, | pois, sem dúvida, | a cooperação é um valor fundamental para a convivência familiar. |
| As propagandas mostram produtos atraentes indispensáveis para a nossa vida, | mas | cabe ao consumidor analisar aquilo de que realmente necessita e selecionar o que é bom. |
| O fumo faz mal à saúde. | Portanto, | as pessoas deveriam parar de fumar. |
| A água doce, por causa dos abusos cometidos, poderá acabar em nosso planeta. | Assim, | é preciso definir algumas regras para o uso racional da água. |
| A limpeza de terrenos e casas é necessária para impedir a propagação do mosquito da dengue. | Além disso, | é importante que se faça campanhas de conscientização para que as pessoas não deixem que a água se acumule em vasos e outros recipientes. |
| Se o desmatamento não diminuir, | é provável | que a Amazônia se transforme em um imenso deserto. |
| É indispensável que se intensifiquem campanhas de coleta seletiva de lixo nas escolas, famílias e comunidade, | pois dessa forma | a responsabilidade cidadã crescerá entre os moradores. |
| A pena de morte não é solução para a criminalidade. | Primeiramente, | está comprovado que os crimes hediondos não deixaram de ocorrer nos países que a adotaram. |
| A pena de morte não é solução para a criminalidade. | Em segundo lugar, | porque muitos dos que foram executados tiveram, posteriormente, sua inocência comprovada. |
| A pena de morte não é solução para a criminalidade. | Finalmente, | não matar os semelhantes é um princípio ético fundamental. |

Atividade V

Objetivos:

- Entender a importância dos articuladores textuais para a organização da sequência textual;
- Estabelecer relações de sentido entre as partes (parágrafos) de um texto.

Tempo previsto: 2 aulas (100 minutos).

Procedimentos metodológicos:

- Distribuir o texto abaixo para cada aluno, com os parágrafos fora da ordem sequencial, e solicitar que os discentes os leiam e os numerem, nos parênteses, de 1 a 8, na ordem correta a partir da observação dos articuladores de organização textual dispostos nos parágrafos.

- Em seguida, apresentar o quadro dos articuladores de organização textual e solicitar que os alunos os identifiquem nos parágrafos da atividade.

Texto: A milenar arte de educar dos povos indígenas

Daniel Munduruku

(1) Educar é dar sentido. É dar sentido ao nosso estar no mundo. Nossos corpos precisam desse sentido para se realizar plenamente. Mas também nossos corpos são vazios de imagens e elas precisam fazer parte da nossa mente para possamos dar respostas ao que se nos apresenta diuturnamente como desafios da existência. É por isso que não basta dar alimento apenas ao corpo, é preciso também alimentar a alma, o espírito. Sem comida o corpo enfraquece e sem sentido é a alma que se entrega ao vazio da existência.

(2) A educação tradicional entre os povos indígenas se preocupa com esta tríplice necessidade: do corpo, da mente e do espírito. É uma preocupação que entende o corpo como algo prenhe de necessidades para poder se manter vivo.

(3) Esta visão de educação é sustentada pela idéia de que cada ser humano precisa viver intensamente seu momento. A criança indígena é, então, provocada para ser radicalmente criança. Não se pergunta nunca a ela o que pretende ser quando crescer. Ela sabe que nada será se não viver plenamente seu ser infantil. Nada será por que já é. Não precisará esperar crescer para ser alguém. Para ela é apresentado o desafio de viver plenamente seu ser infantil para que depois, quando estiver vivendo outra fase da vida, não se sinta vazia de infância. A ela são oferecidas atividades educativas para que aprenda enquanto brinca e brinque enquanto aprende num processo contínuo que irá fazê-la perceber que tudo faz parte de uma grande teia que se une ao infinito.

(4) Num mesmo movimento ela vai sendo introduzida no universo espiritual. Embalada pelas histórias contadas pelos velhos da aldeia, a criança e o jovem passam a perceber que em seu corpo moram os sentidos da existência. Este sentido é oferecido pela memória ancestral concentrada nos velhos contadores de histórias. São eles que atualizam o passado e o fazem se encontrar com o presente mostrando à comunidade a presença do saber imemorial capaz de dar sentido ao estar no mundo.

(5) Este processo todo é alimentado por rituais que lembram o passado para significar o presente. São movimentos corpóreos embalados por cantos e danças repetidos muitas vezes com o objetivo de “manter o céu suspenso”. A dança lembra a necessidade de sermos gratos aos espíritos criadores; contam que precisamos de sentidos para viver dignamente; ordena a existência. Cada grupo de idade ritualiza a seu modo. Cada um se sente responsável pelo todo, pela unidade, pela continuidade social.

(6) Educar é, portanto, envolver. É revelar. É significar. É mostrar os sentidos da existência. É dar presente. E não acaba quando a pessoa se “forma”. Não existe formatura. Quem vive o presente está sempre em processo.

(7) É por isso que a criança será sempre criança. Plenamente criança. Essa é a garantia de que o jovem será jovem no seu momento. O homem adulto viverá sua fase de vida sem saudades da infância, pois ele a viveu plenamente. O mesmo diga-se dos velhos. O que cada um traz dentro de si é a alegria e as dores que viveram em cada momento. Isso não se apaga de dentro deles, mas é o que os mantém ligados ao agora.

(8) Resumo da ópera: A educação tradicional indígena tem dado certo. As pessoas se sentem completas quando percebem que a completude só é possível num contexto social, coletivo. Cada fase porque passa um indígena – desde a mais tenra idade – alimenta um olhar para o todo, pois o conhecimento que aprendem e vivem é um saber holístico que não se desdobra em mil especialidades, mas compreende o humano como uma unidade integrada a um Todo maior e Único.

Atividade VI

Objetivos:

- Reconhecer os elementos linguísticos responsáveis pelas articulações entre os enunciados do texto e as relações semânticas estabelecidas na argumentação;
- Analisar a utilidade dos articuladores textuais para a organização da sequência de ideias dispostas no texto.

Tempo previsto: 2 aulas (100 minutos).

Procedimentos metodológicos:

- Distribuir o quadro de articuladores de organização textual contido em KOCH e ELIAS (2017), para que os alunos tenham conhecimentos desses elementos linguísticos e possam visualizá-los no texto a ser disponibilizado.

- Distribuir o texto a seguir, para um momento de leitura, discussão e reflexão. Depois desse momento, solicitar a atenção dos alunos para os termos que estabelecem ligações entre os períodos e entre os parágrafos.

- Analisar a importância de tais articuladores na organização do texto. Mostrar como ficaria o texto sem esses operadores, como também, verificar a possibilidade de substituição deles por outros.

- Solicitar que os alunos tentem a substituição dos termos destacados por outros elementos, sem que haja perda de sentido.

Água pouca, meu poço primeiro

Aluno: Abraão Filipe Marques de Oliveira

O lugar onde vivo é o município de São Mateus, situado ao norte do Espírito Santo, com uma população de aproximadamente 125.000 habitantes, segundo estimativa do IBGE em 2015. **Apesar de** possuir importantes atividades como o comércio, a agropecuária e o turismo, a economia dessa cidade polo está baseada, **principalmente**, na exploração e produção de petróleo.

Nossa história foi construída às margens do rio Cricaré, local de desembarque de escravos negros africanos comercializados até o século XIX. **Além disso**, através desse rio, era feito o transporte da produção de farinha, açúcar, café e madeira. Uma paisagem belíssima de nossa cidade é o vale do Rio Cricaré, onde o rio, lentamente, percorre seu caminho, desenhando o “S” e o “M” do nome da cidade.

Assim como grande porção do território brasileiro, nosso município apresenta lençóis freáticos abundantes e inúmeras nascentes. **Contudo, desde** meados do ano passado, a falta de chuvas tem feito que o nível do Cricaré abaixe, e o mar, em maré alta, invada o estuário do rio, chegando **até** o ponto de captação do Serviço Autônomo de Água e Esgoto (SAAE). Nesses 471 anos de sua fundação, a Rainha do Cricaré – **como** a cidade é conhecida – nunca passou por uma crise hídrica **tão** intensa.

De acordo com a Organização Mundial de Saúde (OMS), o máximo permitido de sal na água para o consumo humano é de 250 ppm, **ou seja, até** 0,25 gramas de sal por litro de água. **Porém, segundo** o jornal Tribuna do Cricaré, a “água nas torneiras de São Mateus tem 4 gramas de sal por litro”, o que equivale a 16 vezes mais que o recomendado.

Com isso, eclodiu na cidade um grande caos, marcado pela perfuração de poços artesianos de forma irregular **e** sem fiscalização por parte da gestão pública local. Sou

contrário a essa postura de perfurar poços desenfreadamente, **pois** seus impactos, a médio e a longo prazo, podem ser irreversíveis.

Os que perfuram poços artesianos em suas casas e empresas – em geral pessoas bem providas financeiramente – defendem que esse tipo de medida é imprescindível para seu sustento. **Entretanto**, a parte pobre da cidade, **isto é**, a maioria da população mateense, é forçada a coletar o líquido de bicas e fontes, todos os dias, numa rotina de sofrimento.

Se essa perfuração persistir, um risco muito alarmante, a médio prazo, é a contaminação dos lençóis freáticos; e, a longo prazo, pior: pode ser que **até** sequem. Um exemplo claro disso é o Estado da Califórnia, nos Estados Unidos. Conforme um estudo da Universidade da Califórnia, devido à exploração descontrolada dos aquíferos, os rios do Vale Central reduziram seu leito em um terço **e** há vários anos não é possível beber a água.

A crise em São Mateus desencadeou, **ainda**, uma discussão sobre a falta de água na região e suas responsabilidades. Segundo Ney Murtha, especialista em recursos hídricos da Agência Nacional de Águas (ANA), “o Espírito Santo precisa construir uma visão estratégica sobre o uso da água”, **afinal**, os problemas de estiagem do Estado não são castigo divino, **mas** efeitos da ausência de políticas públicas que garantam uma gestão responsável dos recursos hídricos. **Sendo assim**, utilizar água com consciência **e** otimizar seu uso **já** é imperativo. **Porém**, é preciso encontrar alternativas para o abastecimento, tendo no planejamento seu principal aspecto. Em primeiro lugar, deve ser feita a transferência do ponto de captação da água para um local a montante do rio, para amenizar, **pelo menos** por alguns meses, a situação. **Outra medida** importante é a recuperação da bacia, através do reflorestamento das nascentes **e** restabelecimento da mata ciliar, **além da** construção de barragens, açudes e reservatórios que garantam água por mais tempo.

Há um ditado muito comum na região que diz: “Farinha pouca, meu pirão primeiro”. Tal expressão atende à lógica capitalista que tem a desigualdade **como** critério de progresso. **Além da** esperança de ver as torneiras de nossa cidade ricas em água limpa e potável, anseio, **ainda mais**, ver a Rainha do Cricaré banhada pela justiça social. **Como** afirma a minha conterrânea Elisa Lucinda: “Sei que não dá para mudar o começo, **mas**, se a gente quiser, vai dar para mudar o final.”

Professora: Adriana Pin Escola: Instituto Federal do Espírito Santo – Campus São Mateus – São Mateus (ES)

Atividade VII

Objetivos:

- Conhecer os articuladores metadiscursivos modalizadores e sua função nos textos argumentativos.
- Revisar os conhecimentos mediados nas atividades anteriores.

Tempo previsto: 2 aulas (100 minutos).

Procedimentos metodológicos:

- Reapresentar o quadro dos articuladores textuais distribuídos na atividade anterior, focalizando os articuladores metadiscursivos modalizadores (KOCH e ELIAS, 2017) e a relação de sentido que estabelecem.

- Entregar o texto abaixo a todos os alunos presentes, cuja atividade consistirá, num primeiro momento, da leitura e compreensão do texto. Num segundo momento, os alunos buscarão identificar todos os operadores argumentativos trabalhados nas atividades dessa intervenção. Por último, responderão ao exercício de registro dos conteúdos vivenciados.

UM BOM LIVRO

Atualmente os jovens preferem trocar um bom livro por algo que aparentemente seja mais interessante, por exemplo, o computador, a televisão, o telefone celular, ou outras tecnologias, deixando assim de conhecer um mundo mágico que os livros trazem. Já outros jovens preferem assistir a um filme relacionado com histórias contadas nos livros, porém ele nunca traz as informações completas.

Nos dias atuais, quando a maioria não tem o hábito da leitura, os poucos que leem, muitas vezes, não são capazes de interpretar a boa leitura, dessa forma muito poucos gostam realmente de ler.

Sabemos que a leitura é fundamental na vida, pois é através dela que podemos adquirir os conhecimentos que nos levam a oportunidades no futuro.

Enfim a leitura é tudo, está presente em cada dia na nossa vida, sem ela não chegaremos a lugar nenhum. Um bom livro fará com que você seja alguém na vida, contribuindo para que alcance o sucesso.

Tarefa:

1 – Os termos sublinhados no texto acima são advérbios que estabelecem uma articulação metadiscursiva modalizadora. Qual é o sentido que eles expressam?

2 - Leia o texto e identifique os elementos textuais (palavras ou conjuntos de palavras) que fazem a ligação entre as orações ou períodos. Faça círculo em torno dos elementos encontrados.

3 – Identifique os elementos responsáveis pela apresentação de um argumento, ou seja, uma ideia que justifica um posicionamento.

4 – Identifique os elementos responsáveis pela sequência dos fatos no texto?

5 – Caso seja possível, substitua os elementos circulados por outros elementos de mesmo sentido ou de sentido diferente.

Responda:

Qual a importância semântica dos elementos encontrados para o propósito argumentativo do texto?

3º MOMENTO DA SEQUÊNCIA DIDÁTICA – PRODUÇÃO FINAL DO ARTIGO DE OPINIÃO

Atividade VIII

Objetivos:

- Ler a produção inicial;
- Analisar a construção do texto a partir dos conteúdos trabalhados;
- Fazer as correções estruturais (operadores argumentativos) e as ortográficas;
- Escrever a versão final do artigo de opinião;

Tempo previsto: 6 aulas (300 minutos).

Procedimentos metodológicos:

- Devolver a produção inicial do artigo de opinião dos alunos, para que possam fazer observações analíticas do que escreveram a luz dos conhecimentos trabalhados ao longo das atividades.

- Orientar os passos a serem seguidos: leitura, análise, correção e escrita. Logo após, fazer a leitura para os colegas da turma e entregar ao professor-pesquisador, que fará a avaliação e, posteriormente, a exposição no mural da sala.

Atividade IX

Objetivos:

- Apresentar oralmente os textos produzidos pelos alunos;
- Proporcionar um momento de compartilhamento dos pontos de vista expressos nos textos produzidos;
- Consolidar os conhecimentos trabalhados nas atividades da SD.

Tempo previsto: 3 aulas (150 minutos).

Procedimentos metodológicos:

- Organizar a sequência de apresentação dos alunos, determinando o tempo máximo de 10 (dez) minutos para apresentação e considerações.

Avaliação: Os alunos serão avaliados a partir dos seguintes critérios: presença e a participação nas aulas; realização das atividades; e análise textual da produção final do artigo de opinião.

ANEXO B – Textos utilizados na Sequência Didática

Texto 01

Antropólogo derruba a ideia de que no Brasil há democracia racial

Doutor em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP) reforça que o Brasil possui um quadro ‘gritante’ de discriminação. Acha exagero? Não é o que mostram os números. Professor se aprofunda na crença de setores da sociedade brasileira de que ‘não existe racismo’ por aqui e de que tudo não passa de ‘vitimização’

Thiago de Araújo, BrasilPost

Ainda hoje há, no Brasil, quem negue a existência do racismo. Discussões sobre questões raciais não surpreendem o antropólogo congolês Kabengele Munanga. Aos 73 anos, o doutor em Ciências Sociais e professor da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo (USP) sempre reforça que o Brasil possui um quadro ‘gritante’ de discriminação. Acha exagero? Não é o que mostram os números.

“Os dados mostram que, à véspera do Apartheid, a África do Sul tinha mais negros com diploma de nível superior do que no Brasil de hoje”, afirmou Munanga, em audiência pública promovida pelo Supremo Tribunal Federal (STF) em 2010. O debate girava em torno das políticas de acesso ao ensino superior. Os opositores anunciavam que o País estava prestes a viver uma ‘guerra racial’. Não foi o que se viu.

“Não houve distúrbios, linchamentos raciais em nenhum lugar. Não apareceu nenhum movimento ‘Ku Klux Klan’ à brasileira”, comentou o antropólogo. “O que se busca pela política de cotas para negros e indígenas não é para terem direito às migalhas, mas sim para terem acesso ao topo em todos os setores de responsabilidade e de comando na vida nacional onde esses dois segmentos não são devidamente representados, como manda a verdadeira democracia”.

Mas e a tão conhecida ‘democracia racial’, nascida pelas mãos de Gilberto Freyre? Antes de mais nada, é preciso compreender do que se trata o preconceito. O professor Munanga assim define o termo:

“Preconceito como o próprio termo diga preconceito é uma ideia preconcebida, um julgamento preconcebido sobre os outros, os diferentes, sobre o qual nós mantemos um bom conhecimento. E o preconceito é um dado praticamente universal, pois todas as culturas produzem preconceito. Não há uma sociedade que não se define em relação aos outros. E nessa definição acabamos nos colocando em uma situação etnocêntrica, achando que somos o centro do mundo, a nossa cultura é a melhor, a nossa visão do mundo é melhor, a nossa religião é a melhor, e acabamos julgando os outros de uma maneira negativa, preconcebida, sem um conhecimento objetivo. Isso é o preconceito, cuja matéria prima são as diferenças, sejam elas de cultura, de religião, de etnia, de raça no sentido sociológico da palavra, de gênero, até de idade, as econômicas. Todas as diferenças podem gerar preconceitos”.

Texto 02

O racismo em números

A esmagadora maioria dos beneficiários do Brasil Sem Miséria é de negros, comprova levantamento do governo federal

por [Miguel Martins](#) — publicado 04/01/2014 08h58

Quando publicou *Casa-Grande & Senzala* em 1933, Gilberto Freyre não tinha a seu dispor um grande volume de dados sociológicos sobre a população brasileira. O IBGE foi criado um ano depois e o Ipea apenas na década de 1960. Se tivesse acesso a pesquisas que comprovassem a relação intrínseca entre pobreza e cor de pele no Brasil, hoje abundantes, talvez sua teoria da democracia racial brasileira fosse um pouco diferente. Ao ser confrontado com as estatísticas, o racismo brasileiro, sustentado em três séculos de escravidão, desvela-se como uma verdade factual.

A conexão entre a miséria e a origem racial é tão definitiva no País que programas de transferência de renda destinados a eliminar a extrema pobreza só poderiam fazê-lo ao beneficiar os negros, mesmo sem adotarem políticas afirmativas de raça. Na quinta-feira 19, a ministra do Desenvolvimento Social, Tereza Campello, divulgou um trabalho de decomposição dos beneficiários do Brasil Sem Miséria, que inclui o Bolsa Família, o Brasil Carinhoso e o Pronatec,



entre outros. Cerca de três quartos dos beneficiados, mostra o levantamento, são negros.

No início do Brasil Sem Miséria, em 2011, criado para alcançar a parcela da população

apta a receber benefícios mas ainda não registrada no Cadastro Único, o ministério almejava incluir cerca de 16 milhões de brasileiros em situação de extrema pobreza. Segundo o IBGE, 71% eram pretos ou pardos à época. Natural, portanto, a pesquisa de 2013 revelar que os maiores beneficiados pelas políticas de transferência de renda têm a pele escura. De acordo com os dados divulgados por Tereza Campello, 73% dos cadastrados no Bolsa Família são pretos ou pardos autodeclarados. Em relação a outros benefícios, a proporção é ainda maior.

Segundo a ministra, os dados são consequência da desigualdade racial no Brasil. “Embora não exerçamos uma política afirmativa de convocar os negros, eles acabam mais favorecidos por serem os mais vulneráveis”, comenta. “Estamos em uma luta aberta contra a discriminação dos pobres. Assim como alguns chamavam os escravos no Brasil de preguiçosos, muitos falam o mesmo de quem recebe benefícios do governo. Ao lutar contra o preconceito em relação aos pobres, construímos uma trajetória de cidadania para a população mais necessitada, de maioria negra.”

Embora o Bolsa Família não se pautar por uma política de afirmação racial, há outros fatores que estimulam um número maior de negros atendidos. O estudo *Vozes da Nova Classe Média*, realizado pelo Ipea neste ano, indicou que, ao declarar-se preto, as chances de um candidato obter o benefício aumentam em 10%. Segundo a ministra, trata-se quase de um “preconceito invertido”. “Quando alguém vai fazer seu cadastro no Bolsa Família, a rede de assistência social tenta aferir

o máximo possível de informações sobre a renda de um candidato. Se uma pessoa toda produzida, loira e de olho azul for pedir o benefício, a chance de levantar suspeição é maior. É mais crível quando um negro pede o benefício, pois quem analisa realmente acredita no grau de vulnerabilidade.” [...]

Texto 03

BRASIL

Comercial protagonizado por família negra sofre ataques racistas

Alguns internautas alegam falta de representatividade branca na campanha. No entanto, pesquisas revelam baixa presença de negros na publicidade brasileira

Por **LUANA BENEDITO**

Publicado às 18h39 de 30/07/2018 – Atualizado às 18h39 de 30/07/2018

Rio – Protagonizada por uma família negra, a campanha de Dia dos Pais do Boticário tem sido alvo de ataques racistas na Web. O comercial, que foi lançado na última quinta-feira, tem gerado incômodo entre cerca de 16 mil internautas que reagiram com a opção “não gostei” no vídeo que já conta com mais de 6 milhões de visualizações e 66 mil reações positivas. Alguns usuários ainda alegaram falta de representatividade branca nos comentários.

“Por que não tem nenhuma pessoa branca no comercial? Não é direitos iguais?”, comentou um internauta. “Pouco criativo e racista. Vamos misturar essa família aí”, disse outra. Entretanto, muitos usuários das redes sociais saíram em defesa da marca de cosmética pelo posicionamento da campanha. “Campanha do dia dos pais da boticário em 2016. Exclusivamente com famílias brancas. Não tem ninguém reclamando da falta de diversidade. NINGUÉM”, lembrou um internauta.

Para Renata Pedreira, militante do Movimento Negro, racismo reverso é uma distração criada pelos brancos para negar, confundir e apagar o verdadeiro debate racial. “Quando um branco se sente aviltado por uma propaganda que mostra uma família preta e passa a exigir diversidade, ele está simplesmente demarcando seu local de poder. Ele não está disposto a perder nenhum centímetro de privilégio e de representatividade. Poder tem relação direta com controle”, explica a mestre em enfermagem.

“Quando a branquitude deturpa o que é racismo, ela retoma o controle. Ela tenta tirar nossa capacidade de luta, fazendo parecer legítimo o mito da democracia racial, a ideia de que ‘somos todos iguais’. Não é má fé ou monstruosidade, o racista é uma pessoa comum que não se importa com o fato da população preta ser maioria no país, mas não estar representada de forma adequada na mídia. O racista não quer saber de preto com paridade nos espaços de poder, por isso cria termos como racismo reverso”, completa Renata.

Segundo a militante, o racismo é uma estrutura e como toda estrutura remete ao poder e hierarquização. “Quando os povos brancos resolveram reafirmar sua supremacia, eles usaram toda uma estrutura social que legitimava sua superioridade sobre povos não brancos, principalmente sobre pessoas pretas. Usaram de mecanismos políticos, deturparam a ciência criando teorias eugenistas para alegar uma inferioridade do povo preto, traçaram um perfil de criminoso baseado em fenótipos descritivos da população preta”, afirma.

[...]

Texto 04

RIO DE JANEIRO

‘Não vai ficar impune’, diz Bruno Gagliasso após fazer registro na delegacia de ofensa racista contra a filha

Criança de 4 anos foi ofendida em vídeo na internet. O ator diz que, quando for mais velha, a própria filha poderá denunciar um ataque caso seja vítima de preconceito novamente. ‘Não foi a primeira vez, não sei se vai ser a última’, disse o ator.

Por Fernanda Rouvenat, G1 Rio

27/11/2017 12h27 Atualizado 27/11/2017 21h42

O ator Bruno Gagliasso afirmou, na manhã desta segunda (27), que as ofensas racistas contra a sua filha Titi, feitas em um vídeo na internet, não ficarão impunes.

“Não vai ficar impune. A delegada foi bem clara pra mim: ‘Bruno, ela cometeu um crime. Ela pode estar em qualquer lugar do mundo, ela vai ter que responder por isso’”, afirmou o ator.

Segundo ele, a polícia já tem informações sobre a autora do vídeo e informou que ela já cometeu outros crimes. “Ela vai pagar por isso”, disse o pai da criança, que foi à Cidade da Polícia, na Zona Norte do Rio, [fazer o registro na Delegacia de Repressão aos Crimes de Informática \(DRCI\)](#).



No domingo (26), a brasileira Day Mcarthy, que se define como escritora e mora no Canadá, publicou um vídeo na internet no qual faz comentários ofensivos sobre a menina de 4 anos. Ela responderá por injúria racial, difamação e injúria.

Day Mcarthy é capixaba e tem 28 anos. Essa não é a primeira vez que ela ofende alguém pela internet.

O ator pediu que todas as pessoas que tenham se sentido ofendidas prestem queixa na delegacia. “Isso acontece todo dia. Cabe a gente, todo mundo que se sentiu ofendido, que quer fazer a diferença no mundo, de fato, fazer, falar. É muito importante que todo mundo que se sentiu ofendido venha e preste queixa”, disse.

Titi foi adotada por Bruno e pela mulher dele, a também atriz Giovanna Ewbank, no ano passado, depois de uma viagem ao Malawi, no Sul da África.

Bruno diz que, quando estiver mais velha, a própria filha vai saber se defender.

“Mais tarde ela vai ter a força suficiente e vai ter inteligência suficiente pra fazer o que eu estou fazendo aqui, e eu vou vir acompanhar. Não foi a primeira vez, não sei se vai ser a última. Obviamente não será, mas ela vai ser forte, vai ser instruída a isso”, completou. Bruno também agradeceu o apoio que está recebendo dos fãs, da família e dos amigos.

ANEXO C – Produção inicial do artigo de opinião escrita pelos alunos participantes

AP – 03

União, sociedade e justiça
(Título)

A intolerância racial, é um problema social ainda muito comum na sociedade. Onde o discurso ainda é praticado principalmente em pessoas de pele negra, que vão além de preconceitos ignorantes.

Temho certeza no que diz respeito a intolerância, que a cada dia mais, por meio de internet e aplicativos, que as pessoas ainda não aprenderam a respeitar, e sim, se julgar, seja por qualquer característica física que o outro possua, que não seja aceita pela sociedade.

Acredito que as pessoas de consciência poderiam mudar a péssima qualidade de quem sofre com o preconceito. Incentivando nas escolas a fazer atividades com as crianças, que mostrem a igualdade, para que se estabeleça valores que não discriminem o próximo, como por exemplo, desde cedo mostrar as crianças as diversas culturas que existem, não só no Brasil, mas como também no mundo.

Além disso, é necessário que todo aprendizado comece de casa, pois se no item anteriores, é preciso ensinar as crianças para não julgar os adultos. É assim, formar uma sociedade justa e democrática, onde a discriminação e a falta de respeito sejam apenas palavras, e não mais ações praticadas por parte da humanidade.

Portanto, para que haja solução nesse enorme problema, todos de tem denunciar, não só quem sofre com esse mal, mas também quem tem certeza que o outro passa por essa situação. Isso ajudará para que a intolerância racial deixe de existir.

AP - 04

Devemos acabar com o Racismo

(Título)

Na nossa sociedade infelizmente existe sim o Racismo não só com aqueles que são negros ou pretos, mas também de várias maneiras. O preconceito ou o Racismo não vem ocorrendo não só na sociedade mas no Brasil Todo.

O Racismo principalmente com os negros e praxeopanti pois tem várias pessoas que é ofendida se não vão prestar ajuda e é muito importante que toda pessoa se sentir ofendida deverá ir a delegacia e denunciar, mesmo que uma pessoa não goste da outra pessoa que tem a cor de pele escura ela não tem o direito de ofendê-la.

Esse preconceito ou mesmo o Racismo deve acabar e parar de se preocupar com a cor do outro, só por que uma pessoa é negra quer dizer que ela não pode se expor por causa de sua cor, certo que todos tem sua opinião mas não ao caso de quer ofender alguém.

Devemos acabar com isso e deixar de ser racista e aceitar as pessoas do jeito que elas são da maneira que opinou e também acabar com o jeito de se falar com as outras pessoas por elas ter a cor diferente da sua, por mais que ela seja negra ou preta você ou eu e ninguém tem o direito de ofender.

AP - 06

Diga não ao racismo.

(Título)

De meu ponto de vista o Brasil tem um grande 'gigante' de discriminação, acho vergoso? não é o que mostram os membros. Ainda hoje não, no Brasil, quem nega a existência do racismo, fala que não houve discriminações, linchamentos raciais em nenhum lugar.

E hoje o racismo é um dos maiores problemas da nossa sociedade, caso dia cresça mas a preconceito, temer de menos uma realidade, mas isso é um pouco difícil mas não impossível de se impedir, como fazer para mudar isso, talvez educar melhor crianças ou melhor leis, tipo aumentar castigos sociais mais rígidos para quem pratica o racismo.

Essencialmente, penso aqui dizer que não penso que praticam racismo não penso de gente que não tem aqui fazer no visto, de não fica com quem acontece na nossa sociedade de hoje em dia, criança ainda além de racismo se perguntar ele é se ele é branco, se ele tem o cabelo preto ou não é branco, se ele tem um cor diferente do seu não quer dizer nada, ele é uma pessoa normal como qualquer um o seu filho. É isso que eu acho sobre essa pessoa que praticam racismo ela não pensa de gente.

AP - 07

Lutar pela Igualdade

(Título)

O fluxo de racismo cresce alarmantemente no Brasil e no mundo. Em outras palavras, racismo é um tipo de preconceito por causa da cor da pele de uma pessoa negra. No Brasil, o racismo começou com a vinda dos africanos.

Acredito que o racismo é um problema que tem que ser resolvido por todos nós. A questão é que todos somos diferentes, com capacidades e ações próprias. Por isso, o preconceito racial prejudica a nossa progressão e nos deixam limitados de compreender os outros, sem diferenciá-los.

De certo, ouço falar que as pessoas incluem negros e não têm preconceito, mas muitas vezes isso não é verdade. Portanto, aceitar é entender que não pode-se excluir alguém por não ter a mesma cor, porém incluir, é algo além, é considerar alguém "diferente" e assim, manter contato espontaneamente, sem distinguir em "branco" e "negro".

Por consequência, posso afirmar que a sociedade precisa de reajustes quanto ao questionamento. Não excluir, nem aceitar, mas incluir, pois somos todos iguais independentemente de cor. Todos devem ter o direito de ser feliz e de ser respeitado, caso o contrário se a pessoa não cumpre seus deveres não é um cidadão.

AP - 08

Para o racismo sempre há solução.

(Título)

É notório que o racismo é um problema que a cada dia mais afeta nossa sociedade. Vemos muitas coisas no nosso cotidiano que aterrorizam e provocam a revolta da população. Com tudo isso, faço uma pergunta: na sociedade em que vivemos, esse problema tem solução?

Como havia dito, o racismo afeta cada dia mais nossa sociedade, vemos na TV, nos jornais, revistas, entre outros. Muitas vezes até cometemos racismo sem perceber, mas tudo isso é reflexo de uma sociedade hipócrita, que pensa que combater o racismo é tratar uma pessoa de cor escura como "inferior". Cumplindo melhor isso, é só pegar o exemplo dos brancos racistas, que perseguem os negros, tratando-os como incapazes de exercer o que é proposto.

Penso que para tudo isso, há sim solução. Basta apenas respeitarmos um ao outro, o que é um ato tão simples só que difícil de ser exercido. Além do mais, devemos parar com essa ideia de pensar que combater o racismo, é inferiorizar os demais de pele branca, ao contrário devemos respeitar todos etnias e cores.

Assim, solução há, basta apenas querer a lutar pelos direitos dos negros. Soluções para atos como esses, não é nada muito difícil, porque com pequenas atitudes podemos acabar e extinguir esse problema.

AP - 10

pobresa e intolerância racial

(Título)

É notório que no Brasil o número de pessoas que vivem em situação de extrema pobreza vem se agravando cada vez mais. Hoje este número atinge cerca de 16 milhões de pessoas que segundo o IBGE 71% delas são de pele negra ou parda. Será que o governo está fazendo algo para ajudar essas pessoas?

Certamente, este é o problema que mais afeta a população Brasileira, pois apesar do governo ter criado o "Bolsa Família" para as famílias que não têm renda fixa o número de pobreza do nosso país só aumenta e afeta principalmente as pessoas negras.

A democracia brasileira está repleta de intolerância racial, pois muitas pessoas acham que têm mais direitos do que as outras só por que são de pele branca e ela não ou por que são de etnias diferentes.

Penso que a intolerância racial pode sim ter solução, mas não a todos querem que isso aconteça, pois muitos pensam que isso é errado pelo contrário isto é errado e também ninguém gosta de ser chingado por ter cor ou etnias diferentes.

AP - 12

(Título)

Vamos combater o racismo

O racismo, o preconceito sendo encarado como uma coisa normal hoje em dia, de tanto que as pessoas não tem respeito umas com as outras e não respeita que somos iguais, vivemos em uma sociedade misturizada mas parece que não entra na cabeça dessas pessoas que desenvolvem mais e mais preconceitos.

Pessoalmente acho que isso não pode mais acontecer em nem um lugar e muito pior gente, não é cor de pele que define nada na vida de uma pessoa não, vamos nós dar o devido respeito se você pratica o racismo para com isso, vamos ser cidadãos de bem respeitar seus irmãos e aceitar que somos todos iguais.

Eu tenho uma amiga minha que sofre preconceito quase todos os dias, com sua própria vizinha, um dia ela estava no quintal de sua casa e escutou ela falar: "Essa negra, preta, macaca é um vagabunda não acordou ainda, aí ela ligou pra polícia e ela foi pra delegacia e passou alguns dias lá, mas pagou e saiu e nunca mais falou aquilo com ela. Tá se futele preconceito denunciado não fique calado não."

AP - 14

Racismo sem limites

(Título)

O Brasil é composto por povos de raças e culturas diversas: brancos, negros, pardos e indígenas. Mas ainda assim existem poucas coisas de racismo. O racismo é feito por pessoas de mente fechada e de muita ignorância.

Na televisão, nas redes sociais, vemos quase diariamente casos como esse, onde quase todos os vítimas são negros. Recentemente vimos o caso da filha do ator global Bruno Gagliasso sem a modelo Geyza Costa, que foi vítima de postais preconceituosos da brasileira Day Marley. Não só ela, mas a cantora Ludmilla e Pita Coe também foram vítimas.

Creio que um dos principais desse problema é a existência de cotas. Elas fazem a entender que os negros, pardos e indígenas não têm capacidade para se inscreverem em uma universidade. Isso não faz sentido. Onde está a capacidade de uma pessoa? Não no cor da pele? Nunca, pois qualquer pessoa pode ter capacidade. A inteligência está na pessoa, e não na raça.

Na minha opinião as vítimas do racismo não podem se colorir. O governo deve acabar com as cotas. Para assim diminuir estas estatísticas de racismo. Para que tanta preconceito se ao final da vida seremos apenas ossos.

AP - 15

Ação e Solução

(Título)

O grande erro do ser humano é achar que eles tem total liberdade de expressar sua opinião de forma injusta e preconceituosa. Conseqüentemente esse tipo de gente serão penalizados. Está claro que tudo nessa vida vive alvo do preconceito.

Não temos a liberdade de sermos diferentes sem se preocupar com cor da pele e com o corpo.

A Democracia desse país está extremamente abalada. Os nossos direitos estão sendo tomados.

Logo me pergunto onde está a solução? imediatamente vem a resposta: a solução é você agir, denunciar. Obviamente não é a primeira nem a ultima. temos a lei ao nosso favor o problema é que muitas pessoas deixam passar pensando que nunca mais vai acontecer contigo. Estão muito enganados se não colocarmos um basta nisso nunca vai ter fim.

AP - 16

Menos preconceito e mais respeito!

(Título)

O preconceito racial no Brasil hoje contra negros é constantemente um assunto que se encontra nos noticiários. Desde os tempos da escravidão, pessoas negras são tratadas de forma racista.

Segundo o doutor em Ciências Sociais da Universidade de São Paulo (USP) e Brasil possui um quadro 'gritante' de discriminação racial. Enquanto plenamente. Nosso país tem uma miscigenação rica de povos africanos, portugueses, indígenas, europeus etc. Mesmo assim, as pessoas de pele escura ainda são vergenhosamente discriminadas e excluídas da sociedade.

De acordo com os dados divulgados pela ministra de Desenvolvimento Social, Tereza Campello, 73% dos cadastrados no Bolsa Família são pretos ou pardos autodeclarados. Isso me faz pensar o por quê. Bem, nosso país discriminativo e grau de vulnerabilidade de uma pessoa negra é maior do que de uma pessoa branca, pois as chances de um candidato preto e desempregado aumentam em 40%. Sim, a discriminação está até nisso.

Confiro, não é o país que tem que mudar, mas sim as pessoas. Temos que aprender a respeitar as diferenças. Não devemos nos importar com a cor das pessoas, mas sim com o caráter delas. Logo, a vida será mais harmoniosa e satisfatória, pois quando você planta respeito você colhe amor.

AP - 19

O Racismo não se compra

(Título)

A intolerância racial na sociedade contemporânea está associada ao preconceito e discriminação diante das pessoas a quem de maneira injusta onde pessoas de pele clara não podem viver com esta diversidade e igualdade racial.

"Embora não tenhamos uma política afirmativa de comecar os negros, eles acabam mais favorecidos por serem mais vulneráveis." Esta é a frase está situada em um texto divulgado por Miguel Martins, onde fala do número de racismo no Brasil, mas será que os dados são consequências da desigualdade racial? Será que o racismo pode ser trocado por dinheiro?

São em média 70% cadastrados no Bolsa Família que são negros ou pobres, será que os negros podem superar o racismo com dinheiro? deixar a democracia por serem negros? Estas pessoas não devem ser difíceis porque são negros, ou terem alguns direitos que os ajuda por muitos vezes por não terem trabalho?

Seres racismo não é uma nota em dinheiro que vai acabar com a desigualdade. A própria sociedade pode investir na mudança, fazendo e mostrando que podem ser iguais mesmo com características diferentes, faça a sua democracia, faça o seu direito o direito de todos.

AP - 21

Imposto Racial

(Título)

Do meu ponto de visão, não haverá intolerância racial no nosso mundo moderno cheio de tecnologias, pois, como a comunicação está facilitando as intruzões virtuais, fica mais fácil encontrar blogs ou páginas racistas como o Ne nazismo e a Ku Klux Klan, assim, elas poderão marcar uma data e local para se encontrarem e matar alguns afrodescendentes.

Com a sonegação de imposto, o menor Estado, eu acho que tenho certeza que teria menos racismo racial com pessoas negras afrodescendentes. Pois o cidadão patriota e trabalhador não quer ser obrigado a pagar por algo que não irá voltar a ele, e é isso que acontece com o imposto, os cidadãos trabalhadores ficam diversos irritados por não podem sonegar imposto, por isso não tem o que fazer para dar um golpe de Estado ou algo parecido, então eles começaram a matar pessoas com a etnia branca.

Minha solução para acabar com o Racismo é: Não ao Imposto e Roubo e Não ao Racismo.

AP - 22

Racismo no mundo

(Título)

Em primeiro lugar o racismo no mundo não tem controle algum. As pessoas devem ter a consciência que estão magoando outras pessoas, devemos respeitar a cor, o estilo de vida delas.

Nunca devemos da vida dos outros por causa de sua aparência física, nem pelo seu jeito de agir! Se eles formam uma onda da sociedade nós vamos parar no fundo do poço.

Devemos aprender que não podemos julgar o livro pela capa, ou seja, não devemos falar mal das outras pessoas para com quem você não seja prejudicado e o racismo aconteça.

Porém, quando falamos de racismo devemos entender que pode existir mais com isso também pode acabar. Pode acabar com o racismo as pessoas mudando o seu jeito de falar, respeitando o jeito das outras pessoas.

Com isso aprendemos que o racismo existe em todo o mundo, mais podemos fazer que o racismo acabe.

AP - 23

A NOVA APRENDIZAGEM DA SOCIEDADE

(Título)

NA MINHA FORMA DE ENXERGAR A INTOLERÂNCIA RACIAL NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA PASSA POR UM MOMENTO DE EVOLUÇÃO, PARA COMEÇARMOS A ANDAR TEMOS QUE OLHAR PARA A FRENTE E NA FRENTE AINDA EXISTE UM GRANDE DESRESPEITO E UM ENORME PRECONCEITO ESTABELECIDOS A INTOLERÂNCIA RACIAL, PRECISAMOS REESTRUTURAR AS PESSOAS A ESSE TEMA, CONVENCER A VOLTAR A FALAR SOBRE O ASSUNTO E A AJUDAR BUSCAR SOLUÇÕES E AGIR MAIS FORTEMENTE NA PUNICÃO DAS PESSOAS QUE PRATICAM OFENSAS E RACISMO, MELHORAR AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E SALÁRIO PARA QUE A SITUAÇÃO SE REVERTA NO CAMPO DA SOCIEDADE, IGUALAR OS ARGUMENTOS PARA QUE ELAS SÃO CONVICTENTES E FAÇAM O MAIOR SENTIDO NA HORA DO MOMENTO DO DEBATE.

BUSCANDO SOLUÇÕES E APRENDIZADO PARA FAZER A COISA CERTA E NÃO DEIXAR LEVAR PELA PRECONCEITO. PRECISAMOS IR DE ENCONTRO AO TEMA E NECESSITAMOS DE NÓS REEDUCARMOS PARA ALCANÇAR UMA ÓTIMA E BOA SOCIEDADE, TEMOS QUE CONTINUAR ISSO PARA SEGUIRMOS O MELHOR CAMINHO, DESDE JÁ AGRADEÇO.

AP - 24

Terhom a mente mais aberta!

(Título)

Em primeiro lugar, diria que a intolerância racial não tem uma solução, há várias soluções, como as leis, por exemplo, mas certas pessoas querem ser melhores que as outras e não respeitam.

Sobre os negros, quando uma pessoa de mais condições olha um negro, não olha do modo que olha para um branco, ela olha assim, "olhando", de um modo preconceituoso, sabem que não tem medo ou pelo fato de estar naquele certo lugar, aquele indivíduo vai mudar ou fazer algo do tipo.

Vamos recorrer ao acontecido com Titi, filha adotiva de Bruno Gagliasso e de Giovanna Eulbank, que foi chamada de macaca por Day McArthur. Agora pergunto, por que será que essa criança foi chamada assim? Sim pessoas, pelo fato dela ser negra, ter uma origem negra, ter nascido em outro país! Muitos internautas se esmeraram, e ficaram revoltados com a atitude de Day McArthur. Apesar de tudo Bruno Gagliasso já entrou na justiça contra esse fato.

Em resumo, intolerância racial não tem solução, é só as pessoas terem a mente aberta e saber que o Brasil é um país muito diversificado, onde podemos ser quem quisermos.

AP - 25

mais respeito ao irmão

(Título)

Infelizmente a intolerância racial está presente no seu dia-a-dia, em qualquer lugar que você for. Pessoas de várias nacionalidades têm vindo chegando como se os negros não fossem constantemente, diariamente, não só vítimas de um ato tão cruel, tão desumano, os negros sofrem com agências físicas e psicológicas.

Consciente a vida dos negros não são mais a mesma desde o primeiro piado, desde o primeiro alho com sangue nos olhos pelo raio de um negro. Eu fico a me perguntar, por quê cometer o racismo? qual é o motivo disso e onde essas pessoas vão chegar considerando esse crime? E depois de uma rápida reflexão você chega a encontrar a resposta para isso, a resposta, é que, essas pessoas não vão chegar em lugar nenhum, e não tem motivo além do raio e do ódio.

É fácil perceber que o fato de um tom de pele escuro, pode causar tanto silêncio e tanto desrespeito.

Na minha opinião, a única solução que há para isso, é amar o próximo e respeitá-lo, e esquecer que por causa de um tom de pele escuro não é preciso tanto ódio ou raio. Se- mos todos iguais, Deus morreu no cruz por amor ao branco e ao negro, E não? somos os outros por falta de amor ao irmão? Acho que já chega de tanto raio no mundo.

AP - 26

A SOCIEDADE RACISTA.

(Título)

O RACISMO NUNCA VAI ACABAR, SE VOCE FOR NA ONDA DA SOCIEDADE, PORQUE ELA NAO NOS DEIXA LIVRE.

MUITAS VEZES NOS TEMOS PRECONCEITO ATE AO SENTAR AO LADO DE UM INDIVIDUO NEGRO. TRATAMOS ESSA PESSOA COMO LIXO, COMO SE ELA FOSSE DE OUTRO PLANETA.

QUANTO TEMPO VAI LEVAR PARA TERMOS CONSCIENCIA DE QUE UMA PESSOA DE COR DE PELE DIFERENTE DA NOSSA E GENTE COMO A GENTE? TEMOS TODO TEMPO DO MUNDO, PARA MUDARMOS E ACEITARMOS AS DIFERENCAS, E SO OLHARMOS ALEM, AI VAMOS VER QUE NAO E UMA COR DE PELE QUE VAI IMPEDIR VOCE DE SER AMIGO DESSA PESSOA, DE TRABALHAR JUNTO, CASAR, E TER FILHOS.

MAS, ENFIM... HA SOLUCAO PARA A SOCIEDADE MUDAR, SE ELA ACABAR COM SUAS REGRIMHAS, TUDO E TODOS MUDAM. NA MAIORIA DAS VEZES SOMOS INFLUENCIADOS PELA SOCIEDADE DE UMA FORMA QUE NAO CONSEGUIMOS CONTROLAR NADA.

ELA NOS EXIGE A VESTIR UMA CERTA ROUPA, A POSTAR CERTAS COISAS NAS REDES SOCIAIS, E O MAIS TERRIVEL E QUE AS VEZES TEMOS PRECONCEITO, MESMO NAO QUERENDO, NAO ANDAMOS AO LADO DE UMA PESSOA NEGRA PORQUE JA VAO NOS OLHAR COM OUTROS OLHOS, VAO SOLTAR PIADAS, VAO RIR E CRITICAR DE TODAS AS FORMAS.

PRECISAMOS EMPREMAR A SOCIEDADE RACISTA SEMPRE, SO ASSIM SEREMOS SERES HUMANOS LIVRES.

ANEXO D – Produção final do artigo de opinião escrita pelos alunos participantes

AP – 03

| União, sociedade e justiça | |
|----------------------------|---|
| 1 | |
| 2 | A intolerância racial é um problema social ainda muito comum, que |
| 3 | predomina em várias partes do mundo. Na qual o desprezo respeito é praticado |
| 4 | de diversas formas, principalmente em pessoas de pele negra e classe so- |
| 5 | cial baixa, que são alvo injustificado por uma sociedade ignorante. |
| 6 | Tenho visto no que diz respeito a intolerância, que a cada dia mais, por |
| 7 | me internet e aplicativos, que as pessoas ainda não aprenderam a respeitar, |
| 8 | e sim a julgar e a ser intolerantes, seja por qualquer característica física que |
| 9 | o outro tenha, como por exemplo, por etnia. |
| 10 | Acredito que as pessoas de consciência poderiam mudar essa péssima |
| 11 | realidade de quem sofre com o preconceito. É assim, incentivando nas |
| 12 | escolas e fomentando desde cedo, atividades com as crianças que mostram a |
| 13 | igualdade, para que se estabeleça valores que não discriminem e próximos, |
| 14 | na qual cabe a elas, mostrar a eles os diversos tipos de culturas existentes, |
| 15 | não só no Brasil, mas também no mundo. |
| 16 | Além disso, é necessário que todo aprendizado comece de casa, pois |
| 17 | é necessário que isso aconteça para não julgar os adultos. É com isso, |
| 18 | formar uma sociedade justa e democrática, na qual independentemente |
| 19 | de cor, a discriminação, intolerância e falta de respeito não tenham |
| 20 | apenas palavras e não mais ações praticada pela humanidade. |
| 21 | Portanto, para que haja evolução neste enorme problema, todos de- |
| 22 | vem denunciar, não só quem sofre diariamente com esse mal, mas também |
| 23 | quem tem certeza que outra pessoa passa por essa situação. Isso ajudaria |
| 24 | para que a intolerância racial deixe de existir e as políticas públicas |
| 25 | funcionem. |
| 26 | |
| 27 | |
| 28 | |
| 29 | |
| 30 | |
| 31 | |
| 32 | |

AP - 04

Não ao Racismo

No Brasil não podemos identificar quem é só de uma raça ou cor, pois, em cada família há estas misturas. O preconceito não existe somente no Brasil mais no mundo todo. Se não existisse o pré-conceito ou preconceito, talvez o mundo seria nesta relação de cor ou raça.

O racismo é qualquer pensamento ou atitude que separa as raças humanas por considerarem algumas superiores a outras.

Quando se fala de racismo, o primeiro pensamento que aparece na mente das pessoas é contra os negros, mas o racismo é um preconceito baseado na diferença de raça das pessoas.

Por tanto o preconceito não é só por um motivo de raça ou cor mas também existe outros tipos de preconceito de várias formas. Com isso, percebe-se como o racismo faz parte da história, e como alguns grupos lutam muito com isso.

Embora no Brasil haja uma forte mistura de raças, a incidência de racismo pode não ser tão evidente para alguns, mas ele não deixa de existir. Em alguns casos, ele ocorre de forma sutil, em que não é percebido pelas pessoas. Pode ocorrer de formas de piadas, xingamentos ou simplesmente evita o contato físico com a pessoa. A verdade é que nenhum lugar está protegido do RACISMO.

Não sei quando o racismo começou, só sei que ele acaba quando começa o RESPEITO!

AP - 06

| Diga não ao racismo | |
|---------------------|---|
| 1 | |
| 2 | Não concordo que o Brasil seja um país racista, logo o povo |
| 3 | brasileiro que no entanto suas origens partem de miscigena |
| 4 | ção, e ainda aconteça atos como discriminação pela cor da pi |
| 5 | sa; portanto somos povos de hipocrisia. |
| 6 | De meu ponto de vista o racismo já deveria ter finalizado, p |
| 7 | orém as pessoas se acham tão modernas mas, ainda não aceitam |
| 8 | que a escravidão acabou e que os brancos já não são mais su |
| 9 | periores que os negros. |
| 10 | Em uma pesquisa nacional por amostragem de domicílios (PNAD |
| 11 | 1997), são negros 80% dos mais de 40 milhões de brasileiros que |
| 12 | subiram à elite e. Nas universidades são são 921 mil entre |
| 13 | 3,5 milhões de estudantes, portanto isso mostra que os negros |
| 14 | não são inferiores aos brancos. |
| 15 | Entretanto os racistas não aceitam por que? esse segundo |
| 16 | 1997, mais da metade da população brasileira (54%) é de pret |
| 17 | os ou pardos com essa pesquisa vemos que a maioria é de |
| 18 | negros no Brasil. |
| 19 | Assim os brancos já são maioria. Num todo branco é racista |
| 20 | a, talvez a maioria, porém devemos lutar contra os racistas, m |
| 21 | uito pouco, mas atinge muitos os negros a populaç |
| 22 | ão negra é afetada pela desigualdade pela violência no |
| 23 | nosso país. É o que abita a organização das nações unida |
| 24 | s (ONU). Se todos se unirem contra os racistas e os que sepe |
| 25 | em qualquer tipo de ato que se sintam ofendidos, portanto |
| 26 | diminui; assim acabou o racismo no Brasil e no mundo |
| 27 | |
| 28 | |
| 29 | |
| 30 | |
| 31 | |
| 32 | |

AP - 07

| | |
|----|--|
| 1 | |
| 2 | |
| 3 | |
| 4 | |
| 5 | |
| 6 | |
| 7 | |
| 8 | |
| 9 | |
| 10 | |
| 11 | |
| 12 | |
| 13 | |
| 14 | |
| 15 | |
| 16 | |
| 17 | |
| 18 | |
| 19 | |
| 20 | |
| 21 | |
| 22 | |
| 23 | |
| 24 | |
| 25 | |
| 26 | |
| 27 | |
| 28 | |
| 29 | |
| 30 | |
| 31 | |
| 32 | |

O fluxo de racismo cresce alarmantemente no Brasil e no mundo. Em outras palavras, o racismo é um tipo de preconceito por causa da cor da pele de uma pessoa negra. E como começou? O racismo começou com a vinda dos africanos e continua até hoje. Por isso, esse problema tem que acabar? Simplesmente lutando todos juntos pela igualdade.

Acredito que o racismo é um problema que tem que ser resolvido por todos nós imediatamente. A questão é que todos somos diferentes, com capacidades e ações próprias. Por isso, o preconceito racial prejudica a nossa progressão e nos deixam limitados de compreender os outros, sem diferenciá-los.

De certo, ouço falar que as pessoas incluem negros e não têm preconceito, mas muitas vezes isso não é verdade. Portanto, podemos afirmar que, aceitar é entender que não podemos excluir alguém por não ter a mesma cor, porém incluir, é algo além, é considerado que aceitar alguém "diferente" e assim, manter contato espontaneamente, sem distinguir em "branco" e "negro".

Por consequência, posso afirmar que a sociedade precisa de ajustes quanto ao questionamento. Não excluir, nem aceitar, mas incluir, pois somos todos iguais independentemente de cor. Todos devem ter o direito de ser feliz e de ser respeitado, caso o contrário se a pessoa não cumpre seus deveres não é um cidadão.

AP - 08

| | |
|----|--|
| | <u>Para tudo há solução!</u> |
| 1 | É notório que o racismo é um problema |
| 2 | que a cada dia mais afeta nossa sociedade. |
| 3 | Vemos muitos casos no nosso cotidiano que |
| 4 | aterrorizam e provocam a revolta da população. |
| 5 | Com tudo isso, me faço uma pergunta na so- |
| 6 | ciiedade em que vivemos, esse problema tem |
| 7 | solução? |
| 8 | Penso que por tudo isso, há sim so- |
| 9 | lução. Basta apenas respeitarmos um so- |
| 10 | luto, o que é uma coisa tão simples, só que di- |
| 11 | ficil de ser seguida. Além do mais, devemos parar |
| 12 | com essa coisa de pensar que combater o racismo |
| 13 | é impiedoso pensar de pele branca, ou con- |
| 14 | trários devemos respeitar todos etnias e cores. |
| 15 | Como havia dito, o racismo afeta cada dia |
| 16 | mais nosso cotidiano, vemos na TV, nos jornais, |
| 17 | revistas, entre outros. Muitas vezes até cometemos |
| 18 | racismo sem perceber, mas tudo isso é reflexo |
| 19 | de uma sociedade hipócrita, que pensa que |
| 20 | não comete racismo e trata uma pessoa de |
| 21 | cor escura como "estudinho". Comprimendo ne- |
| 22 | lho isso, façamos o exemplo dos brancos racistas, |
| 23 | que perseguem os negros, tratando-os como in- |
| 24 | capacitados de serem o que é proposto. |
| 25 | Enfim, há muitas soluções, protestos anti- |
| 26 | discriminação, e por sua opinião, entre outros |
| 27 | meios. A partir disso, podemos mudar |
| 28 | o mundo e extinguir esse problema. |
| 29 | |
| 30 | |
| 31 | |
| 32 | |

AP - 10

| Pobresa e intolerancia | |
|------------------------|---|
| 1 | é notorio que no Brasil o número de pessoas |
| 2 | que vivem em situação de extrema pobreza |
| 3 | vem se agravando cada vez mais. Hoje este |
| 4 | número este número atinge cerca de 36 |
| 5 | milhões de pessoas e apesar de que o governo |
| 6 | criou o projeto bolsa familiar este |
| 7 | número só aumenta. Será que o governo |
| 8 | está fazendo algo para ajudar essas pessoas |
| 9 | |
| 10 | Certamente, este é o problema que mais se |
| 11 | encontra na população Brasileira, pois apesar |
| 12 | do governo ter criado o projeto "bolsa familiar" |
| 13 | para as pessoas que não tem renda fixa |
| 14 | o número de pobreza do no país ainda |
| 15 | é surpreendente. |
| 16 | Hoje, a democracia brasileira está repleta |
| 17 | de intolerância racial, isso porque as pessoas |
| 18 | vivem com falsos pensamentos e o pior, |
| 19 | elas acham que estão certos ao pensar que só |
| 20 | por ter cor de pele diferente ou por terem diferentes |
| 21 | crenças ou ideias tem mais direitos do |
| 22 | que os outros. |
| 23 | Penso que a intolerância racial pode ser um |
| 24 | sim que tenha solução, pois cabe a todos |
| 25 | querer e pagar com que isso aconteça, pois |
| 26 | muitos pensam que isso é certo, mais muito |
| 27 | pelos contrários isto é errado e não devemos |
| 28 | acitar isso porque ninguém gosta |
| 29 | de ser chingado só por que tem cor ou por |
| 30 | que tem crenças diferentes. |
| 31 | |
| 32 | |

AP - 12

| Nãõ ao preconceito no mundo | |
|-----------------------------|--|
| 1 | O número de pessoas que tem preconceito no |
| 2 | Brasil e no mundo inteiro é de assustar |
| 3 | qualquer um! Mesmo sabendo que no nosso |
| 4 | Brasil tem gente de vários lugares, de várias |
| 5 | culturas é óbvio que vamos ter todas diferentes. |
| 6 | Tem muitas pessoas que não aceitam eles como |
| 7 | pessoas normais, tem outros que humilha |
| 8 | mesmo nas redes sociais, na cara em qualquer |
| 9 | lugar, porque o preconceito está em quase todos |
| 10 | lugares. |
| 11 | Fiz um exemplo mesmo de uma vizinha. |
| 12 | Ela tem preconceito com os negros, só que |
| 13 | percebe isso, mas dá pra perceber só em |
| 14 | palavras, e isso é ridículo! Eu só |
| 15 | fico imaginando a criação dos filhos, |
| 16 | ela deveria deixar de aumentar o preconceito |
| 17 | no mundo. |
| 18 | As pessoas também tem que entender |
| 19 | que os deficientes em geral, tem o mesmo |
| 20 | direito de fazer o que gostam, Reflita. |
| 21 | |
| 22 | |
| 23 | |
| 24 | |
| 25 | |
| 26 | |
| 27 | |
| 28 | |
| 29 | |
| 30 | |
| 31 | |
| 32 | |

AP - 14

| Racismo sem limites | |
|---------------------|--|
| 1 | O Brasil é composto por povos de raças e culturas |
| 2 | diversas: negros, pardos e indígenas. Mas ainda assim |
| 3 | existem vários casos de racismo. O racismo é feito por |
| 4 | persoas de mente fechada e de muita ignorância. |
| 5 | Na televisão, nos redes sociais vemos quase diariamente |
| 6 | casos como esse, onde a maioria das vítimas são negros. |
| 7 | Recentemente vimos o exemplo de racismo com a filha do |
| 8 | ator global Bruno Gagliasso com a modelo Guorara Eu- |
| 9 | lebrant, que foi uma das vítimas de postura preconcei- |
| 10 | tuzas da sociality brasileira Day. Não só ela, mas |
| 11 | a cantora Ludmilla e Prata Cu também foram vítimas. |
| 12 | Ora que um dos principais dilemas, problemas e a exis- |
| 13 | tência de cor. Elas sabem a intender que os negros |
| 14 | pardos e indígenas não tem capacidade para se in- |
| 15 | gressar em uma universidade. Isso deve ser interrom- |
| 16 | pido. Onde está se viu que a capacidade de uma pessoa tá |
| 17 | na cor da pele? Nunca, pois qualquer pessoa pode ter |
| 18 | capacidade. A inteligência tá na pessoa, e não na |
| 19 | raça. |
| 20 | Na minha opinião as vítimas do racismo não pode se |
| 21 | corer. O governo deve acabar com as cores. Para assim |
| 22 | diminuir essas estatísticas de racismo. Para que tanto |
| 23 | preconceito se ao final da vida sejam apenas ossos. |
| 24 | |
| 25 | |
| 26 | |
| 27 | |
| 28 | |
| 29 | |
| 30 | |
| 31 | |
| 32 | |

AP - 15

| | |
|----|--|
| 1 | |
| 2 | As redes sociais virou uma arma, tanto |
| 3 | para o bem, tanto para o mal. |
| 4 | O grande erro do ser humano é achar que |
| 5 | eles tem total liberdade de expressar sua |
| 6 | opinião de forma injusta e preconceituosa. |
| 7 | Conseqüentemente esse tipo de gente serão |
| 8 | penalizados. Está claro que tudo e todos |
| 9 | podem virar alvo do preconceito. |
| 10 | Não temos a liberdade de sermos diferen- |
| 11 | tes, Por que tudo vira criticas. |
| 12 | A Democracia desse país está extremamente |
| 13 | abalada. Os nossos direitos estão sendo tomados. |
| 14 | O Preconceito é crime e os praticantes desse |
| 15 | ato de desonestidade são criminosos. A solução |
| 16 | para isso está em suas mãos, denunciar é |
| 17 | a melhor solução. |
| 18 | |
| 19 | |
| 20 | |
| 21 | |
| 22 | |
| 23 | |
| 24 | |
| 25 | |
| 26 | |
| 27 | |
| 28 | |
| 29 | |
| 30 | |
| 31 | |
| 32 | |

AP - 16

| | |
|----|---|
| | |
| 1 | Menos preconceito e mais respeito! |
| 2 | O preconceito racial no Brasil hoje contra negros |
| 3 | é constantemente um assunto que se é debatido e mencio- |
| 4 | trado nos noticiários. Como chegamos a esse ponto? |
| 5 | Sabe-se que desde a chegada da escravidão, pessoas |
| 6 | negras e com costumes "diferentes" são tratadas de forma |
| 7 | preconceituosa, acostumadas a ter sempre alguém olhando |
| 8 | forte para elas. |
| 9 | Segundo o doutor em Ciências Sociais da Universidade de |
| 10 | São Paulo (USP) e Brasil possui um quadro 'quintante' de |
| 11 | discriminação, considerada plenamente. Nosso país tem uma |
| 12 | miscigenação rica de povos africanos, portugueses, in- |
| 13 | dígenas, japoneses e etc. Mesmo assim, as pessoas de |
| 14 | pele escura ainda são vergosamente discriminadas e |
| 15 | excluídas da sociedade. |
| 16 | Não basta-se isso, de acordo com dados divulgados pe- |
| 17 | la ministra de Desenvolvimento Social, Tereza Campello, 73% |
| 18 | dos cadastrados no Cadastro Família são negros e pardos au- |
| 19 | todeclarados. Algumas pessoas mentem sobre sua cor, pois |
| 20 | quando elas se afirmam serem negras ou pardas as chan- |
| 21 | ças de um candidato obter o benefício aumentam em |
| 22 | 10%. Isso reflete a guisa vulneráveis pessoas de pele escu- |
| 23 | ra não, pois se a justiça e igualitar as pessoas as chan- |
| 24 | ças não deveriam ser iguais para todos? Pelo visto, não é |
| 25 | assim que o governo pensa. |
| 26 | Então, não é o país que tem que mudar, mas sim as |
| 27 | pessoas. Temos que aprender a respeitar as diferenças. Não |
| 28 | devemos nos importar com a cor das pessoas, mas sim com |
| 29 | o caráter delas. Logo, a vida será mais harmônica e |
| 30 | satisfatória, pois quando você planta respeito você colhe amor. |
| 31 | |
| 32 | |

AP - 19

| | |
|----|---|
| | |
| 1 | O racismo não se compra |
| 2 | O racismo está associado ao preconceito e a |
| 3 | discriminação, e o Brasil tem uma grande |
| 4 | influência racial, o preconceito, o racismo, a desi- |
| 5 | gualdade é um conjunto de problemas empre- |
| 6 | ntado no país. |
| 7 | Em primeiro lugar, o racismo tem solução, |
| 8 | Basta ver ^o acreditar. Sei que o racismo tem |
| 9 | um número muito alto, em pequenos |
| 10 | lugares, em hora não convivemos com ele |
| 11 | ou, vivemos e não tomamos atitude o |
| 12 | racismo é crime. |
| 13 | A criminalidade não está apenas em |
| 14 | atos físicos mas verbais também. As |
| 15 | pessoas são agredidas por serem negras |
| 16 | por serem transexuais e etc... |
| 17 | Os negres tem uma grande facilidade de |
| 18 | saber uma injustiça e grande, pois além |
| 19 | de serem negres por algumas vezes são |
| 20 | polímeros. |
| 21 | Saber racismo não é uma meta em din- |
| 22 | heiro que acaba com a intolerância |
| 23 | racial, a própria sociedade pode investir |
| 24 | na mudança, fazendo a mudança |
| 25 | que a desigualdade não existe se |
| 26 | quisermos. |
| 27 | |
| 28 | |
| 29 | |
| 30 | |
| 31 | |
| 32 | |

AP - 21

| Preto e Branco | |
|----------------|--|
| 1 | |
| 2 | |
| 3 | |
| 4 | |
| 5 | |
| 6 | |
| 7 | |
| 8 | |
| 9 | |
| 10 | |
| 11 | |
| 12 | |
| 13 | |
| 14 | |
| 15 | |
| 16 | |
| 17 | |
| 18 | |
| 19 | |
| 20 | |
| 21 | |
| 22 | |
| 23 | |
| 24 | |
| 25 | |
| 26 | |
| 27 | |
| 28 | |
| 29 | |
| 30 | |
| 31 | |
| 32 | |

Preto e Branco

O racismo é um problema encontrado no mundo todo, um problema que deveria ser mais discutido para tentarmos acabar com tal problema.

Do meu ponto de vista, não haverá tolerância racial no nosso mundo moderno, pois, com a tecnologia facilitando a comunicação, fica mais fácil encontrar blogs ou páginas racistas como a Ku Klux Klan e o Neonazismo, assim, eles poderão marcar uma data e local para se encontrarem e planejarem coisas racistas.

A Ku Klux Klan e o neonazismo são grupos ideológicos (geralmente de Extrema Direita) que acreditam em uma raça superior, a raça ariana, eles são pessoas brancas com olhos claros. Essa nova geração nazista estão divulgando sua ideologia na internet, espalhando essas ideias nas redes sociais como: Facebook, Twitter, YouTube, Discord entre outros.

Então poderíamos acabar com esse problema apresentando debates e dando palestras nas escolas.

AP - 22

| Racismo no mundo | |
|------------------|--|
| 1 | |
| 2 | Em primeiro lugar o racismo no mundo não |
| 3 | tem controle algum. As pessoas dizem ter a consciência |
| 4 | que estão magoando outras pessoas, dizem respeitar |
| 5 | a vida, o estilo de vida delas. |
| 6 | Em segundo lugar nunca devemos falar da vida |
| 7 | dos outros por causa do seu jeito de agir! Se eles |
| 8 | foram má onda da sociedade mas nunca vamos |
| 9 | partir para frente, vamos acabar no fundo do poço. |
| 10 | Nunca vamos acabar com esse racismo. |
| 11 | Além de que temos que aprender à não julgar |
| 12 | o livro pela capa, ou seja, não devemos falar mal |
| 13 | das pessoas pela sua aparência física, por que é |
| 14 | final Deus nos fez a sua imagem e semelhança, |
| 15 | mas podemos sair julgando as pessoas por serem |
| 16 | de cores diferentes, aliás o racismo é crime, não |
| 17 | pode ser prejudicado e pode também prejudicar outras |
| 18 | pessoas. |
| 19 | Porém, quando falamos de racismo podemos |
| 20 | entender que pode existir mais também pode acabar. E |
| 21 | com isso, o racismo pode acabar se as pessoas mudam |
| 22 | o seu jeito de agir ou de falar, respeitando o jeito das |
| 23 | outras pessoas. |
| 24 | Para finalizar, aprendemos que o racismo existe |
| 25 | em todo o lugar, mas podemos fazer que o racismo |
| 26 | acabe. |
| 27 | |
| 28 | |
| 29 | |
| 30 | |
| 31 | |
| 32 | |

AP - 23

| | |
|----|--|
| | A NOVA APRENDIZAGEM DA SOLIEDADE |
| 1 | NA INTOLERÂNCIA RACIAL, A SOLIEDADE CONTEMPORÂ- |
| 2 | NEA PASSA POR UM MOMENTO DE EVOLUÇÃO, PARA |
| 3 | COMESARMOS A ANDAR TEMOS QUE OLHAR PARA A |
| 4 | FRENTE E NA FRENTE AINDA EXISTE UM GRANDE |
| 5 | DESPREITO E UM ENORME PRECONCEITO ESTABELECIDO |
| 6 | NA INTOLERÂNCIA RACIAL. |
| 7 | PRECISAMOS REESTRUTURAR AS PESSOAS A ESSE TEMA, |
| 8 | CONVENIR A VOLTAR A DISCUTIR SOBRE O ASSUNTO |
| 9 | E A AJUDAR BUSCAR SOLUÇÕES E AGIR MAIS |
| 10 | FORTEMENTE NA PUNIÇÃO DAS PESSOAS QUE PRATICAM |
| 11 | OFENSAS E RACISMO, MELHORAR AS CONDIÇÕES DE |
| 12 | TRABALHO E SALÁRIO PARA QUE A SITUAÇÃO SE |
| 13 | REVERTA NO CAMPO DA SOLIEDADE, IGUALAR OS |
| 14 | ARGUMENTOS PARA QUE ELES SÃO E SE TORNEM |
| 15 | CONVICENTES E FAÇAM O MAIOR SENTIDO NA HORA |
| 16 | DO MOMENTO DO DEBATE. |
| 17 | BUSCANDO SOLUÇÕES E APRENDIZADO PARA FAZER A |
| 18 | COISA CERTA E NÃO DEIXAR LEVAR PERO PRECONCEITO. |
| 19 | PRECISAMOS IR DE ENCONTRO AO TEMA E NECESSITAMOS |
| 20 | DE NOS REEDUCARMOS PARA ALCANÇAR UMA ÓTIMA |
| 21 | E BOA SOLIEDADE, TEMOS QUE CONTINUAR ISSO |
| 22 | PARA SEGUIRMOS O MELHOR CAMINHO, DESDE JÁ |
| 23 | AGRABESO. |
| 24 | |
| 25 | |
| 26 | |
| 27 | |
| 28 | |
| 29 | |
| 30 | |
| 31 | |
| 32 | |

AP - 24

| Com respeito mudamos o mundo | |
|------------------------------|--|
| 1 | Em primeiro lugar, direi que a intolerância racial não há sim solução, há várias soluções, como as leis, por exemplo, porém a realidade é diferente, pois infelizmente ainda há várias pessoas que não respeitam. |
| 2 | |
| 3 | |
| 4 | |
| 5 | |
| 6 | Em segundo lugar, como disse que há leis e contra isto, mas a realidade é diferente, podemos dar exemplo: Quando uma pessoa de mais condições aliam um negro, não aliam do modo que aliam para um branco ela aliam assim, "atravessado", de um modo preconceituoso, sabem que não tem medo ou pelo fato de estar naquele certo lugar, aquele indivíduo vai roubá-lo ou fazer algo do tipo. No entanto, há pessoas que negue isso, mas pesquisem e você verá vários fatos sobre isto. |
| 7 | |
| 8 | |
| 9 | |
| 10 | |
| 11 | |
| 12 | |
| 13 | |
| 14 | |
| 15 | |
| 16 | Um fato importante é o acontecido com Titi, filha adotiva do casal Bruno Bagliasso e Giovanna Eubank, que foi chamada de mãe por Day Mearthy. Agora pergunte, por que será que essa criança foi chamada assim? Exato pessoas, pelo motivo dela ser negra, ter origem negra, ter nascido em outro país, por sinal um país menos desenvolvido! Muitos internautas se esmeraram e ficaram revoltados com essa atitude de Day Mearthy. Apesar de tudo, Bruno Bagliasso já entrou na justiça contra isso. |
| 17 | |
| 18 | |
| 19 | |
| 20 | |
| 21 | |
| 22 | |
| 23 | |
| 24 | |
| 25 | |
| 26 | Portanto, intolerância racial não solução, é se as pessoas seguirem as leis e terem a mente aberta sobre o Brasil e o mundo ser bem diversificado, onde podemos ser quem quisermos. |
| 27 | |
| 28 | |
| 29 | |
| 30 | |
| 31 | |
| 32 | |

AP - 25

| | |
|----|--|
| 1 | |
| 2 | |
| 3 | |
| 4 | |
| 5 | |
| 6 | |
| 7 | |
| 8 | |
| 9 | |
| 10 | |
| 11 | |
| 12 | |
| 13 | |
| 14 | |
| 15 | |
| 16 | |
| 17 | |
| 18 | |
| 19 | |
| 20 | |
| 21 | |
| 22 | |
| 23 | |
| 24 | |
| 25 | |
| 26 | |
| 27 | |
| 28 | |
| 29 | |
| 30 | |
| 31 | |
| 32 | |

Infelizmente o intolerância racial está presente nos seu dia-a-dia em qualquer lugar que você for. Pessoas de uma raça são tão maltratado como a outra, sofrem constantemente, diariamente, são vítimas desse ato tão cruel, tão desumano, os negros sofrem com agressões físicas e psicológicas.

Concordo a vida das vítimas não são mais a mesma desde o primeiro piado, desde o primeiro alar com sangue nos olhos pelo raio do mesmo.

pois, essas pessoas podem sofrer de danos psicológicos, ou algum trauma, muitas vezes elas deixam de viver ou frequentar algum lugar, por medo, essas atitudes crucis marcamos bastante na vida das vítimas. Eu fiz a uma pergunta, por que cometer o racismo? qual é o motivo, e onde essas pessoas são chegar cometendo este crime? Não preciso pensar muito para chegar a uma resposta para isso, pode-se dizer que, essas pessoas não são alcançar nada de instantâneo. O que elas conquistam é imagas e fazer o próximo sofrer, o motivo por a prática é nada mais do que o ódio, o rançar pelo próximo.

É fácil perceber que um tom de pele pode causar tanta violência, tanto desrespeito e de má vontade opiniões, e assim e o respeito pode ser uma redução para o fim disso, e principalmente, perceber que um simples a baneta Tom de pele não é defeito

AP - 26

| | |
|----|--|
| | A SOCIEDADE RACISTA. |
| 1 | O RACISMO NUNCA VAI ACABAR, SE VOCÊ FOR NA ONDA |
| 2 | DA SOCIEDADE, PORQUE ELA NÃO NOS DEIXA LIVRE. |
| 3 | MA MAIORIA DAS VEZES NÓS TEMOS PRECONCEITO AO |
| 4 | SENTAR AO LADO DE UM INDIVÍDUO NEGRO. MAS, NÃO |
| 5 | PARAMOS PRA PENSAR COMO ESSA PESSOA SE SENTE, COM A |
| 6 | NOSSA ATITUDE, E NÃO SE COLOCAMOS NO LUGAR DELA. |
| 7 | DESTA FORMA, QUANTO TEMPO VAI LEVAR PARA TERMOS |
| 8 | CONSCIÊNCIA DE QUE UMA PESSOA DE COR DE PELE DIFERENTE |
| 9 | DA NOSSA É GENTE COMO A GENTE? |
| 10 | TEMOS TODO TEMPO DO MUNDO, PARA MUDARMOS E ACEITARMOS |
| 11 | AS DIFERENÇAS E CRENÇAS DOS OUTROS. É SÓ OLHARMOS |
| 12 | AZÉIT, AI VAMOS VER QUE NÃO É UMA COR DE PELE QUE |
| 13 | VAI NOS IMPEDIR DE SER AMIGO DESSA PESSOA, DE TRABALHAR |
| 14 | JUNTO, CASAR, TER FILHOS, E ANDAR JUNTO COM ELA. |
| 15 | ASSIM, HÁ SOLUÇÃO PARA SOCIEDADE MUDAR, ÀS VEZES |
| 16 | A GENTE FAZ DIVERSAS COISAS POR CONTA DA SOCIEDADE, |
| 17 | POR EXEMPLO, VESTIMOS UMA ROUPA COMPORTADA PARA IR A |
| 18 | IGREJA, VESTIMOS BIQUÍMI PARA IR A PRAIA, MAS NOS |
| 19 | PODEMOS IR A IGREJA COM UMA CALÇA RASGADA, E PODEMOS |
| 20 | IR À PRAIA COM UMA ROUPA DO DIA A DIA, MAS A GENTE |
| 21 | VAI NA ONDA DA SOCIEDADE, E NÃO TEMOS ATITUDES COM |
| 22 | MEIO DO QUE A SOCIEDADE EM GERAL, FAZE QUE TÁ TODO ERRADO, |
| 23 | ENFIM, SE NÓS MUDARMOS A SOCIEDADE MUDA |
| 24 | PRECISAMOS ENFRENTAR TODO TIPO DE PRECONCEITO QUE |
| 25 | É INFLUENCIADO POR ELA, SÓ ASSIM SEREMOS SERES HUMANOS LIVRES. |
| 26 | |
| 27 | |
| 28 | |
| 29 | |
| 30 | |
| 31 | |
| 32 | |